



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

PRISCILA MARTINS FERNANDES

**IDENTIDADES E MEMÓRIA DE IMIGRANTES JAPONESES
E DESCENDENTES EM LONDRINA: 1930 - 1970**

Londrina
2010

PRISCILA MARTINS FERNANDES

**IDENTIDADES E MEMÓRIA DE IMIGRANTES JAPONESES
E DESCENDENTES EM LONDRINA: 1930 - 1970**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação, em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Gilmar Arruda

Londrina
2010

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação - na - Publicação (CIP)

F363i Fernandes, Priscila Martins.

Identities e memória de imigrantes japoneses e descendentes em Londrina:
1930-1970 / Priscila Martins Fernandes. – Londrina, 2010.
110 f: il.

Orientador: Gilmar Arruda.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina,
Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História
Social, 2010.

1. História Social – Imigração japonesa – Teses. 2. Imigração japonesa – Memória –
Teses. 3. Colonização japonesa – História – Londrina (PR) – Teses. I. Arruda, Gilmar. II.
Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas.
Programa de Pós-Graduação em Matemática História Social. III. Título.

CDU 930.1

PRISCILA MARTINS FERNANDES

**IDENTIDADES E MEMÓRIA DE IMIGRANTES JAPONESES E
DESCENDENTES EM LONDRINA: 1930 - 1970**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação, em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilmar Arruda
UEL – Londrina – PR

Profa. Dra. Zélia Lopes da Silva
UEL – Londrina - PR

Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares
UEL – Londrina – PR

Londrina, 26 de agosto de 2010

AGRADECIMENTOS

Á minha família, pela compreensão, apoio e encorajamento.

Ao prof. Dr. Gilmar Arruda, pela dedicação e compreensão em me orientar neste trabalho.

Aos entrevistados, Prof^a. Estela Okabayaski Fuzii, Sr. Atsushi Yoshii, Dr. Toshihiko Tan, Sr. Masasuke Mashima e seu filho César Mashima, e por fim Dr. Issao Yassuda Udihara pelos depoimentos, que analisados como fontes históricas, foram essenciais para a concretização desta dissertação.

A todos meus amigos e companheiros, pelas diversas prestações de ajuda durante a execução deste trabalho.

Aos professores e colegas de curso, pó estarmos vivenciando juntos mais um momento importante.

A todos os demais que, de qualquer forma, incentivaram ou contribuíram de forma positiva para a realização deste trabalho.

**“Somos uma transição,
e por mais paradoxal que pareça
unimos os antípodas**

Issao Ujihara

FERNANDES, Priscila Martins. **Identities e memórias de imigrantes japoneses e descendentes em Londrina**: 1930-1970. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

Esta dissertação pretende analisar como foi construída as identidades nikkeis em Londrina entre o início da década de 1930 até o ano de 1970 a partir da memória de indivíduos pertencentes a esse grupo étnico, recorrendo ao uso e à análise das fontes orais. Assim, objetiva-se verificar com foram constituídas as estratégias de sobrevivência e de ascensão social dos familiares dos entrevistados, as possíveis transformações, conflitos e negociações de uma memória identitária diante de uma sociedade em sua maioria não descendente, e como essa memória estaria ou não ligada às questões socioeconômicas. Analisa-se, ainda, a importância da educação como suporte para formação das identidades nikkeis, além de verificar aspectos presentes na memória desse grupo étnico, tidos como parte integrante de suas identidades, como honestidade, responsabilidade entre outros, e que servem de elementos que podem diferenciá-los diante da sociedade brasileira. Pretende-se também avaliar o processo de negociação das identidades e os conflitos vividos, analisando por meio da memória desse grupo étnico, em quais momentos se afirma e em quais se nega suas identidades nikkeis.

Palavras-chave: Imigração japonesa. Identidades. Memória

FERNANDES, Priscila Martins. **Identities and memory of japaneses immigrants and descendants in Londrina**: 1930-1970. 2010. 110 f. Dissertação (Mester's degree in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

This master dissertation analyzes how the Nikkeis identities was built in Londrina, from the beginning of 1930 to 1970, using the data from the informant's memories, based on oral investigations. Therefore, the goal of this paper is to verify how the survival and social climbing strategies of the groups were developed, the possible changes and conflicts of the descendants in our society and how this memory was or was not related to socioeconomic issues. We intend to check the importance of education as a support for the construction of the Nikkeis identities, as well as to verify some aspects in their memory, considered part of their identities, such as honesty, responsibility, and others, that differ their culture from the Brazilian society. We also aim at evaluating the process of identity negotiation and the conflicts, analyzing through their memory the moments when the Nikkeis identities is confirmed or denied.

Keywords: Japanese immigration. Identity. Memory.

INTRODUÇÃO

No ano de 2008 foram celebrados os 100 anos da chegada dos primeiros migrantes japoneses. A comemoração do centenário da imigração foi realizada em diversas cidades brasileiras entre elas Londrina, tendo como principal evento o Imin 100¹. Formada por uma comissão organizadora de membros desse mesmo grupo étnico, o Imin 100 promoveu a realização de uma exposição especial, com apresentações artísticas, feira gastronômica, shows, entre outros. Houve também inaugurações de monumentos, e de espaços públicos, como a Praça Tomie Nakagawa². O próprio príncipe japonês Naruhito visitou o Brasil e esteve em Londrina. Os diversos meios de comunicação produziram matérias e reportagens sobre a presença desta etnia e de seus descendentes no Brasil. Além disso, várias empresas veicularam anúncios publicitários mostrando as características e os valores destes homens e mulheres originários do outro lado do mundo.

Os jornais Gazeta do Povo e Jornal de Londrina³, publicados em Curitiba e em Londrina também produziram, conjuntamente, suas reportagens em um suplemento especial dos 100 anos de imigração japonesa. Esse suplemento organizado em cinco volumes⁴, e publicado entre os dias 16 e 20 de junho de 2008, aborda a trajetória dos imigrantes desde a saída de seu país natal, passando pelo ingresso, acomodação e progresso no Brasil, e principalmente no estado do Paraná,

¹ Também chamada de Expo Imin 100, ocorreu entre os dias 18 e 22 de junho de 2008, no Parque de Exposições Ney Braga, em Londrina (PR).

² Essa praça localizada na região central de Londrina foi inaugurada em 22 de junho do ano de 2008. A praça leva o nome de Tomie Nakagawa, a última sobrevivente do navio Kasato Maru (que trouxe a primeira leva de imigrantes em 18 de junho de 1908). Tomie viveu e faleceu em Londrina. A inauguração da praça Tomie Nakagawa contou com a presença do príncipe Naruhito do Japão, entre outras autoridades. Esse empreendimento foi patrocinado pela comunidade *nikkei* de Londrina e custou R\$ 2,5 milhões. Fonte: <http://www.londrinatur.com.br/Londrina/Turismo_Londrina/Atrativos_Turisticos/Praca_Tomie_Nakagawa/2_27_1783.html>.

³ Ambos os jornais do grupo RPC (Rede Paranaense de Comunicação) afiliada a Rede Globo.

⁴ Os cinco volumes do suplemento 100 anos de imigração japonesa têm como temas centrais os seguintes assuntos: Volume 1: Pioneiros desbravam terras brasileiras. Volume 2: Antonina, a primeira morada dos imigrantes. Volume 3: Norte do Paraná acolhe imigrantes em busca de uma vida melhor. Volume 4: Territórios nipônicos no interior do Paraná. Volume 5: Retorno à fantástica terra dos ancestrais.

o longo das décadas seguintes, chegando até o recente fenômeno dos *dekasseguis*⁵.

Neste material encontramos os temas que podem ser destacados como as características escolhidas como elementos de identidades tanto pelos descendentes como pelos jornalistas. Outros temas da cultura japonesa trazida para o Brasil também foram apresentados nesse suplemento, como a religiosidade, a gastronomia, a escrita, os esportes, entre outros.

Um *nikkei* da cidade de Assai, no Norte do Paraná, comenta em seu depoimento publicado em um artigo do suplemento, o que considera o legado deixado pelos imigrantes japoneses ao Brasil. Nesta fala é possível perceber alguns elementos identitários presentes na memória desse grupo étnico: moralidade, pureza, dedicação, amor e esforço. No final demonstra o que considera o fim das tradições e dá pistas sobre as transformações identitárias:

[...] segundo o produtor rural e presidente da Liga das Associações Culturais de Assaí (Laca), Cairo Kogushi, cuja família chegou à cidade em 1935, Assaí é a cidade mais japonesa do Paraná, claro que numa proporção bem menor que a da época de sua fundação. “Se no começo a população era 99% japonesa, acredito que hoje não chegue à metade dos habitantes, muito pelo movimento *dekassegui*”, lembra ele [...], ele diz ter sido boa a herança dos imigrantes no país.

O mais marcante ele acredita que seja o aspecto de moral, de pureza, dedicação e de não fazer o mal aos outros. “Existe um lema emblemático que diz que o amor e o suor são fundamentais e na sociedade em que não existem essas duas coisas é muito mais comum ocorrerem problemas”, assinala Kogushi, comentando que muitas das tradições vêm sendo deixadas de lado pela comunidade, como falar a língua japonesa em casa, por exemplo. [...] ⁶

Em outra parte, no editorial do 3º volume, ressalta-se a participação japonesa no desenvolvimento e ‘progresso’ de cidades do Norte do Paraná como Londrina, Maringá e Apucarana.

⁵ Palavra de origem japonesa que significa sair temporariamente do lugar de origem para trabalhar em outro lugar, seja no mesmo país ou no exterior. Aqui, este termo será designado para se referir aos brasileiros descendentes de japoneses que vão trabalhar no Japão.

⁶ JUSTINO, Adriano. “Pedaços” do Japão sofrem com esvaziamento. **Gazeta do Povo; Jornal de Londrina**, Curitiba; Londrina, 19 jun. 2008. Suplemento especial: 100 anos de imigração japonesa, 4/5 v. p. 6-8.

Se hoje são grandes as cidades no Norte paranaense como Londrina, Maringá e Apucarana, muito se deve aos imigrantes japoneses que ali se instalaram ao deixarem o regime de quase escravidão em fazendas de café paulistas. Não foi da frustração do sonho de enriquecer que surgiram as forças que ajudaram a levar o progresso para aquelas terras, foi a descoberta paulatina da potência própria da perseverança e da união da comunidade nipônica que fizeram as terras brasileiras belas e férteis. Aqui, as tradições se mantêm, passados cem anos da imigração, como os estilos teatrais Noh, Kabuki e Bunraku, a singela poesia dos minimalistas haikais e as virtudes nascidas com os samurais, devidamente cultivadas no seio dessa comunidade.⁷

Destaca-se nesse pequeno trecho, a ideia do desapego ao sonho frustrado de enriquecimento, a perseverança e a união da comunidade nipônica, e que esses elementos fizeram das terras brasileiras belas e férteis. Devemos pensar que o primeiro trecho citado apresenta a memória de um descendente, enquanto que esse último trecho é um editorial escrito por nacionais⁸, o que demonstra as formas como aparecem às imagens dos descendentes tanto por eles próprios quanto pelos outros (não descendentes).

Também nos anúncios publicitários aparecem referências ao centenário e a determinadas características identitárias do grupo étnico japonês. Um dos anúncios, de uma rede privada de colégios diz: “No Paraná, muitos foram trabalhar em plantações e enfrentaram dificuldades. Hoje, colhem prosperidade”.⁹ A mensagem é que, apesar das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes no Paraná, hoje a comunidade japonesa colhe a prosperidade, trazendo assim a ideia de que as estratégias de sobrevivência e de ascensão social desses imigrantes foram bem sucedidas.

Em outro anúncio, de um banco estatal federal, destaca que o sonho dos imigrantes japoneses cem anos após a imigração ao Brasil teria se tornado realidade. Esse sonho seria o de garantir uma vida melhor, uma vida próspera, e que esse sonho foi conquistado por milhares de *nikkeis*¹⁰ e que também

⁷ Rumo às terras do Norte. **Gazeta do Povo; Jornal de Londrina**, Curitiba; Londrina, 18 jun. 2008. Suplemento especial: 100 anos de imigração japonesa, 3/5 v. p. 2.

⁸ **100 anos de imigração japonesa** é uma série de fascículos desenvolvida pela editoria de Projetos Especiais, encartada pelos jornais Gazeta do Povo e Jornal de Londrina. Diretor de redação: Nelson Souza Filho. Edição: Andréa Sorgenfrei e Keyse Caldeira.

⁹ Anúncio publicitário da Rede Marista de Colégios. **Gazeta do Povo; Jornal de Londrina**, Curitiba; Londrina, 18 jun. 2008. Suplemento especial: 100 anos de imigração japonesa, 3/5 v. p. 3.

¹⁰ Nesse trabalho o conceito de “*nikkei*” será abordado de acordo com a definição dada por Jeffrey Lesser, que segundo ele é um termo geral usado para os descendentes de japoneses nascidos no Brasil.

teriam contribuído para o desenvolvimento do país. Assim, como o anúncio anterior esse também apresenta a ideia de que as estratégias de sobrevivência e de ascensão dos *nikkeis* dentro da sociedade brasileira teriam sido alcançadas.

“Há 100 anos os ‘japoneses vieram atrás dos seus sonhos. Hoje eles se tornaram realidade”.

“Em 1908 chegou no Porto de Santos o Kasato Maru, primeiro navio com imigrantes japoneses. Na bagagem, havia a cultura milenar e muita força para o trabalho. Depois de 100 anos, a esperança se transformou em desenvolvimento para os milhares de *nikkeis* e para o Brasil. Esse povo que acreditou em um sonho e o transformou numa próspera realidade merece uma grande homenagem [...]”.¹¹

Por meio destas matérias podemos perceber a recorrente utilização das possíveis características identitárias dos imigrantes e descendentes, como: educação, trabalho, perseverança, disciplina, união, organização. Nota-se também uma imagem autorreferente, a do *nikkei* bem sucedido que estaria presente tanto na memória dos pertencentes a este grupo étnico quanto nos discursos da sociedade envolvente.

Portanto, cabe aqui se fazer as seguintes questões: como se formou esta imagem? Quais papéis tiveram a educação, a tradição, entre outros elementos identitários? Assim, um dos objetivos principais desta pesquisa é verificar a penetração da imagem do *nikkei* bem sucedido e até que ponto ela estaria presente na memória desse grupo étnico, além de analisar como essa memória atuou na construção das identidades e na negociação de uma etnicidade¹² *nikkei*.

Neste sentido, esta dissertação analisa como foram construídas as identidades *nikkeis* em Londrina a partir da memória de indivíduos pertencentes a esse grupo étnico. Além de averiguar, com base na memória de membros desse

¹¹ Anúncio publicitário da Caixa (banco). **Gazeta do Povo; Jornal de Londrina**, Curitiba; Londrina, 18 jun. 2008. Suplemento especial: 100 anos de imigração japonesa, 3/5 v. p. 12.

¹² O conceito de *etnicidade* é entendido aqui como um sentimento de pertencimento exclusivo a um determinado grupo étnico, assim, um conceito próximo ao de identidade. “É preciso ressaltar que se, por um lado, muitas comunidades se auto-afirmam positivamente a partir de seus costumes, por outro, a identidade étnica (a etnicidade) é um elemento que contribui para a construção do etnocentrismo. Ao se identificarem com membros de uma cultura em comum, diferentes dos que o cercam, um determinado grupo reage às culturas diferentes muitas vezes com repulsa. O sentimento de superioridade diante de diferentes culturas é, assim, criado na identidade étnica. [...] Em suma, a discussão sobre etnia nos leva repensar o próprio conceito de etnocentrismo.” Fonte: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 125-126.

grupo, como foram formadas as estratégias de sobrevivência e de ascensão social de sua família, as possíveis transformações ocorridas na memória destes indivíduos diante de uma sociedade em sua maioria não descendente e, como a negociação de uma memória identitária estaria ou não intimamente ligada também às questões socioeconômicas.

Para investigar este processo optou-se a cidade de Londrina no período entre a chegada ao município, no início da década de 1930, até o ano de 1970. Isso porque desde a década de 1940, a região Norte do Paraná, onde Londrina se insere, é tida como a segunda maior concentração de japoneses no Brasil¹³. Não só a grande concentração de *nikkeis*, em Londrina nos chama atenção, mas também a sua forma de colonização, já que a presença de imigrantes japoneses e descendentes, e de outras pessoas vindas de diferentes estados do Brasil e também advindas de outros países, ocorreu devido à ação da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), uma empresa privada que realizou a venda de inúmeros lotes rurais, de pequeno e médio porte, e, portanto, mais acessíveis de aquisição, na região Norte do Paraná, entre as décadas de 1930 e 1940.

Isso proporcionou aos japoneses e descendentes, a oportunidade de saírem da situação de empregados nas fazendas de café paulistas e de se tornarem proprietários, em muitos casos pela primeira vez. Assim, verifica-se neste trabalho como a construção das identidades *nikkeis* se deu nessa situação, visto que os japoneses e descendentes nesta região do país, puderam ser proprietários e, além disso, tiveram de se relacionar de forma mais aprofundada com os outros — nacionais e imigrantes originários de outros países, ocasião que se diferencia da experiência paulista.

Analisaremos também, em Londrina, o processo dessa construção das identidades observando tanto a geração de imigrantes, que provavelmente viveram no meio rural entre os de 1930 e início dos anos de 1950, e de seus descendentes, que foram viver no meio urbano, principalmente entre as décadas de 1950 e de 1970.

Até aqui as pesquisas se preocuparam em tratar da questão dos imigrantes japoneses e descendentes no Brasil. No entanto, elas não abordaram a

¹³ Fonte: ARAI, Jhony; HIRASAKI, Cesar. **100 anos da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Bunkyo – Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, 2008, p. 74.

inserção deste grupo étnico nas sociedades envolvidas, analisando como isso se deu dentro do processo de construção de identidades deste grupo, especialmente em Londrina, e é isto que se procura realizar nesta dissertação. Para isso serão utilizadas, principalmente as fontes orais, abordando as hipóteses de que a importância da educação, e valores como a honestidade, a pontualidade, a responsabilidade entre outros, poderiam servir de elementos identitários, e que este recurso também poderia ser utilizado como justificativa de apresentar a memória do grupo étnico japonês como algo coeso, além de reforçar a imagem de um grupo bem sucedido na sociedade envolvente.

Outros trabalhos, que serão discutidos ao longo do texto¹⁴, já apresentaram a difícil aceitação que os imigrantes japoneses tiveram no Brasil antes mesmo da chegada do primeiro navio, em 1908, devido ser considerados uma etnia não europeia, além de abordarem o preconceito e as dificuldades vividas por esses imigrantes em ter de se adaptarem a uma nova cultura: a brasileira.

Fazendo um balanço desses mais de cem anos da imigração japonesa para o Brasil, muito se escreveu sobre a presença desses imigrantes e do legado que eles deixaram para o país. No entanto, durante as comemorações desses cem anos, notou-se que pouco ou praticamente nada se problematizou do processo de inserção e de aceitação desse grupo étnico, em um país onde somente os imigrantes “brancos” e europeus eram tidos como desejáveis. Além disso, tanto o grupo étnico, com a sua autorreferência, quanto as propagandas feitas por nacionais buscaram evidenciar uma imagem de um *nikkei* bem sucedido, e que teria deixado um legado aos brasileiros de valores como a importância da educação, honestidade e a responsabilidade.

Para tentar responder as questões colocadas anteriormente, optou-se por privilegiar a pesquisa com as fontes orais e a memória. Uma discussão sobre a memória faz-se, portanto, necessária.

Michael Pollak ao investigar sobre memória coletiva e memória individual retoma a análise de Maurice Halbwachs.

¹⁴ Elencamos dois trabalhos que analisam o contexto pré-imigratório: LESSER, Jeffrey. **A negociação da Identidade Nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp, 2001. NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Restrições ao braço asiático (chinês e japonês) como força de trabalho. Diferenças regionais. In: _____. **Imigração japonesa na História Contemporânea do Brasil**. São Paulo: Massao Ohno Editor; Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1984.

Em vários momentos, Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de 'negociação' para conciliar memória coletiva e memórias individuais: 'Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem passa ser reconstruída sobre uma base comum'.¹⁵

Dessa maneira, as análises de fontes orais, mesmo se tratando de memórias individuais, devem ser analisadas como memórias que negociam o tempo todo com a memória coletiva, que pode ser a memória do grupo étnico, reconstruída sobre uma base comum.

Ao estudar a memória coletiva de três grupos¹⁶, Pollak pretende averiguar os processos e os atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias.

Quando se verifica a memória de um grupo étnico, como o formado por imigrantes e descendentes de japoneses, deve-se levar em consideração o discurso e as circunstâncias que se apresentam no presente.

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos. [...]¹⁷

Como se verificou nos trechos destacados do suplemento em comemoração aos cem anos da imigração japonesa, a atual conjuntura se apresenta favorável a ideia de prosperidade desse grupo étnico. Além disso, nota-se que parte dos *nikkeis* se inseriu com sucesso em alguns setores socioeconômicos em Londrina nos últimos anos, seja como profissionais liberais, empresários ou comerciantes. Alguns valores apontados nos depoimentos como significativos das

¹⁵ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-4.

¹⁶ Caso dos crimes estalinistas, caso dos judeus deportados à Alemanha após o holocausto, e o caso dos recrutados à força da região da Alsácia e Lorena.

¹⁷ *Ibid.*, p. 8-9.

identidades, como honestidade, pontualidade, responsabilidade e principalmente a importância da educação dos descendentes já nascidos no Brasil, podem, desta perspectiva, serem vistos como uma interpretação do próprio passado do indivíduo e da memória coletiva que aparecem como construções de estratégias de sobrevivência e de ascensão social, além de serem possíveis elementos que buscam diferenciar esse grupo étnico dos demais.

[...] A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.¹⁸

Essa questão do pertencimento e das fronteiras sociais, partindo do aspecto da memória coletiva, pode ser observada no contexto da imagem de sucesso profissional e socioeconômico dos *nikkeis*, onde a ideia de coesão do grupo se torna importante para definir seu lugar na sociedade, além de se defender das possíveis oposições. Como podemos observar na análise do historiador Jeffrey Lesser.

[...] A geração *issei*¹⁹ (imigrante) foi quase inteiramente rural, mas isso mudou drasticamente quando os *nisseis* (primeira geração) mudaram-se para áreas urbanas em busca de educação e profissões liberais. Desde 1950 os *nikkeis* brasileiros têm sido, no todo, altamente representados nas classes alta e média da sociedade brasileira, se os parâmetros forem renda, localização residencial, educação ou profissão. Nesse sentido, o *nikkei* se encaixa na mesma categoria que os descendentes tanto de imigrantes judeus, quanto árabes (Oriente Médio), cujas estratégias similares usadas para ascender social e economicamente eu explorei em um trabalho anterior. [...]

A cultura oficial brasileira nega a importância — ou mesmo a existência de etnia e, mais ainda, de raça. Ao mesmo tempo, tem o branco como ideal. Essa contradição cultural é importante porque os imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil esforçaram-se

¹⁸ Ibid., p. 9.

¹⁹ Termo japonês dado aos imigrantes japoneses, nascidos no Japão. Os filhos, nascidos no Brasil são denominados de *nisseis*. Aos netos brasileiros de imigrantes japoneses é dado o nome de *sanseis*. Os bisnetos são denominados de *yonseis*, e os tataranetos de *gosseis*. Fonte: **Veja**. São Paulo: Abril, ano 40, n. 2038, 12 dez. 2007. p. 82-91.

para se transformarem em brancos, fazendo a noção de “japonês” [...] tornar-se algo como uma metáfora de sucesso no Brasil.²⁰

Segundo Lesser, houve a utilização dessa metáfora de sucesso por parte do grupo étnico *nikkei* como uma estratégia de inserção positiva na sociedade brasileira, e dessa forma a questão da ascensão social teve um papel importante dentro do processo de construção da memória. Dessa maneira, será investigado neste trabalho se isso de fato ocorreu no aspecto da memória do grupo étnico *nikkei* de Londrina, como uma estratégia mais ou menos consciente de construção de suas identidades.

Retomando o debate sobre a memória de um determinado grupo, verifica-se em Pollak uma análise sobre o trabalho de enquadramento da memória:

Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência. É, portanto absolutamente adequado falar, como faz Henry Rousso, em memória enquadrada, um termo mais específico do que memória coletiva. Quem diz ‘enquadrada’ diz ‘trabalho de enquadramento’. Todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente. Esse trabalho deve satisfazer a certas exigências de justificação.²¹

Partindo desse pressuposto, serão investigadas quais estratégias que estão presentes na constituição das identidades *nikkeis* em Londrina, com base na análise da memória. Para isso, a escolha das fontes orais permite-nos ter melhor acesso a essa memória do grupo e assim auxiliar na investigação sobre a constituição de suas identidades. Além disso, a fonte oral é importante para analisar aspectos que não são possíveis de serem investigados em outros tipos de fontes, como jornais, documentos oficiais, ou de outras fontes escritas.

²⁰ LESSER, Jeffrey. De *nikkei* para brasileiro e vice-versa: o papel da etnicidade na luta armada de São Paulo. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNON, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (Orgs.). **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora da UNESP, 2008. p. 24-25.

²¹ POLLAK, op. cit., p. 9.

Baseando-se na concepção apresentada por Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira,²² a respeito do uso das fontes orais como metodologia de pesquisa, adotamos os seguintes métodos nesse trabalho.

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho — tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho — , funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral — o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história. Aí se agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico. [...] ²³

Com o objetivo de melhor verificar aspectos da construção das identidades a partir da memória do grupo étnico *nikkei*, adotamos a perspectiva de entrevistas de história oral de vida. Esse tipo de entrevista, por deixar o entrevistado mais livre para contar sua experiência, poderá indicar elementos que talvez não fossem abordados se delimitássemos os assuntos em um questionário.

A metodologia de coleta de fontes orais por meio de entrevistas de histórias de vida apresenta algumas especialidades, como apontam José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda.²⁴

Porque as histórias de vidas são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala. Isso talha a essência subjetiva da história oral de vida. No caso da história oral temática, contudo, a existência de um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto, recorta e conduz a possíveis maiores objetividades. Por lógico reconhece-se que objetividade absoluta não existe, mas há recursos capazes de limitar devaneios e variações. Uma das práticas decisivas na diferenciação entre história oral de vida, na medida do possível, deve-se trabalhar com o que se

²² AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: _____. (Coords.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

²³ Ibid., p. xvi.

²⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

convencionou chamar de “entrevistas livres”; em história oral temática, o que deve presidir são os questionários, que precisam estabelecer critérios de abordagem de temas. As perguntas e respostas, pois, são partes do andamento investigativo proposto.²⁵

A rede de entrevistados foi constituída por cinco membros do grupo formado pelos imigrantes e descendentes de japoneses que viveram em Londrina entre os anos de 1930 e 1970, com intuito de se ter uma melhor noção de como ocorreu o processo de negociação e de integração desse grupo na sociedade brasileira, no caso específico de Londrina. A partir daí, verifica-se como na memória desses imigrantes e descendentes se formaram alguns elementos identitários e quais estratégias de sobrevivência e de ascensão social se destacaram. Assim, recorreremos a professora aposentada Estela Okabayaski Fuzii que por ser uma pessoa bastante atuante no meio *nikkei*, poderia contribuir nessa pesquisa não só como depoente, mas também indicando outras pessoas, que se enquadrariam nessa rede de pesquisa. Outro elemento verificado por meio das fontes orais foi o aspecto da educação, e como ela aparece sendo uma das principais estratégias de ascensão social na memória identitária desse grupo étnico.

Com relação ao perfil dos cinco integrantes da rede somente um dos entrevistados é imigrante japonês, enquanto que um entrevistado é neto de imigrantes, e os outros três descendentes de imigrantes da primeira geração nascida no Brasil, ou seja, *nisseis*. Eles foram selecionados porque além de fazerem parte do grupo a ser analisado nesse trabalho, eles vivenciaram um momento importante de transição apontado pela historiografia: os *nikkeis* ficaram entre preservar a cultura de seus ancestrais e também de se estreitar maiores relações sociais com os nacionais, sendo os que mais promoveram a entrada do grupo étnico japonês na sociedade brasileira. Por fim, os cinco entrevistados são formados em nível superior, isso demonstra que o grupo familiar de todos eles optou pela estratégia de educação para elaborarem as identidades *nikkeis*.

Além disso, solicitamos aos entrevistados que relatassem sobre seus ancestrais japoneses, para tentar entender como foi o processo de imigração e verificar se a experiência familiar migrante poderia influenciar na formação das identidades *nikkeis*. Ao realizar esse tipo de abordagem levamos em consideração a seguinte concepção de memória.

²⁵ Ibid., p. 35.

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa até o tempo de vida individual. Por meio de relatos de experiências familiares, de crônicas que registraram o cotidiano, de tradições, de histórias contadas através de gerações e de inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se o tempo presente, e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e se constituem como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico.²⁶

Durante a introdução desse trabalho, outro aspecto a ser esclarecido será o da escolha da bibliografia a ser analisada. Além da discussão sobre a memória e das análises das fontes, a bibliografia é outro ponto fundamental para tentarmos entender o objeto aqui investigado. Para isso, preferimos realizar uma análise da bibliografia mais atualizada sobre o assunto — trabalhos publicados nas décadas de 1990 e 2000, principalmente. Optamos por essa bibliografia porque ela traz novas formas de abordagem sobre essa temática, levantando novas problemáticas, incluindo questões como identidades e etnicidades, considerando os possíveis conflitos ocorridos nas diferentes fases da presença japonesa e de seus descendentes no Brasil. Utilizando-se de novas metodologias e do diálogo com conceitos até então pouco trabalhados ou revistos dentro dessa temática, essa bibliografia permite que se aprofunde melhor a discussão, e traz elementos que vão auxiliar na análise do estudo aqui levantado.

Até então, em trabalhos de autores como, por exemplo, Tomoo Handa²⁷, Hiroshi Saito²⁸, e Homero Oguido²⁹, as análises eram mais focadas em aspectos como a presença de imigrantes e descendentes de japoneses em diferentes regiões do Brasil, e também no processo de integração e assimilação desses imigrantes e da primeira geração nascida no Brasil. Acredita-se que esse tipo de análise foi realizado, pois ainda nesse período, parecia ser recente estudar as questões relacionadas às identidades, à memória e às estratégias adotadas pelos imigrantes e descendentes.

²⁶ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral** – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 40-41.

²⁷ HANDA, Tomoo. **O Imigrante Japonês**. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A Queiroz; Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

²⁸ SAITO, Hiroshi (Org.). **A Presença Japonesa no Brasil**. São Paulo: T.A Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

_____. MAEYAMA, T. **Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1973.

²⁹ OGUIDO, Homero. **A saga dos Japoneses no Paraná**. 2ª ed. Curitiba: Ipê, 1988.

No entanto, nas últimas décadas, constatou-se que houve uma evolução das discussões sobre a imigração de japoneses para o Brasil. Além da questão do *nikkei* poder ser melhor avaliada, houve também toda uma evolução historiográfica, já que muitos aspectos e conceitos passaram a ser problematizados e revistos. Apresenta-se também o fenômeno do movimento de emigração de brasileiros ao Japão, os chamados *dekasseguis*, iniciado na passagem das décadas de 1980 e 1990, e que pode ser tratado como uma ruptura na história desse grupo étnico no país. Esse fenômeno, provavelmente, fez autores integrantes dessa historiografia repensar sobre o assunto, inserindo novas problemáticas. Portanto, nos últimos vinte anos houve uma ampliação significativa da discussão sobre a questão das identidades, da etnicidade e das relações sociais no período pós-guerra.

Um dos trabalhos analisados é o de Zuleika Alvim³⁰, que trata da trajetória dos imigrantes que fizeram parte dos grandes deslocamentos populacionais para o Brasil ocorridos entre 1830 e 1930. A autora analisa o choque vivido pelos imigrantes entre a vida privada e pública devido às transformações nas atividades produtivas, nos hábitos de moradia, higiene, alimentação, nas práticas religiosas, educacionais e sanitárias, que seriam bem diferentes das de suas terras de origem.

Alvim traz uma importante contribuição para essa dissertação ao abordar aspectos da imigração, como a vida privada desses imigrantes e a sua sociabilidade nos primeiros anos da vinda para o Brasil, principalmente no campo.

Mesmo tendo trabalhado a questão da imigração de forma generalizada, ou seja, sem trabalhar especificamente a etnia japonesa, ele traça um panorama de como foram os primeiros anos de permanência dos imigrantes estrangeiros no Brasil, apresentando os dois modelos de imigração que ocorreram: um na região Sul e a outra em São Paulo, e que ambas se dirigiram basicamente para a área rural. Assim, ao realizar a análise sobre as fontes orais, serão levados em consideração os apontamentos apresentados por Zuleika Alvim sobre o modo de vida e as relações sociais estabelecidas durante a fase inicial do movimento imigratório para o Brasil.

³⁰ ALVIM, Zuleika. A Vida Privada dos Pobres do Campo. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 3 v.

Outra análise que contribui para a nossa reflexão é o texto de Boris Fausto.³¹ Ele inicia seu trabalho com uma indagação e já adianta que a resposta não é simples: os imigrantes tiveram ou ainda tem uma vida privada com traços distintivos que possa ser recortada do quadro mais amplo da população do país receptor? Considerando a condição específica do imigrante o autor relacionou características significativas para expor o seu modo de vida no Brasil.

Uma delas seria o processo imigratório que significou um profundo corte, com vários desdobramentos, tanto no aspecto material quanto no imaginário. Todavia o corte não significou o esquecimento de uma fase passada, pelo contrário, essa fase se integrou de forma permanente ao presente, seja na vida individual, familiar ou do grupo étnico.

O texto de Fausto apresenta sua contribuição para esse trabalho ao analisar as principais estratégias, primeiramente de sobrevivência e depois de ascensão social desses imigrantes, seja por meio de microssociedades seja pelo aspecto do trabalho, ou ao discurso do imigrante trabalhador. Esses apontamentos são de grande importância para tentar entender os aspectos da memória identitária e das estratégias de sobrevivência e de ascensão social vivenciados por imigrantes japoneses e descendentes em Londrina.

O terceiro trabalho a ser discutido é de Maria Regina Clivati Capelo³², que aborda uma questão importante que se coloca nessa dissertação: a valorização da educação pelo grupo étnico *nikkei*. Em sua pesquisa, sobre as escolas rurais japonesas na região de Londrina, essa autora analisa as fontes orais, e avalia a importância desse espaço na memória do grupo étnico japonês.

A análise de Capelo indica também outros aspectos da territorialidade desse grupo, durante as décadas de 1930 e 1940, que serão investigados nesse trabalho, como as colônias (seções), onde as associações juntamente com as escolas tinham papéis fundamentais como organizações comunitárias de ajuda mútua.

³¹ FAUSTO, Boris. Imigração: Cortes e Continuidades. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). SHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 4 v.

³² CAPELO, Maria Regina Clivati. Presença Japonesa: Escolas Rurais de Processos Étnicos. **Educação, escola e diversidade cultural no meio rural de Londrina**: quando o presente reconta o passado. 2000. 288p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Além disso, outra importante contribuição de Capelo está em evidenciar as lutas (conflitos) em torno da escola (japonesa ou brasileira). Estes conflitos apontam que as territorialidades étnicas não são necessariamente marcadas de forma visível no espaço. Assim, as lutas em torno da escola podem ser interpretadas como conflitos por territórios de identidades, pois com o fim da situação de fronteira³³ em Londrina (por volta de meados da década de 1940 e 1950), já não é preciso eliminar fisicamente o outro, a partir desse momento o embate se dá no campo da política, no campo da negociação das identidades.

A última obra a ser analisada é a do historiador norte-americano Jeffrey Lesser³⁴. Verifica-se nessa obra, como e por que imigrantes e descendentes de japoneses participaram de uma negociação da identidade e como a etnicidade foi de importância crítica para essa negociação, visando fazerem parte integrante da moderna nação brasileira, formada nos últimos 150 anos.

Dessa forma, as contribuições do trabalho de Lesser para essa dissertação é demonstrar que o processo de inserção dos imigrantes não-europeus, especialmente os japoneses, não foi algo simples de ser alcançado, sendo que houve uma preocupação de ambos os lados, nacionais e imigrantes, de se negociar, e até disputar seu espaço na sociedade brasileira, por meio da questão da etnicidade e da formação de uma identidade nacional, e que essa negociação ainda não se encerrou.

Ao apontar esse debate, Lesser também traz outra contribuição: apresentar as possíveis estratégias utilizadas por esses imigrantes e descendentes

³³ Segundo José de Souza Martins a fronteira se caracteriza pelo estágio da história em que as relações sociais e políticas, de uma determinada região, estão, de certo modo, marcadas pelo movimento de expansão demográfica sobre terras “não ocupadas” ou “insuficientemente” ocupadas. Além disso, de acordo com a sua análise “O que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social. [...] Nesse conflito, a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História. [...] A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o outro se torna a parte antagonista do nós. Quando a História passa a ser a nossa História.” MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 150-151.

³⁴ LESSER, Jeffrey. **A negociação da Identidade Nacional**: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.

nessa negociação da etnicidade. Pode-se verificar que as questões de ascensão econômica e social são de grande importância para essa negociação.

Por fim, outro ponto abordado por Lesser e que também será debatido nessa dissertação é o aspecto da crise de identidade vivida pelos descendentes de japoneses, que ainda não tem sua “brasilidade” reconhecida de fato pelos não-descendentes, o que pode ser percebido pelo uso do termo “japonês” ao se referir a esses brasileiros, chamados pelo o autor de *nikkeis*.

Até o momento não foi realizado nenhum trabalho que tratasse especialmente da análise das memórias e de suas estratégias partindo do valor da educação e de como isso se estabeleceu na construção identitária do grupo étnico *nikkei*. Assim, esse trabalho se apresenta com uma nova discussão temática, pretendendo contribuir com a historiografia que trata da presença de imigrantes e descendentes de japoneses em Londrina e no Brasil.

No primeiro capítulo será analisado como foi efetivada a colonização em Londrina, focando na vinda dos imigrantes japoneses, na sua organização em colônias e na implementação das escolas. Antes, porém, será apresentado o cenário da imigração japonesa para o Brasil, para se entender o processo de inserção desses imigrantes e descendentes em Londrina, dentro de um contexto nacional e internacional. Apresentaremos também aqui, uma revisão historiográfica dos trabalhos apresentados nessa introdução, procurando problematizar a temática proposta. E por último serão destacados as transformações socioeconômicas ocorridas no Brasil após a Segunda Grande Guerra e que foram fundamentais para a constituição das identidades presentes na memória *nikkei*.

No capítulo dois trabalharemos a importância da educação como suporte para formação das identidades *nikkeis* em dois momentos: antes e após a Segunda Guerra Mundial, além de verificar como esse elemento se apresenta na memória desse grupo étnico como uma estratégia de sobrevivência e de ascensão social.

Já no terceiro serão abordadas as crises identitárias verificadas entre os *nikkeis* que se colocam ora como brasileiros ora como japoneses. Assim pretende-se verificar aspectos presentes na memória desse grupo étnico tidos como parte constituinte de suas identidades, como honestidade, responsabilidade entre outros, e que servem de elementos que os diferenciam diante da sociedade brasileira. Ainda nesse capítulo será analisada a questão da negociação de

identidades e também os conflitos vividos, analisando por meio da memória, em quais momentos se afirmam e em quais se negam suas identidades.

1 A COLONIZAÇÃO EM LONDRINA E A VINDA DOS IMIGRANTES JAPONESES

Nesse capítulo será apresentado o cenário da imigração japonesa para o Brasil, com o intuito de verificar como foi o processo de inserção desses imigrantes no país até o momento de chegada à cidade de Londrina. Com isso, apresentaremos o debate sobre a permissão da entrada desses imigrantes e também da necessidade do Japão de enviar essas pessoas para fora de seu país. Todavia, o foco principal será dado à presença dos imigrantes japoneses e seus descendentes em Londrina, analisando o processo de colonização e as formas primordiais de organizações desse grupo: dada principalmente em colônias; e na importância das escolas para essa comunidade. Ainda nesse capítulo, será realizada uma revisão historiográfica acerca da presença dos imigrantes japoneses e descendentes no Brasil, pretendendo proporcionar um diálogo entre esses trabalhos com a pesquisa aqui realizada. E por fim, analisaremos a questão temporal que permeia esse trabalho, avaliando as transformações socioeconômicas ocorridas no Brasil no pós-guerra e como essas mudanças atingiram esse grupo étnico e a construção de suas identidades.

1.1 O CENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL

Segundo Arlinda Rocha Nogueira³⁵ a discussão sobre a entrada de asiáticos no Brasil começou a ser debatida durante o reinado de D. Pedro II, quando se passou a refletir sobre a introdução de imigrantes vindos da Ásia, como tentativa de solução para o problema da falta de mão de obra, devido à extinção do tráfico de escravos trazidos da África. Porém, nesse momento o governo mostrou-se contrário a um estreitamento nas relações diplomáticas com os países asiáticos.

A introdução do braço japonês como força de trabalho para a lavoura paulista teve que vencer uma série de barreiras entre elas a da

³⁵ NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Restrições ao braço asiático (chinês e japonês) como força de trabalho. Diferenças regionais. In: _____. **Imigração japonesa na História Contemporânea do Brasil**. São Paulo: Massao Ohno Editor; Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1984.

opinião pública e a governamental que se manifestavam contrárias aos asiáticos em geral como, também, as limitações impostas por decretos leis promulgados tanto por parte do governo federal como do Estado de São Paulo.³⁶

A partir de 1870, com as medidas cada vez mais restritivas adotadas à mão de obra escrava, os órgãos oficiais passaram a pensar seriamente na introdução do asiático na busca de solução para a crise de mão de obra³⁷. Ainda de acordo com Nogueira, nesse mesmo momento, o governo brasileiro recebeu solicitações do governo japonês de ser estabelecido entre os dois países um tratado de comércio e amizade. No entanto, D. Pedro II, “mostrando-se contrário a um estreitamento nas relações diplomáticas com os países asiáticos, nem mesmo se deu ao trabalho de responder às pretensões do governo nipônico”.³⁸

Nesse período, políticos como Joaquim Nabuco e Alfredo d’Escragnolle Taunay se apresentam como grandes adversários da entrada de asiáticos (chineses) no Brasil. Amado Luiz Cervo, apresenta um dos argumentos de Taunay:

[...] a lavoura cafeeira sofreu com a lei de 13 de maio [de 1888, a abolição da escravidão] e necessita ainda mais de braços; o europeu vai ensinar ao brasileiro trabalhar como homem ‘livre’; a imigração vai difundir a pequena propriedade, ‘indispensável à grandeza do Brasil’; o europeu fará decrescer a miséria social, despertando nos pobres a necessidade de conforto, que procurarão satisfazer com os frutos do trabalho: é o poder do exemplo [...].³⁹

Nota-se que havia na fala Taunay a preocupação não apenas de suprir a falta de mão de obra através da imigração, mas também com as possíveis consequências desse ato. Segundo ele, a imigração europeia seria a ideal para o Brasil, levando esse país ao desenvolvimento e à superação da injustiça social gerado por séculos de escravidão. Além disso, a imigração europeia tinha para ele um caráter pedagógico, quando afirmava que o europeu iria ensinar ao brasileiro trabalhar como homem ‘livre’, sendo eles um exemplo.

³⁶ Ibid., p. 79

³⁷ Ibid., p. 79-80.

³⁸ Ibid., p. 80.

³⁹ CERVO, Luiz Amado. **O parlamento brasileiro e as relações exteriores: 1826-1889**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981. p. 186.

Após a instauração do regime republicano, o problema da falta de trabalhadores alegada pelos produtores rurais e a resistência da política imigrantista à introdução dos asiáticos no país continuavam.

No início da República foi baixado o Decreto n. 528 de 28 de junho de 1890. Por este dispositivo legal o Brasil estaria aberto a todas as pessoas válidas e capazes para o trabalho, desde que não estivessem sob processo criminal em seu país de origem, com exceção dos africanos e dos asiáticos. [...] Este posicionamento do governo federal foi um dos grandes obstáculos que tiveram que ser vencidos para que o imigrante japonês viesse ter ao Brasil. Na verdade o emprego da mão de obra asiática continuou a ser objeto de repetidas discussões.⁴⁰

De acordo Jeffrey Lesser já nessa época, São Paulo abrigava milhares de imigrantes. Por volta de 1888, os italianos formavam o grupo mais numeroso.

Desde a década de 1870, os fazendeiros vinham incentivando os governos federal e estadual a tentar trazer europeus para ocupar o lugar dos escravos, e o estado de São Paulo, com sua maciça economia cafeeira, era o centro dessa atividade.⁴¹

De início, foram recebidos com entusiasmo porque iriam promover o “embranquecimento” do Brasil. Entretanto, ao se depararem com uma situação de descaso e de completa pobreza, esses trabalhadores imigrantes começaram a promover protestos contra as precárias condições sociais e de trabalho que enfrentavam⁴². Diante desse momento de apreensão, principalmente para os fazendeiros cafeicultores, veio ao Brasil, em 1894, o enviado especial para assuntos de imigração Sho Nemoto. Este apresentava o Japão como o país que iria fornecer os imigrantes ideais para o Brasil: quietos, trabalhadores e com vontade de se tornarem brasileiros, representando tudo que os europeus não eram⁴³.

Nemoto como todos os demais diplomatas japoneses defendiam a emigração de seu povo ao Brasil, pois:

⁴⁰ NOGUEIRA, op. cit., p. 81-82.

⁴¹ LESSER, 2001, op. cit., p. 153-154.

⁴² Ibid., p. 154.

⁴³ Ibid., p. 154.

[...] O interesse do governo Meiji pela emigração dava-se em razão da sempre crescente população rural, que vinha-se tornando cada vez mais faminta e inquieta. A emigração era um ‘tema constante nas discussões sobre a situação econômica do Japão e seu lugar no mundo’, uma vez que ela tinha como objetivo aliviar as pressões sobre a terra e, ao mesmo tempo, criar colônias que cultivariam gêneros alimentícios que seriam reexportados para o Japão. Os fazendeiros brasileiros haviam-se decepcionado com os substitutos que eles haviam conseguido para os escravos, enfrentavam uma suposta escassez de mão de obra e viam a imigração japonesa como uma solução fácil. Ambos os países esperavam que a imigração levasse a um aumento no comércio entre eles.⁴⁴

No entanto, Sho Nemoto não conseguiu firmar com o Brasil nenhum acordo de colonização, mas em menos de quinze anos as questões burocráticas foram resolvidas, e entre 1908 e 1941, entraram no país cerca de 189 mil imigrantes japoneses, quase todos contando com alguma espécie de subsídio.⁴⁵

1.2 A VINDA DOS IMIGRANTES JAPONESES E DESCENDENTES À LONDRINA

Londrina, localizada na região denominada de Norte do Paraná, encontrava-se entre as décadas de 1930 e 1950, num período em que as relações sociais e políticas estavam marcadas pelo movimento de expansão demográfica e econômica sobre terras ocupadas até então por indígenas e/ou caboclos. Este estágio é caracterizado como de fronteira⁴⁶.

⁴⁴ Ibid., p. 155.

⁴⁵ Ibid., p. 155.

⁴⁶ Como já foi anteriormente apresentado, a caracterização do estágio de fronteira baseou-se na leitura de MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997, que o definiu como o estágio da história em que as relações sociais e políticas, de uma determinada região, estão, de certo modo, marcadas pelo movimento de expansão demográfica sobre terras “não ocupadas” ou “insuficientemente” ocupadas. Todavia, segundo Lúcio Tadeu Mota, ao tratar da região Norte do Paraná apontou a presença bastante marcante do discurso de “vazio demográfico” produzido na história oficial das companhias colonizadoras, na abordagem dos geógrafos e historiadores especialistas sobre o Paraná entre as décadas de 1930 e 1950, e por último nos livros didáticos, que se apresentam como uma síntese dessas fontes, reproduzindo para os estudantes paranaenses a ideia dessa região como um imenso vazio demográfico, até ser colonizada no início da década de 1930. Esse discurso, de acordo com Mota, apresenta uma noção de um espaço produzido “dentro dos marcos da expansão capitalista, que incorpora uma nova área ao seu sistema produtivo”. Assim esse autor procura desmitificar a ideia de um processo harmônico e pacífico elaborado no ponto de vista dos colonizadores. Ainda, segundo Mota, o espaço que era até então habitado por comunidades indígenas, passa a ser tratado como um espaço vazio e improdutivo, a espera de ser ocupado pela economia nacional produtiva. Dessa maneira, constrói-se o vazio demográfico à custa da expulsão

Maria Regina Clivati Capelo aponta algumas das principais motivações do fluxo migratório de japoneses e descendentes que estavam estabelecidos no estado de São Paulo para a região Norte-paranaense.

[...] as terras paulistas, onde grande parte dos imigrantes trabalhavam desde o início do século [XX], perdiam a fertilidade ou eram inacessíveis para os colonos, ao menos quando se tratava de terras já cultivadas ou de boa qualidade. Por isto, a possibilidade de ascenderem à condição de proprietários era mais viável tratando-se de terras incultas, com preços mais acessíveis e em condições mais favoráveis de pagamento — caso em que se enquadravam as férteis terras roxas do norte paranaense.⁴⁷

A presença dos imigrantes japoneses e descendentes em Londrina foi marcada pela chegada da frente pioneira⁴⁸, graças à ação da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), uma empresa privada de origem inglesa, que realizava vendas de lotes rurais, localizados principalmente, na região norte do Paraná, entre as décadas de 1930 e 1940.

Entre os responsáveis pelo sucesso da colonização [...], figuram Mr. Arthur Thomas e o Sr. Hikoma Udihara, sendo o primeiro, gerente-geral da CTNP, que confiou plenamente na capacidade do segundo para vender terras entre os imigrantes japoneses, nomeando-o representante exclusivo. Dedicou-se Hikoma Udihara, durante 25 anos, à CTNP, ajudando os japoneses a se fixarem no Norte Novo do Paraná, que é a região com a maior concentração de *nikkeis* do estado.⁴⁹

Para a região de Londrina vieram pessoas predominantemente dos estados de São Paulo, Minas Gerais, dos estados do Nordeste brasileiro e também do exterior. Londrina se torna município no ano de 1934.

ou eliminação das populações indígenas que passam a serem inseridas à margem da história. Ver essa discussão em: MOTA, Lúcio Tadeu. A construção do vazio demográfico. In: **As guerras dos índios kaingang**. A história épica dos índios kaingang no Paraná. (1769-1924). Maringá: Eduem, 1994.

⁴⁷ CAPELO, op. cit., p. 220-221.

⁴⁸ De acordo com José de Souza Martins, geógrafos estudiosos do tema sobre a fronteira no Brasil, desde anos de 1940, utilizam a designação de *frente pioneira* para tratar do deslocamento da população sobre territórios novos. Ainda segundo Martins, a frente pioneira é a situação espacial e social que convida ou induz à modernização, constituindo um ambiente oposto aos das regiões antigas, tradicionalistas. Sobre esse conceito ver em: MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

⁴⁹ ASARI, Alice Yatiyo; TSUKAMOTO, Ruth Youko. Da terra do sol nascente às terras férteis do Paraná: territorialização e organização social de *nikkeis*. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Orgs.). **Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. p. 94.

Um olhar atento para as pessoas que circulam pelas principais ruas de cidades norte-paranaenses permite-nos deduzir que esta região foi alvo de deslocamentos populacionais de diversas etnias. São decorrentes das migrações externas e internas que possibilitaram a convivência de pessoas, de culturas, costumes heterogêneos [...].⁵⁰

Segundos dados apontados por Homero Oguido⁵¹, até dezembro de 1938, havia em Londrina 533 japoneses proprietários de terras. Em número superior encontramos somente brasileiros e imigrantes e descendentes de italianos.

Outra fonte que confere com os dados acima e demonstra a relevante presença de japoneses e descendentes em Londrina foi apresentado por Alice Yatiyo Asari e Ruth Youko Tsukamoto:

Em 1940, Londrina possuía 2100 habitações e 10 mil moradores. Entre esses, estavam os pioneiros de 31 nacionalidades. Dos proprietários de lotes, 1823 eram brasileiros, 611 italianos, 533 japoneses, 510 alemães, 303 espanhóis, 218 portugueses, 193 poloneses, 172 ucranianos e 138 húngaros, para citar apenas os mais numerosos.⁵²

1.2.1 OS NÚCLEOS COLONIAIS JAPONESES EM LONDRINA

Segundo registros da CTNP o Sr. Mitsuji Ohara, graças ao trabalho de Hikoma Udihara, tornou-se a primeira pessoa a adquirir lotes de 15 alqueires, na gleba Ribeirão Cambé, no dia 27 de março de 1930. O desempenho de Hikoma Udihara como corretor encarregado de vendas pela CTNP foi crucial para a vinda e a permanência dos imigrantes japoneses entre os anos de 1930 e 1955. Nesse período foram fundados 31 núcleos coloniais.⁵³

O neto de Hikoma Udihara, Issao Yassuda Udihara⁵⁴, um dos entrevistados neste trabalho, destaca em seu depoimento o papel de seu avô na

⁵⁰ Ibid., p. 91.

⁵¹ OGUIDO, Homero. **A saga dos japoneses no Paraná**. 2. ed. Curitiba: Ipê, 1988.

⁵² ASARI; TSUKAMOTO, op. cit., p. 94.

⁵³ Ibid., p. 94-95.

⁵⁴ Neto de imigrantes japoneses, Issao Yassuda Udihara nasceu em São Paulo (SP), no dia 22 de julho de 1951, mas cresceu em Londrina. Formou-se em medicina pela Universidade Estadual de Londrina, no ano de 1976. Especialista em pediatria exerce essa profissão desde 1979, sempre nesta cidade. Já atuou no Hospital Universitário, e na Caixa de Assistência e Pensões da Prefeitura Municipal de Londrina (CAAPSMEL), além de manter, até hoje, um consultório liberal.

colonização em Londrina, e de seu desprendimento em ver a colonização japonesa prosperar nessa cidade:

Falar da colonização japonesa é falar do pioneiro Hikoma Udihara, nascido na província de Kochi, no Japão, no dia 8 de novembro de 1882, ele dedicou 63 anos de sua vida no Brasil. 50 anos dos quais colonizando cidades do Norte do Paraná como chefe de vendas da Companhia de Terras Norte do Paraná. Ele morreu pobre, porque tudo que ele recebeu com a venda de milhares de alqueires de terra... terras, ele doou aos colonos e comerciantes por ele trazidos para a terra Norte-paranaense. A sua maior satisfação era ver o quanto cada um tinha progredido.

Issao Yassuda Udihara ainda apresenta as dificuldades vividas pelo seu avô para colonizar Londrina e comenta sobre a sua importância para a presença de japoneses e descendentes nessa cidade.

Em 1922, ele estava trabalhando na Companhia Agrícola Barbosa Ferraz, em Cambará (PR) e por intermédio dela acabou ingressando na recém constituída Companhia de Terras Norte do Paraná, a convite de um inglês, também maluquinho igual ele, chamado Mister Arthur Thomas e de um outro [...] chamado Willie Davies, que veio a ser posteriormente o primeiro prefeito de Londrina. [...] E com eles veio uma difícil jornada em lombo de burros, para posse, reconhecimento e demarcação dos 515 mil alqueires onde mais tarde se formaria a cidade de Londrina. Aí, ele se tornou um agente exclusivo para negociações com os japoneses. E foi ele quem realizou a venda dos dois primeiros lotes da [CTNP] aqui em Londrina, tá?! Para japoneses. Por isso, tá cheio de japonês aqui em Londrina, tá?! É... no Norte do Paraná.

A organização em núcleos coloniais ou *shokuminchi*, de acordo com o levantamento feito pelo projeto *Atlas da Colônia Internacional – CTNP*:⁵⁵

[...] era uma tradição entre os imigrantes japoneses. Visava a cooperação mútua entre os membros da comunidade e a educação dos filhos. A própria CTNP incentivava a sua formação, doando, em algumas situações, o terreno para a construção da escola. Uma colônia era formada basicamente por algumas dezenas de lotes rurais interligadas por uma estrada e tendo a escola / *kaikan* no seu

Além disso, já foi vice-presidente da Associação Médica de Londrina, foi secretário do Sindicato dos Médicos de Londrina, e atualmente está exercendo o 3º mandato como presidente da Cooperativa de Trabalho Médico de Londrina (UNIMED). Sr. Udihara é casado e tem duas filhas.

⁵⁵ Projeto da Universidade Estadual de Londrina, coordenado pelo professor Dr. Humberto Yamaki, do Departamento de Arquitetura (UEL). Esse projeto visa, entre outros, o resgate de mapas das antigas colônias – *shokuminchi* no Norte do Paraná

centro geográfico. Era um sistema de espacialização sobreposto às divisões em glebas da Companhia de Terras.⁵⁶

Ainda com base nesse levantamento, a Colônia Dai-Ikku ou Seção Número Um foi a pioneira no empreendimento da CTNP. Teve início em outubro de 1931 na área a leste de Londrina, entre os ribeirões Limoeiro e Cambé.⁵⁷ Grande parte dessas colônias foram constituídas distante alguns quilômetros do núcleo urbano mais próximo. “Definiram uma densa paisagem cultural marcada pelo sistema de ocupação do lote e edificações com forte caráter de traços nipônicos”.⁵⁸ (ver Mapa 1)

As colônias também variavam entre elas dependendo da origem das pessoas que moravam ali.

Um levantamento realizado nos anos [19]40 mostra que existiam vários tipos de colônias, conforme a origem dos moradores. 1. Formadas por famílias que tiveram as mesmas passagens por fazendas ou colônias no Estado de São Paulo, 2. Pessoas da mesma Província, 3. Pessoas com a mesma religião ou crença, e 4. Pessoas que migravam, já dentro da Colônia Internacional, conforme avançava a colonização. Resultava numa grande diversidade e complexidade na organização social e cultural, contornada através de regras de tradição.⁵⁹

Para Sidinalva Maria Wawzyniak, os valores culturais presentes nas formações dessas colônias proporcionaram “a construção de uma etnicidade fundada no pertencimento e na reciprocidade, crescendo a função de aproximar os japoneses pela mentalidade.”⁶⁰

⁵⁶ YAMAKI, Humberto (Coord.). ATLAS DA “COLÔNIA INTERNACIONAL”. CTNP. Londrina. *Folder da Exposição*. Londrina, 2008.

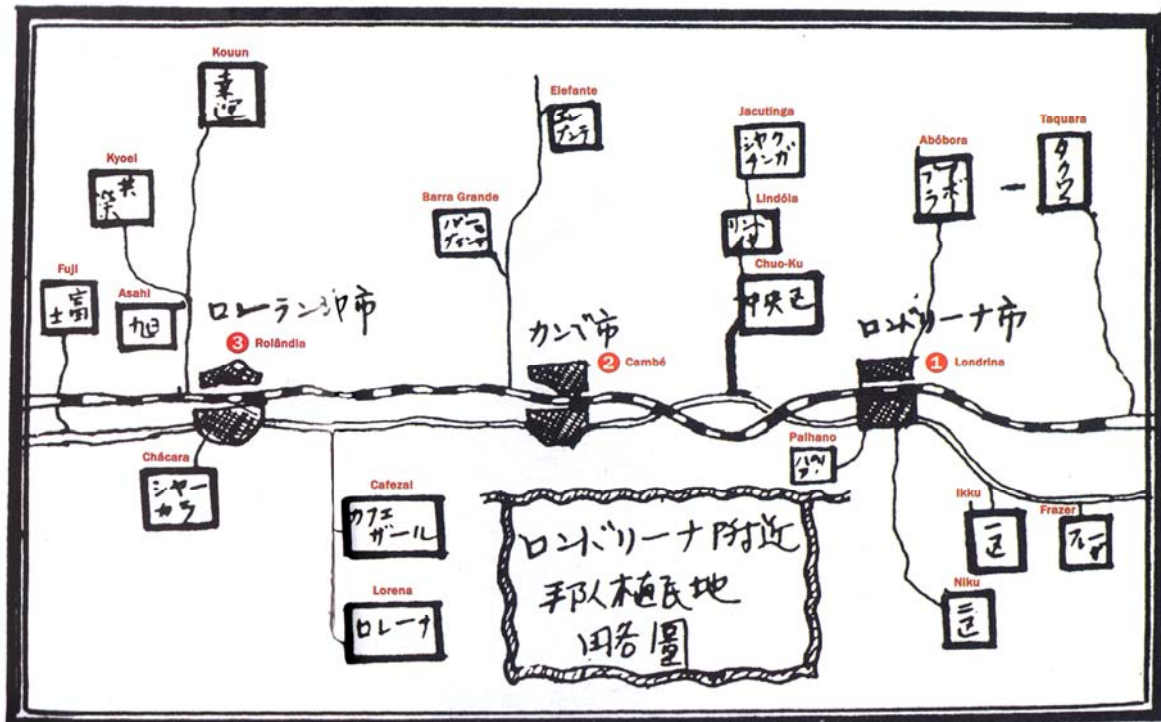
⁵⁷ Hoje ali se localiza o aeroporto, o Parque Arthur Thomas, a Associação Cultural e Esportiva de Londrina (ACEL), a Praça Nishinomiya, a Av. Dez de Dezembro entre outros. Além dessa outras colônias se destacavam: Dai-Niku (Seção Número Dois), Central, Abóbora, Taquara, Frazer, Alegre, Shin-ai (Fé e Amor), Koun-um (Boa Sorte), Hinode (Sol Nascente), Fuji, Yamato (Grande harmonia ou também nome genérico dado ao povo japonês). Era grande a variedade de nomes dados às colônias. Resultavam da adoção de nomes de ribeirões e lugares e, mais ainda, de palavras que refletissem as esperanças e lembranças. Fonte: YAMAKI, Humberto (Coord.). ATLAS DA “COLÔNIA INTERNACIONAL”. CTNP. Londrina. *Folder da Exposição*. Londrina, 2008.

⁵⁸ YAMAKI, op. cit.

⁵⁹ YAMAKI, Humberto. **Mini atlas da colônia internacional**: as terras da CTNP. Londrina: Edições Humanidades, 2008. p. 14.

⁶⁰ WAWZYNIK, Sidinalva Maria. A “Colônia” como representação: Imigração japonesa no Brasil. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (Orgs.). **Cem anos da imigração japonesa**: história, memória e arte. São Paulo: Editora da UNESP, 2008. p. 185.

A partir da década de 1930, a “Colônia” estabeleceu um elo que propiciou a constituição de uma rede de solidariedade entre os japoneses, permitindo a sobrevivência, nos núcleos, nas pequenas cidades e nos centros urbanos. Após a Segunda Guerra, passou a desempenhar um papel importante na organização da vida dos imigrantes e seus descendentes, uma vez que foi se tornando, para além de ponto de referência e aglutinadora das ações, uma possibilidade sempre aberta para o estreitamento de vínculos entre eles.⁶¹



Mapa 1 – Mapa esquemático com a localização das colônias de imigrantes japoneses nos arredores de Londrina, Cambé e Rolândia.

Fonte: YAMAKI, Humberto. **Mini atlas da colônia internacional:** as terras da CTNP. Londrina: Edições Humanidades, 2008.

Portanto a colônia pode ser analisada, a princípio, como uma das estratégias de sobrevivência, não somente socioeconômica, mas, também cultural desse grupo étnico. E no período pós-guerra passou a ter um papel aglutinador e de referência para essa etnicidade.

A “Colônia”, [...] constituiu um campo de relações de comunicação e referência que orientava os imigrantes japoneses e seus descendentes; concomitantemente preservou uma identificação étnica valorizando e ressaltando traços culturais que refletiam na sua organização social. [...] ⁶²

⁶¹ Ibid., p. 186.

⁶² Ibid., p. 186.

Outro elemento importante dentro da organização em núcleos coloniais era a formação de escolas. Essas eram, geralmente, construídas e sustentadas pelos próprios colonos, demonstrando que ainda nos primeiros anos de vivência no Brasil, os imigrantes japoneses se preocupavam em dar aos filhos uma educação voltada para as suas tradições, tentando reproduzir ações e comportamentos típicos do Japão em plena sociedade brasileira. Isso porque, segundo Wawzyniak:

[...] uma formação educacional com base em uma matriz japonesa, que deu “prioridade à difusão da educação” como um dos pontos fundamentais de desenvolvimento social, tinha como objetivo preparar os filhos para o momento do retorno à terra natal.⁶³

Como estratégia de sobrevivência das identidades do grupo étnico japonês a escola tinha um papel fundamental, como aponta Wawzyniak.

A busca da preservação e manutenção da diferença mediante a educação, por parte dos imigrantes e das organizações por eles criadas, foi uma atitude de fechamento do grupo na perspectiva de reativar e atualizar continuamente a consciência de sua cultura de origem e do papel que os nipônicos deveriam desempenhar para não perder o vínculo com o seu país. Foi também uma forma de manter uma representação da sociedade japonesa em um território estrangeiro.⁶⁴

Com um processo de colonização e de presença de japoneses e descendentes bastante marcantes, Londrina se torna o espaço a ser analisado nesse trabalho. Nas primeiras décadas de colonização, percebe-se a colônia e a escola como elementos cruciais dentro das estratégias de sobrevivência, num momento em que o futuro ainda parecia incerto, e que o desejo de retornar com a família de forma bem sucedida ao país de origem era acalentado. Esses elementos também podem servir como importantes pontos de referências para se entender a constituição das identidades *nikkeis*, presente na memória desse grupo étnico em Londrina.

⁶³ Ibid., p. 173.

⁶⁴ Ibid., p. 175.

1.3 UMA REVISÃO DA HISTORIOGRAFIA SOBRE A PRESENÇA DE IMIGRANTES JAPONESES E DESCENDENTES NO BRASIL E EM LONDRINA

Analisaremos abaixo as obras que tratam tanto do assunto da imigração quanto das questões de identidades e de sociabilidade de imigrantes japoneses e descendentes e que possuem importância para pensar o próprio objeto de pesquisa. Nenhum dos trabalhos a seguir tratam especificamente da discussão sobre as identidades *nikkeis* a partir da memória de indivíduos pertencentes a esse grupo étnico na cidade de Londrina, porém são obras que podem dialogar em diferentes aspectos com as fontes aqui abordadas.

Um desses trabalhos é o de Zuleika Alvim⁶⁵. Essa autora analisa as relações sociais de imigrantes em geral, principalmente na primeira fase de imigração para o Brasil, que abrange de 1830 a 1930, partindo da experiência que essas pessoas tiveram entre a vida pública e privada, relacionando o choque vivido nesses primeiros anos do processo de chegada a esse país.

Europeus, africanos e asiáticos, portadores de culturas e hábitos tão díspares, passaram a conviver entre si, obedecendo a regras controladas não mais pelas comunidades a que pertenciam e onde todo o mundo se conhecia, mas por autoridades impalpáveis e invisíveis como as do Estado, da burguesia naval que os transportava de um lado ao outro do mundo, de novos donos de terras ou indústrias, seus novos patrões nas terras de adoção.⁶⁶

Alvim verifica uma série de motivos que teriam levado a emigração em massa para a América, a partir principalmente de 1850, de habitantes de diversos países da Europa, Oriente Médio e do Japão, seriam eles: econômicos; perseguições religiosas; crescimento demográfico; desenvolvimento tecnológico e expansão das companhias de navegação. Todavia, muitos deles estavam resistindo à proletarização nos seus países, lutando para preservar valores, como viver ligado à terra. Assim, na América suas condições de sobrevivência eram baseadas na conservação de suas estruturas familiares e de seu modo de vida.

Alvim investiga ainda, aspectos da aventura imigratória como o imaginário, a atração de imigrantes para o Brasil, e a travessia. Em sua pesquisa

⁶⁵ ALVIM, op. cit.

⁶⁶ Ibid., p. 216.

destacam-se também os elementos de vida privada e principalmente a adaptação a esse novo meio.

Entre os dois tipos de imigração que houve para o Brasil, analisados por Alvim, uma para o Sul do país e outra para o estado de São Paulo, região Sudeste, elegemos verificar melhor sua análise voltada para esta última região, pois, a atração de imigrantes japoneses se deu principalmente nesse caso.

Ao analisar sobre a inserção dos imigrantes em São Paulo, Zuleika Alvim apresenta os seguintes aspectos.

Movidos pelo mesmo desejo de possuir um pedaço de terra, italianos, espanhóis, portugueses e japoneses, só para nos reunirmos aos grupos mais numerosos, enfrentaram outro panorama. [...]

Os últimos cinquenta anos do processo [de 1830 a 1930], são definidos por uma política imigratória clara, pautado pelo anseio dos cafeicultores paulistas por mão de obra farta e barata para as suas plantações, sobretudo a partir de 1884. Desejosos de substituir os escravos em suas fazendas, eles não mediram esforços. Assim, com o intuito de facilitar a realização de tais objetivos, uma infra-estrutura sem precedentes foi montada, envolvendo passagens gratuitas, arregimentadores em toda a Europa, colocação de colonos⁶⁷ nas fazendas, construção de uma hospedaria em São Paulo para abrigar os recém-chegados até sua ida para as plantações de café, uma forma de pagamento que conjugava salários com os resultados da venda de produtos das lavouras pessoais no mercado. Todas essas transações, que exprimiam as relações entre colonos e fazendeiros, eram firmadas numa caderneta de trabalho, cuja capa trazia impresso um contrato.⁶⁸

Os primeiros momentos da inserção dos imigrantes ao chegarem às fazendas de café no interior de São Paulo, são analisados da seguinte forma pela autora:

Foi nesse contexto que os imigrantes que se dirigiam para São Paulo tiveram que recomeçar suas vidas e retomar seus valores. Não puderam, como no Sul, reconstituir uma paisagem que lhes lembrasse o país de origem. Ao contrário, precisaram se habituar à monotonia dos cafezais que se estendiam por quilômetros e quilômetros. Quando essas plantações eram novas, a uniformidade podia ser quebrada pelos pés de milho e feijão que os fazendeiros permitiam aos colonos plantar entre as fileiras do café e cujo fruto

⁶⁷ Entendido aqui como os trabalhadores contratados para as fazendas, para colonização agrícola.

⁶⁸ Ibid., p. 249-250.

poderiam comercializar para complementar seus salários. Mas quando os cafezais eram velhos, isso era proibido.⁶⁹

Além disso, a retomada dos hábitos de vida não foi tarefa fácil. Como não era possível adquirir um pedaço de terra numa primeira etapa, era necessário se adaptar a forma de trabalho exigida pelos cafeicultores paulistas, para que no futuro fosse alcançado esse objetivo. Sobre as dificuldades alimentares a autora destaca o problema enfrentado pelos japoneses e como isso foi sendo contornado, modificando inclusive a paisagem brasileira.

O arroz e feijão à moda brasileira talvez nunca tenha sido tão odiado como o foi pelos japoneses. Recriar o mundo alimentar foi difícil para os imigrantes dessa nacionalidade. Chegando às fazendas, ficavam à mercê dos donos das vendas, cujos conselhos pouco lhes serviam. [...] Assim sendo, no desconhecimento do preparo dos gêneros comprados a duras penas, comiam carne-seca e o bacalhau seco assados. Nem desconfiaram, por algum tempo, que deviam deixá-los imersos na água para amolecerem. [...] Os costumes originais desses imigrantes ajudaram a redesenhar a paisagem nos terrenos que recebiam em torno às suas casas ou em lugares destinados à lavoura deles. Assim, enquanto as hortas italianas se cobriam de pimentões, tomates e outras verduras habituais na alimentação natal, os japoneses não descansavam enquanto não viam brotar o arroz [...].⁷⁰

Ao analisar as moradias, Alvim comenta que elas não tinham nenhum traço pessoal, geralmente eram casinhas enfileiradas, previamente construídas para receber os colonos, isso quando não eram as velhas senzalas adaptadas. As diferenças podiam ser notadas no interior delas, sendo os italianos tidos como os mais zelosos, enquanto que os japoneses pareciam não se importar tanto com a moradia, devido à ânsia em economizar ao máximo para retornarem o mais breve possível ao Japão.

No entanto, ao se tratar da higiene pessoal, os japoneses apresentavam a necessidade do banho diário, segundo Alvim, não sossegavam enquanto não construíssem a banheira do *furô*⁷¹, ou tomasse um banho de imersão. Porém, esse hábito cultural causou espanto aos nacionais, como demonstra a

⁶⁹ Ibid., p. 253-4.

⁷⁰ Ibid., p. 255-6.

⁷¹ Também conhecido como *Ofurô*, é uma espécie de banheira tipicamente japonesa que apresenta um formato mais profundo e mais curto que as banheiras ocidentais.

autora em um relato dado à Tomoo Handa, que trata da chegada de um grupo de imigrantes japoneses a cidade Registro, no estado de São Paulo:

[...] os homens recém-vindos do Japão, não hesitaram em se desvencilhar de todas as suas vestes, e em pêlo, de um salto, mergulharam no rio. O assombro da plateia brasileira foi imensurável. Nem os nativos tomariam tal atitude! Que bárbaros eram aqueles japoneses! Consternados, correram a avisar a polícia local, A autoridade, mais sensata, no lugar da esperada providência enérgica simplesmente declarou tratar-se de uma diferença de hábitos [...].⁷²

Para Zuleika Alvim as relações intergrupais na área rural foram pouco estudadas pela historiografia. Todavia, essa autora nos indica em sua análise pontos interessantes de reflexões e de críticas.

[...] Pouco se sabe dos diversos atritos entre colonos de nacionalidade diferentes convivendo no mesmo espaço, como no caso das fazendas em São Paulo, e menos ainda das relações estabelecidas entre imigrantes, negros, caboclos e sobretudo índios — os habitantes mais antigos.

Nessas relações, a noção de solidariedade, tão comum nas pequenas aldeias de origem, foi com certeza a que sofreu maiores abalos. Alemães originários do Norte não se davam com alemães do Sul, e os dois não aceitavam os poloneses. Italianos setentrionais e meridionais viam-se com estranheza e mesmo desprezo; ambos, no entanto, não gostavam dos japoneses⁷³.

De acordo com essa autora: “Toda e qualquer desavença entre os países de origem era transferida ao país de adoção, passando a fazer parte do cotidiano dos imigrantes como se estes ainda estivessem na própria pátria”.⁷⁴

Alvim destaca também a questão do preconceito contra negros e caboclos. Os imigrantes, mesmo sendo vistos de forma pejorativa pela elite nacional, se julgavam superiores àqueles que os ajudaram em momentos de dificuldade na nova terra.

Uma relação de vizinhança difícil se estabeleceu também com os negros e caboclos, provavelmente a mais difícil. Precisavam e se

⁷² HANDA, Tomoo apud ALVIM, op. Cit., p. 261.

⁷³ ALVIM, op. cit., p. 268-269.

⁷⁴ Ibid., p. 269.

serviam dos conhecimentos destes, sobretudo nos primeiros tempos, para se adaptar ao novo país, mas, contraditoriamente, não hesitavam em menosprezá-los. [...]

Não dominar os padrões nativos significava, muitas vezes, quase morrer de fome. Se para os primeiros colonos que chegaram o governo antecipou seis meses de alimentos, para os que vieram posteriormente a situação piorou. Na ocasião em que lhes era designado um lote e deste tomavam posse, o governo lhes dava alimentos para quinze dias. Terminadas as provisões, eram obrigados a caminhar léguas para se reabastecer, deixando mulher e filhos sem qualquer assistência. Em muitos desses momentos, a ajuda de negros e caboclos foi essencial⁷⁵.

Ao encerrar a discussão, Alvim investiga sobre a saída de imigrantes do campo para o meio urbano, objetivando melhores condições de vida. Porém, a adaptação ao meio urbano deveria ser revista em relação à do campo, pois era mais difícil manter os mesmos padrões de vida, como o trabalho familiar. Alvim aponta ainda para os casos em que imigrantes preferiam, desde que desembarcaram ao Brasil, trabalhar na cidade, devido às suas experiências prévias, que dificultariam a adaptação ao trabalho no campo.

Esses aspectos presentes no trabalho de Alvim contribuem para verificar a experiência dos imigrantes nos primeiros anos de vida no Brasil, através do diálogo com as fontes orais. Portanto, analisar como foi a vida no campo, os seus anseios ao iniciarem uma vida nova em terra estrangeira e também a saída do campo para a cidade, podem ser analisadas aqui como referências presentes na memória do grupo étnico nipônico, auxiliando na interpretação das possíveis estratégias que aparecem na formação das identidades desse grupo.

O texto de Alvim aponta para uma diferença em relação ao que apresentamos anteriormente no tópico sobre a vinda dos imigrantes japoneses e descendentes a Londrina: nas fazendas de café os imigrantes foram localizados nas casas já pré-construídas, eram colonos, empregados nessas fazendas. No caso de Londrina, já se tornavam proprietários de pequenos lotes, e a forma de localização deles deu-se através das colônias, onde eles podiam construir ou reconstruir sua paisagem de origem, reviver tradições e culturas, além de poder transmitir tudo isso aos seus descendentes.

⁷⁵ Ibid., p. 272-3.

Outro trabalho que passa a ser discutido é o de Boris Fausto.⁷⁶ No início de seu texto coloca-se uma pergunta: se devido a condição específica, teriam os imigrantes tido ou se ainda teriam uma vida privada com traços distintivos que possa ser recortada do quadro mais amplo da população do país receptor? Já que a imigração não representou um esquecimento de uma fase passada, mas, como um momento que se integrou de forma permanente ao presente, seja na vida individual, familiar ou do grupo étnico. Partindo dessa ideia, esse trabalho acredita que por meio da análise da memória do grupo étnico pode-se avaliar a questão das identidades. E assim a pergunta feita aqui se torna: o imigrante e seus descendentes ainda continuam sendo “os outros” dentro da sociedade brasileira, mantendo traços identitários que os distingue dos nacionais ou de outras etnias?

Boris Fausto coloca em discussão vários aspectos relacionados a sociabilidade e as identidades dos imigrantes em geral. Entre elas, o autor analisa a visão que o imigrante teve ao chegar ao Brasil, e também a visão da população do país receptor. Como fonte, o autor analisa uma reportagem do Correio Paulistano, sobre a chegada dos primeiros imigrantes japoneses, em 1908, no porto de Santos.

O repórter revela ter uma expectativa prévia das figuras que espera encontrar, derivada de imagens de gravuras japonesas, perpassando pelo texto uma certa decepção causada pela não-identificação dessas imagens. Ele se depara com gente vestida à ocidental, com trajes muito simples; porém, a decepção se reduz ao vislumbrar nas mulheres “os penteados que temos visto em pinturas japonesa, mas sem os grampos colossais que as mesmas pinturas nos apresentam”. [...]⁷⁷

Outro elemento de análise sobre os imigrantes apontado por Fausto foi que ao se estabelecerem no Brasil, eles tentavam amenizar o corte (esse corte seria o próprio processo de imigração) arranjando suas casas com objetos que lembrassem a sua terra de origem.

Desse modo, o arranjo de sua casa tem características próprias, evidenciadas nos chamados objetos biográficos. Um retrato emoldurado de toda a família, tirado geralmente pouco antes da partida, uma imagem religiosa, baixelas, tapetes, uma caixa de madrepérola, ou simples talheres, são expostos como fragmentos de um mundo a que se deseja voltar mas que se suspeita jamais ser

⁷⁶ FAUSTO, op. cit.

⁷⁷ Ibid., p. 18.

possível rever ou, talvez pior, ao revê-lo, não mais reconhecer seus traços originais⁷⁸.

Essa observação de Fausto nos remete, também, as questões levantadas por Zuleika Alvim, que ao comentar sobre as dificuldades desses imigrantes nos primeiros momentos de sua inserção no Brasil, analisa que esses não puderam alterar a paisagem que encontraram, tendo que adaptar o modo de vida e os costumes de seus países, principalmente no caso daqueles que se instalaram nas fazendas de café paulistas. Na abordagem de Fausto, todavia, nota-se que os arranjos de objetos da terra natalícia, puderam então amenizar o corte. Mesmo essa análise parecer chocar com a de Alvim, nesse aspecto, deve-se levar em consideração que Fausto está verificando principalmente a imigração voltada para a área urbana.

Para o autor o corte, através do deslocamento de espaço, podia ser motivado por vários aspectos predominando o de natureza econômica. O desejo de retorno surgia como uma possibilidade, mas o desejo de um retorno vitorioso, como, uma viagem de visita aos parentes para exibir o seu êxito. No entanto, esse desejo para a maioria acabou sendo frustrado.

Esse desejo, sobretudo entre os que saíram moços de sua terra e envelheceram no país de recepção, sem possibilidade de retorno, pode ser particularmente forte, como indicam vários depoimentos. Em um relato colhido pelo antropólogo Carlo Castaldi nos anos 50, uma mulher nascida em Polignano a Maré [...] aos 96 anos, sessenta dos quais passados no Brasil, tem de Polignano uma visão do paraíso, mas um paraíso em que falta um dos elementos essenciais, a terra em abundância: “[Polignano era] [...] uma terra feita por Jesus para que nós gozássemos. Nunca se ouvia uma palavra feia e havia uva para fazer vinho, azeitonas para fazer azeite, e uma água de fonte tão fria que nem se podia pôr o pé dentro dela; porém há mais mar do que terra, e a gente precisa emigrar para fazer economias, mas aqui eu me sinto perdida.”⁷⁹

Assim, Fausto percebeu nesse depoimento uma memória saudosista, de uma pessoa que tinha saído apenas por motivos econômicos, lembrando da sua terra natal de forma idealizada. Enquanto que os imigrantes que se encontravam em situações de perseguição em seus países, como no caso dos

⁷⁸ E. Bosi, **Memória e Sociedade**, p. 441 apud FAUSTO, Boris. Imigração: Cortes e Continuidades. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). SHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 4 v., p. 18.

⁷⁹ Ibid., p. 19-20.

judeus fugitivos do regime nazista, preferiam apagar as tristes lembranças de sua terra natal.

Há situações, porém, em que o imigrante faz um esforço não para reter, idealizando, o passado, e sim para apagá-lo. É o caso de muitos judeus, que se referem à vida na Polônia, mesmo em época anterior à ocupação do país pelos nazistas, surgindo nos depoimentos frases do gênero: “Pra mim a Polônia pode sair do mapa, porque o que eu assisti...”. Ou ainda: “Eu me lembro, a infância e tudo isso, como eram esses feriados católicos. Os judeus com barba não podiam sair na rua. Uma coisa triste. Quando eu cheguei aqui, foi um alívio. Era gostoso só pra não ver esses polacos. Era ótimo.”⁸⁰

A análise sobre a condição do outro no trabalho de Boris Fausto trata de uma alteridade que segundo o autor se demonstrou em olhares cruzados: do imigrante para o nacional e deste para o imigrante.

O autor lembrando um trabalho clássico de Jean Delumeau, sobre relatos de viagem na Idade Média e no Renascimento⁸¹, afirmou que a visão sobre o estrangeiro, muitas vezes de temor e desprezo, tem profundas raízes no mundo ocidental.

Fausto acredita que apesar de se encontrar na condição do outro (estrangeiro) o processo de imigração em massa ao Brasil para esses grupos étnicos foi uma aventura imigratória bem sucedida, tanto no plano de ascensão social quanto no da integração à sociedade nacional. Porém, Fausto problematiza essa questão:

[...] a constatação não pode chegar ao ponto de apagar o roteiro de dificuldades, o fracasso na realização de sonhos, a sensação de estranheza que o imigrante teve de enfrentar e tentar superar, muitas vezes penosamente, na nova terra. [...]⁸²

Ao pesquisar o processo imigratório, o autor selecionou como espaço de pesquisa a área urbana da cidade de São Paulo. Nesse tópico são demonstrados dois pontos de vista bem diferentes sobre os imigrantes: um seria o do imigrante que estava se inserindo na classe média paulistana, os “bem sucedidos”, que conquistaram ascensão por trabalharem muito e gastarem pouco. O

⁸⁰ Ibid., p. 20.

⁸¹ Boris Fausto se refere à seguinte obra: DELUMEAU, Jean. **La peur em Occident**.

⁸² Ibid., p. 21.

outro era aquele imigrante do cortiço, tido como obsceno, violento, sujo, que corrompia a população nacional.

Os imigrantes ora admirados ora tidos como exemplos negativos apareciam de forma recorrente na imprensa paulistana. Todavia, os comentários preconceituosos voltados contra os imigrantes poderiam demonstrar também uma defesa, sobre o medo que se tinha da ascensão dos novos-ricos estrangeiros.

Se os estrangeiros despertavam sentimentos contraditórios nos nacionais, a mesma contradição surge em sentido inverso, embora com traços diversos: de um lado, inveja da forma como os nacionais se apresentavam, comportando-se como “donos da terra”; de outro, desprezo pela sua suposta condição física doentia, pela aversão ao trabalho. Os estrangeiros não formavam, é bem verdade, uma frente homogênea, pois as diferentes etnias distinguiam-se uma das outras, elaborando ou reforçando imagens preconceituosas do “judeu da prestação”, do “espanhol encrenqueiro”, do “turco embrulhão” etc. Mas tinham em comum uma convicção essencial: todos se consideravam gente devotada ao trabalho, os verdadeiros construtores de uma cidade que ia se convertendo em metrópole.⁸³

Nos primeiros anos de presença no Brasil, os laços dentro dos grupos étnicos se davam por meio de organizações criadas por eles próprios, chamadas pelo autor de *microssociedades*⁸⁴, que se situavam entre as esferas públicas e privadas. Seriam os clubes comunitários, teatros, associações de socorro mútuo, sindicatos, templos religiosos, entre outros.

Além desses, os bairros étnicos também eram de grande importância nas *microssociedades*. Nesse contexto, o bairro constituía um clima de intimidade e segurança.

A família também passava a ter um significado marcante, sendo essa não apenas um apoio como também um elo com aqueles que não puderam emigrar. As alianças familiares tinham uma função estratégica na busca de ascensão social, como promover o casamento com membros da elite nacional para obter-se prestígio.

Outro aspecto apontado por Fausto seria o conflito geracional, os filhos brasileiros, mais integrados, faziam amizades ou desenvolviam relações

⁸³ Ibid., p. 26.

⁸⁴ De acordo com B. Fausto o termo *microssociedade* é utilizado por Michelle Perrot, “Maneiras de morar”, em Michelle Perrot (Org.). **História da vida privada** – da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial, 4 v.

afetivas com nacionais ou pessoas de outras etnias, e isso poderia se tornar motivo de explosivas tensões. Havia também a vergonha que muitos filhos sentiam de seus pais que não dominavam a norma culta da língua portuguesa. Essa passagem nos indica a importância de se verificar como era a relação entre pais japoneses e filhos nascidos e criados no Brasil, na análise das fontes orais, principalmente para averiguar se a questão da educação em escolas e faculdades convencionais foi realmente marcante nesse momento.

Ainda segundo Fausto, a resistência à assimilação da cultura nacional que os pais tinham em relação aos filhos poderia ser notada principalmente entre grupos onde o aspecto religioso ou cultural era tido como questão de sobrevivência, como entre os judeus e japoneses. Por isso, era estimulado o casamento intraétnico. Nesse caso, as escolas étnicas tinham papel fundamental na tentativa de imunizá-los diante de uma nova cultura.

O autor destaca também as dimensões da vida familiar a partir de três aspectos: a celebração religiosa, a língua e a comida. Um ponto a ser destacado seria o da importância da língua para os japoneses. “[...] O japonês — por imposição dos mais velhos — foi em regra a “língua oficial” no círculo doméstico. [...]”⁸⁵

Os imigrantes japoneses tinham o compromisso de honra de só retornarem ao Japão como vencedores. Não podiam sequer pensar em levar seus filhos, nascidos aqui como *gaijin*. Era preciso que eles aprendessem a ler e a falar a língua japonesa. Esta era a maneira que eles encontravam de não terem seus filhos considerados como estrangeiros pelos japoneses, quando retornassem ao Japão.⁸⁶

No entanto, Fausto analisa que no decorrer dos anos os japoneses reconheceram a impossibilidade de retorno. Com isso, houve uma tendência a “aculturar-se”, por meio da conversão ao catolicismo, escolha de padrinhos brasileiros, e dar aos filhos nomes cristãos.

Assim, o trabalho de Fausto apresenta elementos de suma importância para se entender a construção das identidades do grupo étnico japonês e como esses elementos foram fundamentais para a sobrevivência, preservação e negociação dessas identidades perante a sociedade brasileira. Entre esses

⁸⁵ Ibid., p. 52.

⁸⁶ C. Sakurai, *Romanceiro da imigração japonesa*, p. 71 apud FAUSTO, op. cit., p. 52.

elementos destacam-se os aspectos das microssociedades, das escolas étnicas, das relações entre as gerações de imigrantes e descendentes, a questão da língua, e tão importante quanto, a preocupação em serem reconhecidos positivamente diante dos nacionais. Esses são elementos que permeiam as análises das fontes orais nesse trabalho.

Já Maria Regina Clivati Capelo⁸⁷, ao abordar as escolas rurais japonesas em Londrina, indica uma série de elementos que deverão ser verificados nas fontes. Dos trabalhos até agora apresentados, esse é o único que trata especialmente da presença do grupo étnico japonês em Londrina, focando o aspecto da escola nesta sociabilidade.

Ao relatar sobre a sua experiência de pesquisa, Capelo destaca a desconfiança que os japoneses e descendentes tinham em relação a ela, que passou a ser vista como “a outra”, apesar de pertencer ao mesmo país, e num mesmo espaço que eles. A diferença, que os separavam (pesquisadora e sujeitos da pesquisa), segundo ela, estava nas origens tanto étnicas quanto culturais, nas trajetórias e nas experiências de vida. Assim, para realizar essa pesquisa, Capelo contou com ajuda de mediadoras de origem japonesa que a levaram para o “universo” da sociabilidade dos japoneses e descendentes.

Antes de passar pelo território étnico/japonês, foi preciso passear, observar, tecer elos. Fui a festejos, exposições, conversei e conquistei a confiança de alguns, que me abriram suas casas, arquivos de fotos e lembranças dos fatos acontecidos. Pertencentes a uma etnia, conhecida como resistente ao diálogo, especialmente quando se trata de expor histórias individuais e coletivas, chegaram às emoções enquanto refaziam suas trajetórias.⁸⁸

Quando participou das festividades dos 90 anos da imigração japonesa para o Brasil, a autora em suas impressões revela o seu olhar, de uma não nipo-brasileira diante desse grupo étnico:

A formalidade do evento e a grande afluência de descendentes, de toda a região, revelaram a impressionante importância que atribuem ao fato, evidenciando principalmente, que se trata de um grupo social coeso, muito bem organizado e altamente hierarquizado, características que o grupo mantém como parte dos valores japoneses recriados em território brasileiro. [...] Essas ocasiões

⁸⁷ CAPELO, op. cit.

⁸⁸ Ibid., p. 218.

caracterizam-se como espaços coletivos de educação pela explicitação da memória do pertencimento étnico.⁸⁹

Trabalhando com fontes orais para explorar a memória dos sujeitos que vivenciaram a sociabilidade das escolas japonesas em Londrina, Capelo apresenta uma série de apontamentos que destacaremos em seguida.

Ao analisar o contexto em que se inseria o grupo étnico japonês na sociedade brasileira, entre as décadas de 1930 e 1940, a autora investiga os reflexos da Segunda Guerra Mundial, que por sua vez abalou profundamente as relações diplomáticas entre os dois países, fazendo com que diminuísse o número de japoneses imigrando para o Brasil.

Além disso, para muitos imigrantes esse momento interrompeu o desejo que se tinha de enriquecer no Brasil e de retornar para o Japão, por dois motivos. Primeiramente, a derrota do Japão na Guerra, abalou de forma significativa sua economia, e o país precisava ser reestruturado. Somado a esse problema, os imigrantes se desiludiram com o sonho de enriquecimento rápido no Brasil, já que a crise pós-guerra também atingiu a economia brasileira.

Outro aspecto importante dentro desse contexto, de acordo com a autora, era que o estado de São Paulo já não se apresentava tão atrativo para esses imigrantes, devido suas terras serem praticamente inacessíveis de aquisição pelos colonos, as condições de vida não serem nada fáceis e o solo que havia perdido qualidade, fazendo cair a produtividade. Dessa maneira, as terras férteis, de preço e formas de pagamentos mais acessíveis, do Norte paranaense passaram a atrair esses colonos que estavam no estado de São Paulo.

O afluxo de japoneses na região de Londrina foi mais intenso nos anos 40, muito embora os primeiros imigrantes já estivessem chegando desde o início dos anos 30. Em 1938, [...] os japoneses ocupavam o segundo lugar entre os imigrantes estrangeiros, somente no município de Londrina. [...]

Vir para o norte do Paraná significava começar tudo de novo, já que era preciso desmatar, plantar, construir as casas, escolas, hospitais etc. [...] Geralmente compravam terras em grupos ou se estabeleciam em locais onde já havia a presença de japoneses, de modo a constituir colônias étnicas. [...]⁹⁰

⁸⁹ Ibid., p. 219.

⁹⁰ Ibid., p. 220; 222.

Ao pesquisar sobre as várias colônias (seções) na região de Londrina, formadas entre as décadas de 1930 e 1940, a autora trata de características importantes dessa sociabilidade, como as associações que tinham o objetivo de serem organizações comunitárias de cooperação e ajuda mútua, atuando paralelamente com a escola.

Segundo Capelo, a primeira escola japonesa de Londrina começou a funcionar em 1933, na área urbana do município. Nessa escola funcionava também o clube japonês e favorecia as crianças de famílias que moravam na área urbana e proximidades.

Entre os anos de 1946 e 1961, funcionou outra escola japonesa na região urbana, que chegou atingir a marca de 350 alunos, e que contava com campo de esportes, teatro e música. Dados apresentados pela autora mostram que haviam 11 escolas japonesas na cidade de Londrina na década de 1960.

As escolas japonesas passaram para o governo local quando em 1938 tiveram seu funcionamento interrompido, devido à iminência da Segunda Guerra Mundial.

Já em 1938 o governo federal havia proibido as escolas de língua estrangeira. Medidas mais definidas de nacionalização, porém, foram tomadas quando o segundo conflito mundial se acirrou. Para efeito didático, esse momento pode ser considerado como o marco que divide a história da escolarização em duas fases diferentes. Antes de 1945, tratava-se de educar as crianças nascidas no Brasil, para que se tornassem cidadãs japonesas então, as escolas destinavam-se basicamente aos filhos dos japoneses. [...] Após o conflito, o objetivo da escolarização nas seções rurais japonesas permaneceu relacionado à transmissão da língua e cultura, não se tratando mais de *nippon gakko* ou escolas exclusivas para japoneses. Em Londrina, mesmo antes do término da Guerra, as escolas rurais foram municipalizadas.⁹¹

Com isso criou-se algumas estratégias durante o período do fechamento das escolas de língua estrangeira, como o ensino por correspondência, no entanto, esse não estava sendo eficaz para transmitir a cultura japonesa, assim fizeram associação de judô e kendô, uma espécie de esgrima. Em 1947, com a

⁹¹ Ibid., p. 236.

inauguração da igreja *Tenrikyo*⁹² passou a funcionar também nesse local uma escola.

De acordo com Capelo, a escola era para os japoneses, parte integrante de sua cultura, vista como um elemento de coesão dentro do projeto de distinção que pretendiam formar dentro da sociedade de adoção.

Dessa forma, o trabalho de Capelo também aponta para a tendência desse grupo étnico buscar a sua distinção dentro da sociedade brasileira, definindo as suas fronteiras identitárias e enquadrando sua memória, e a escola japonesa teve um papel fundamental, nesse sentido, tanto como uma estratégia de sobrevivência desse grupo quanto como uma preparação para uma melhor condição social e econômica através dos estudos. Portanto, esses aspectos serão abordados durante as análises das fontes pesquisadas.

Por último, o trabalho de Jeffrey Lesser⁹³ será importante para analisar questões voltadas principalmente para identidades, etnicidade e negociação da identidade.

[...] Esses imigrantes (e seus descendentes) insistiram que novas categorias hifenizadas deveriam ser criadas sob a rubrica de “brasileiros”. Esse não foi um processo fácil ou suave, e as tentativas de legislar ou de impor a brasilidade nunca tiveram êxito. [...] O Brasil [ainda] permanece sendo um país onde a etnicidade hifenizada é predominante, embora não reconhecida⁹⁴.

Lesser problematiza a questão das identidades afirmando que jamais existiu uma identidade nacional única ou estática. Partindo dessa concepção o autor indica que a partir de meados do século XIX às políticas imigratórias objetivavam promover a entrada de imigrantes “desejáveis”, que viriam a “embranquecer” o Brasil, baseados na proposição eugênica de que uma “raça nacional” única era biologicamente possível. Entretanto, no início do século XX como o medo do ativismo social e trabalhista, além da preocupação sobre a assimilação de imigrantes vindos da Europa Central, houve a intenção de se examinar a possibilidade de se receber grupos étnicos não-europeus. Essa situação fez com

⁹² Religião de origem japonesa, fundada em 1838 por Miki Nakayama, que tem como objetivo fazer com que os seres humanos encontrem uma vida plena de alegria por meio da harmonia entre as pessoas e dessas com Deus. Fonte: <<http://www.tenrikyo.com.br/>>. Em Londrina, a igreja *Tenrikyo* se encontra na região central, à Rua Fernando de Noronha, 1026.

⁹³ LESSER, 2001. op. cit.

⁹⁴ Ibid., p. 19-20.

que houvesse uma alteração do discurso que desejava à europeidade. Com isso, ser branco continuou sendo um requisito importante, no entanto, seu significado se alterou profundamente, entre 1850 e 1950.

As experiências dos imigrantes sírios, libaneses e japoneses e de seus descendentes (conhecidos, respectivamente, como “sírio-libaneses” e *nilkkeis*) demonstraram a transformação da brancura como categoria cultural. Surgiram então três estratégias muito flexíveis que, embora em certos momentos competindo entre si e, em outros, mesclando-se, cruzaram as fronteiras grupais, espaciais e temporais. Algumas elites imigrantes afirmavam que seus grupos eram etnicamente “brancos”, propondo-se a apresentar como inofensivas suas identidades pré-migratórias, em troca de serem incluídas no panteão dos grupos tradicionalmente desejáveis. Outros propunham que a “brancura” não era um componente necessário da brasilidade. Ao contrário, elas promoviam a ideia de que o Brasil tornar-se-ia melhor tornando-se mais “japonês” ou “árabe”, termos interpretados como significando “economicamente produtivos” e/ou “supranacionalistas”. [...] E, por fim, muitos imigrantes e seus descendentes pareciam rejeitar toda e qualquer forma de inclusão, criando grupos ultranacionalistas que, pelo menos na superfície, tinham a intenção de manter a lealdade política e cultural a seus países de origem.⁹⁵

Jeffrey Lesser além de analisar o processo vivido pelos imigrantes não-europeus enfoca também a ampliação da identidade nacional para incluir os descendentes de japoneses. Segundo o autor, esse processo teve início em meados da década de 1950 e ainda hoje se desenrola.

No período após a Segunda Guerra Mundial as negociações sobre a relação entre identidade nacional e etnicidade ainda estavam presentes na sociedade brasileira. Teóricos como Gilberto Freyre, em meados da década de 1950, reverenciavam uma “democracia étnica” do Brasil, ressaltando que este país oferecia às culturas minoritárias espaços sociais não encontráveis nos Estados Unidos e na Europa. Mas, este discurso não significou que o preconceito popular e oficial desaparecesse.

Lesser destaca que após 1945, muitos integrantes das comunidades sírio-libanesa e nipo-brasileira alcançaram sucesso nos campos econômico, político, militar e artística. Para ele, isso contribuiu para uma integração maior à nação brasileira dessas comunidades do que outros imigrantes e descendentes que não obtiveram o mesmo sucesso.

⁹⁵ Ibid., p. 21-22.

Além de proporcionar melhor integração à sociedade brasileira, o sucesso econômico pode também interferir no aspecto identitário, esse foi um motivo importante para haver milhares de descendentes de japoneses vivendo e trabalhando no Japão, tornando-se *dekasseguis*. Como o aspecto identitário estaria muito ligado à classe social, as diferenças salariais desempenham um papel importante, levando tantos descendentes ao Japão, tentarem esse sucesso econômico não alcançado no Brasil. Mesmo assim, as histórias transmitidas pelos *dekasseguis* indicam que as questões de identidades são de importância crítica para decisão de sair do Brasil. J. Lesser analisa, por exemplo, o depoimento de um *dekassegui* de 37 anos, que era professor universitário: “No Brasil eu sou estrangeiro. Apesar de gostar do Brasil, eu sinto que não tenho nacionalidade e me sinto como cigano”.⁹⁶ Lesser complementa: “No Japão, os *dekasseguis* são tratados como brasileiros, cujo papel é fornecer mão de obra temporária e nada mais. Essa situação faz que muitos nipo-descendentes se tornem brasileiros pela primeira vez.”⁹⁷

Lesser encerra a discussão afirmando que numa terra que é multicultural como o Brasil, as negociações sobre a identidade nacional ainda continuam em andamento. Assim, a pesquisa de Lesser apresenta aspectos importantes a serem analisados sobre o processo imigratório, a adaptação e a aculturação de japoneses e descendentes. Nota-se a pressão vivida pelos descendentes, tanto em resistirem aos padrões de vida brasileiros, quanto em se aculturarem visando à melhor aceitação por parte dos nacionais. E com isso, buscaremos nas análises das fontes orais analisar como essas estratégias de negociação de identidades e também como a possível crise de identidades vivida, entre ser japonês e brasileiro, aparece na memória dos *nikkeis*.

1.4 AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS NO BRASIL DURANTE O PÓS-GUERRA

Para compreender melhor a ideia de ascensão social e da temporalidade escolhida, esse trabalho se baseará na abordagem de João Manuel

⁹⁶ Ibid., p. 297.

⁹⁷ Ibid., p. 297.

Cardoso de Mello e de Fernando A. Novais,⁹⁸ que analisam essa questão, ao tratarem do processo de capitalismo tardio e de sociabilidade moderna, no período entre os anos de 1950 e 1979. Segundo esses autores as transformações econômicas ocorridas no país, no pós-guerra alteraram profundamente a sociabilidade da população como um todo.

[...] Entre 1945 e 1964, vivemos os momentos decisivos do processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, que exigiam investimentos de grande porte; as migrações internas e a urbanização ganharam um ritmo acelerado. O ano de 1964 marca uma inflexão, com a mudança do “modelo” econômico, social e político de desenvolvimento, e esta transformação vai se consolidando a partir de 1967-68. Mas, nesse período (1964-79), as dimensões mais significativas dessa mudança não eram perceptíveis, deixando a impressão de uma continuidade essencial do progresso, manchada, para muitos, pelo regime autoritário [...].⁹⁹

Ainda nesse período, verificou-se a entrada do Brasil na economia moderna, incorporando padrões de produção e de consumos típicos de países desenvolvidos. Partindo desse pressuposto os autores avaliam os reflexos do capitalismo na sociedade brasileira.

[...] O capitalismo cria a ilusão de que as oportunidades são iguais para todos, a ilusão de que triunfam os melhores, os mais trabalhadores, os mais diligentes, os mais “econômicos”. Mas, com a mercantilização da sociedade, cada um vale o que o mercado diz que vale. [...] A situação de partida é sempre desigual, porque o próprio capitalismo, a própria concorrência, entre empresas e entre homens, recria permanentemente assimetrias entre os homens e as empresas.¹⁰⁰

Para avaliar essa desigualdade, os autores analisam os três tipos sociais que, segundo eles, “foram os protagonistas da industrialização acelerada e da urbanização rápida”: o imigrante estrangeiro, o migrante rural e o negro urbano e seus descendentes.

⁹⁸ MELLO, João Manuel Cardoso; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). SHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 4 v.

⁹⁹ Ibid., p. 560-561.

¹⁰⁰ Ibid., p. 581-582.

Ao analisarem a condição dos imigrantes em São Paulo, esses autores demonstraram alguns dados importantes para serem levados em conta nessa pesquisa.

[...] Os imigrantes ou os filhos de imigrantes, italianos, libaneses, sírios, eslavos, alemães, portugueses, judeus, japoneses, espanhóis, já estavam em São Paulo, o centro da industrialização, há várias gerações. Constituíam famílias semipatriarcais solidamente estabelecidas. Pouquíssimos, em 1950, eram grandes empresários. Mas alguns tinham conseguido passar a donos de pequenos negócios, muitos trabalhavam por conta própria, ou já tinham uma tradição de trabalho na indústria. Além disso, muitas vezes com enormes sacrifícios, puderam dar educação formal a seus filhos — alguns já tendo, naquela época, chegado à universidade, mesmo que em profissões consideradas então de segunda categoria (por exemplo, contadores, economistas), valendo-se da expansão da rede pública de ensino [...].¹⁰¹

Entre os três grupos sociais analisados, os autores consideram os imigrantes os mais bem sucedidos.

O imigrante, italiano, sírio, libanês, espanhol, japonês, judeu etc., não poderia deixar de ser o grande vencedor desta luta selvagem pelas novas posições sociais que a industrialização e a urbanização iam criando. O dono do pequeno negócio, até o mascate, torna-se médio ou grande empresário, na indústria, no comércio, nos serviços em geral. Muitos dos que já eram trabalhadores especializados convertem-se em donos de pequenas empresas. Pais e mães ficam orgulhosos com os seus filhos “formados”, médicos, dentistas, engenheiros, jornalistas, advogados, economistas, administradores de empresa, publicitários etc., e acompanham suas carreiras, muitas delas meteóricas, como funcionário de empresa ou profissional liberal.¹⁰²

Para fechar essa análise, os autores apontam a questão da escolha de determinadas profissões como, engenharia, medicina, direito entre outras profissões liberais, como ponto fundamental para a valorização do profissional no mercado de trabalho e também como caminho para se atingir a ascensão social. Dessa maneira, esses pontos levantados por Mello e Novais, são importantes para analisar as fontes, procurando avaliar se estas escolhas também teriam ocorrido entre os depoentes e quais teriam significados assumidos, especialmente o papel da

¹⁰¹ Ibid., p. 582-583.

¹⁰² Ibid., p. 584.

educação enquanto estratégia de ascensão social dos imigrantes e descendentes de japoneses em Londrina e como isso estaria associado às identidades do grupo.

Além deste aspecto, a pesquisa de Mônica Raisa Schpun, nos aponta a opção da saída do campo para a cidade, e dos estudos como uma estratégia de ascensão social, em um momento favorável para isso — o período pós-guerra. Além disso, essa autora mostra que em torno dessa estratégia formaram-se as identidades da primeira geração nascida no Brasil.

Para além da imagem dos japoneses como bons agricultores, ainda viva nos dias de hoje, os escolares dos anos de 1960-1970, nas cidades onde a presença do grupo fez-se sentir, aprenderam a identificar seus companheiros nipo-brasileiros sob etiquetas variadas, envolvendo a ideia de bons alunos, aplicados e disciplinados. E, sobre-representados nas universidades, como vimos, forneceram à sociedade inclusiva profissionais cada vez mais qualificados, e em proporções extremamente elevadas, tendo em vista o percentual de nipo-brasileiros no conjunto da população. Isto se deu num contexto particularmente favorável, já que a partir de meados dos anos 1950 assistimos, no Brasil, a uma forte expansão do setor industrial e de toda a gama heterogênea de serviços.¹⁰³

Complementando a ideia exposta anteriormente, Schpun também apresenta o crescimento e a permanência no meio urbano como um ponto que favoreceu, para os imigrantes japoneses, que a opção pelos estudos de seus filhos em nível superior fosse alcançada.

Podemos dizer, ainda, que a primeira geração viveu uma melhoria nas condições de vida graças ao crescimento urbano acelerado, que abriu novas oportunidades. Se a maioria, vinda do campo, vivia e trabalhava no mesmo local, a compra da casa própria foi o momento em que os dois espaços se separaram, marcando um aumento de estatuto social. Além disso, pouco a pouco, as atividades comerciais também se desenvolveram e a contratação de empregados liberou os membros da família do esquema antigo de empresa familiar. Isto quando o progresso não foi maior, com a mudança de ramo e a aquisição de pequenas empresas. Quanto aos filhos, desobrigados do trabalho no negócio familiar, puderam conquistar diplomas cada vez mais altos. Os índices mais importantes de diplomados do superior também liberaram os pais do sustento dos mais jovens, mais autônomos.¹⁰⁴

¹⁰³ SCHPUN, Mônica Raisa. Imigração japonesa no Brasil: riquezas de uma presença secular. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Orgs.). **Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p. 145.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 144.

Fechando essa análise sobre as transformações socioeconômicas no pós-guerra, apresentaremos dados apontados por Schpun, que mostram números de meados dos anos de 1980 e que de certa forma, demonstram a ascensão social dos *nikkeis*.

Dados de meados dos anos de 1980 nos permitem situar socialmente os nipo-brasileiros em relação à população brasileira em geral. Metade das famílias brasileiras encontra-se numa faixa que congrega somente 20% das nipo-descendentes (1 a 5 salários mínimos). Nas duas faixas superiores (10 a 20 e mais de 20 salários mínimos) encontram-se 16% das famílias brasileiras, contra 32% das nipo-descendentes, a diferença sendo maior na faixa mais rica, onde os nipo-brasileiros não correspondem mais ao dobro, mas ao triplo das famílias brasileiras (16% contra 5,7%). No sentido inverso, se tomarmos a faixa mais desfavorecida (menos de um salário mínimo), vemos que congrega quase quatro vezes mais famílias brasileiras que nipo-descendentes (12% das primeiras e 3,3% das últimas). Assim, não somente a ascensão social do grupo fica atestada [...], mas, além disso, grande parte de seus membros encontra-se numa situação privilegiada em relação à sociedade brasileira como um todo, que não os acompanhou neste processo.¹⁰⁵

Schpun aponta para três elementos fundamentais para que esse grupo étnico tenha atingido tal mobilidade social, entre eles o incentivo aos estudos nas primeiras gerações descendentes.

Tal mobilidade tornou-se possível graças a um conjunto de fatores, a começar pelo apoio inicial prestado pelo estado japonês e pelas companhias de imigração nipônicas, com a finalidade de garantir a instalação durável das famílias na nova terra. Mas contaram, também as estratégias familiares de poupança, as práticas de consumo extremamente limitadas, a forte coesão familiar — regida, essencialmente, por uma grande rigidez nas relações pessoais, sobretudo entre pais e filhos — e, enfim, o investimento escolar exigente nas gerações de descendentes.¹⁰⁶

Assim, analisaremos por meio das fontes como foi o processo de saída do campo para o meio rural entre os imigrantes e descendentes de japoneses em Londrina, e verificar se isso ocorreu entre a geração de imigrantes (provavelmente no campo entre os anos 1930 e início dos 1950) e de seus filhos (no meio urbano principalmente entre as décadas de 1950 e 1970), confirmando a ideia de inserção prévia e, portanto bem sucedida no mundo capitalista pós-guerra. Além

¹⁰⁵ Ibid., p. 145-6.

¹⁰⁶ Ibid., p. 146.

disso, pretende-se avaliar como se deu a opção pela educação e como isso interferiu na constituição das identidades étnicas.

2 A EDUCAÇÃO COMO SUPORTE PARA AS IDENTIDADES

No capítulo anterior tratou-se sobre a presença e a formação de colônias de imigrantes japoneses em Londrina, e também da importância da escola nessa sociabilidade. Além disso, o aspecto da educação apareceu em trabalhos de diferentes autores, e o que chama a atenção, seria como as transformações vividas por esse grupo na sociedade brasileira alteraram o significado da importância da educação dentro da construção das identidades *nikkeis*.

A partir desse capítulo investigaremos a memória de membros do grupo étnico japonês por meio das fontes orais, promovendo o debate com os trabalhos já levantados, principalmente com o trabalho de Maria Regina Clivati Capelo¹⁰⁷, que será analisado para se entender e questionar o aspecto da educação pelo grupo étnico *nikkei*, além de incluir outros textos que abordam essa temática, e tentando verificar pontos novos a serem discutidos.

Essa análise se pautará na periodização já apresentada. Com isso, abordaremos primeiramente as memórias relacionadas aos primeiros anos após a vinda da família do depoente ao Brasil e à Londrina, verificando o papel da escola como uma estratégia de sobrevivência de identidades quase que inteiramente ligadas ao país de origem. Depois será verificado o período pós-guerra, momento em que esse grupo não teve mais perspectivas de retorno à terra natal, e seus filhos, brasileiros, já estavam se integrando à sociedade deste país de forma mais intensa, aprofundando a partir daí a negociação das identidades, resultando na busca por uma inserção positiva na sociedade brasileira.

2.1 O ASPECTO DA EDUCAÇÃO PARA O GRUPO ÉTNICO JAPONÊS ATÉ A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A pesquisa de Maria Regina Clivati Capelo será discutida aqui porque ela fundamenta parte do período desta análise. Segundo essa autora, de

¹⁰⁷ CAPELO, op. cit.

início o papel da escola japonesa era preparar os filhos de japoneses nascidos no Brasil para o retorno ao Japão, sendo esse o maior objetivo de boa parte dos imigrantes. “Para tanto, era preciso que os filhos, nascidos no país hospedeiro, recebessem uma educação capaz de transmitir-lhes a cultura e a língua do país de origem” ¹⁰⁸. No entanto, em muitos casos, essas escolas também serviam para “suprir as deficiências do sistema educacional brasileiro.” ¹⁰⁹

Primeiramente a professora aposentada Estela Okabayaski Fuzii, uma das pessoas entrevistadas nesse trabalho, e a única mulher dentro dessa rede de entrevistados, fala da experiência de sua família. Estela relata que os seus ancestrais remotos tanto da família materna quanto paterna eram samurais¹¹⁰. A família de sua mãe era originária da região de Hokkaido¹¹¹, (ver Mapa 2) e estava bem estabilizada economicamente, sendo proprietários de uma fábrica.

E, eles estavam... eles tinham uma vida muito, mais ou menos tranquila, né, organizada, estabilizada, eles tinham uma ... não, vou dizer indústria, porque no passado... ainda... uma fábrica de *bentu*? É o que? Amido, de Amido lá em Hokkaido, e estavam bem estabelecidos.

No entanto, o Japão estava enfrentando uma séria crise:

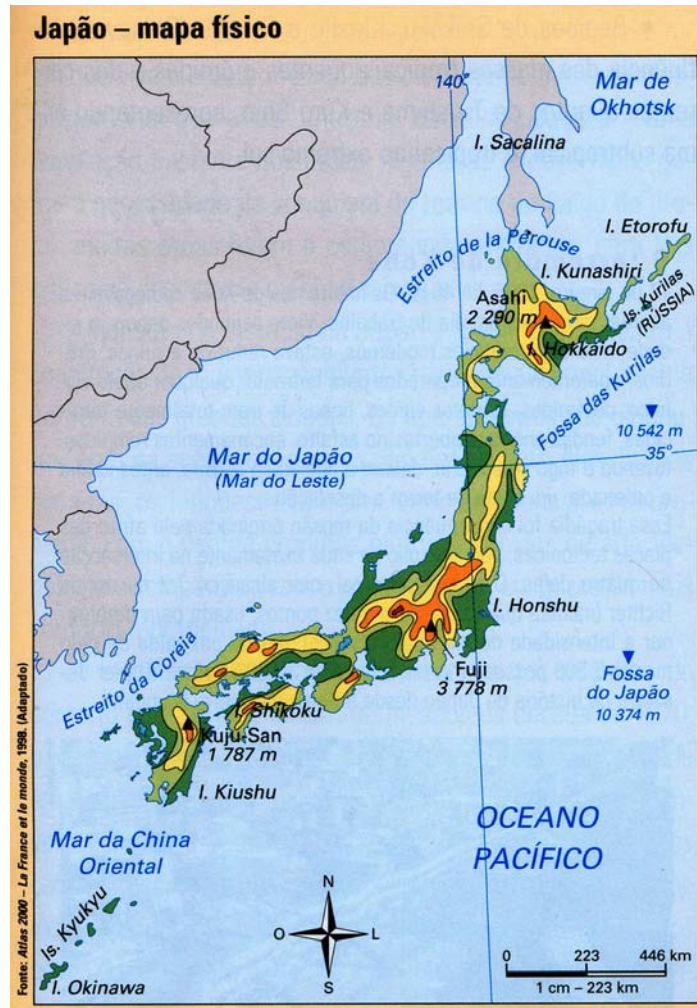
E naquela época da imigração, pegando desde antes de 1908 e depois entrando para depois, né... que foi 1918, que minha mãe... a família da minha mãe veio para cá, você sabe que devido a fatos históricos de revolução com a China, guerra com a China e com a Rússia, o Japão empobreceu, e havia dificuldade de comida de... enfim, para a vida propriamente dita, porque... em consequência da guerra, embora tivessem ganho a guerra, a pobreza, a alimentação, tudo estava muito precário. E no Norte não era tanto, mas em saber que a consequência iria até lá, e como havia essa propaganda de... é... um país novo, assim... que... mostrando o perfil do Brasil, é de uma forma bastante, bastante, bastante otimista é convenceu os meus avós, bisavós, tataravós, de que poderiam vir para cá e se estabelecer aqui.

¹⁰⁸ Ibid., p. 221.

¹⁰⁹ Citando DEMARTINI (1997, p. 86) Capelo completa essa conclusão apresentando a seguinte análise: “Vir para o Norte do Paraná significava começar tudo de novo, já que era preciso desmatar, plantar, construir as casas, escolas, hospitais etc. Contudo, ainda assim, era possível acalantar os sonhos, que as experiências vividas nas fazendas de café em São Paulo, estavam se encarregando de desfazer.” Ibid., p. 222.

¹¹⁰ Samurais eram os membros da classe de guerreiros, na organização feudal do Japão Antigo, e que estavam a serviço de um daimiô, um nobre que recebia do imperador um território para governar.

¹¹¹ Uma das ilhas que forma o arquipélago do Japão, Hokkaido é também o nome da província (política) que se encontra na região Norte deste país.



Mapa 2 - Mapa físico do Japão, com suas principais ilhas

Fonte: NUNES, João Osvaldo Rodrigues; NUNES, Manira Mie Okimoto. **Japão**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 37.

A região de Hokkaido não havia ainda sido tão atingida pela crise, mas com medo de um colapso econômico iminente e, devido à propaganda bastante otimista que se fazia do Brasil no Japão.

Mas... ouviram falar de um lugar muito de futuro promissor que era o Brasil, porque houve muita propaganda com cartazes etc., convidando para vir para cá, onde era fácil ganhar dinheiro, onde era fácil a vida, a vida aqui era bem mais fácil do que qualquer outro lugar.

Sobre a vinda da família de sua mãe para o Brasil, Estela faz o seguinte relato:

Porque a minha mãe veio menina do Japão, veio com 10 anos, e veio não só a família dela, mas veio o clã inteiro, o clã inteiro! Veio desde o bisavô, com 92 anos, veio todinha.

Assim sua família acabou vendendo tudo que tinha e vieram para o Brasil, no ano de 1918, quando a sua mãe tinha 10 anos. Não só a família nuclear veio como o clã inteiro, ou seja, todos os parentes. Sendo que antes mandaram um tio de sua mãe, para comprar terras.

Assim, Estela conta que a sua família materna não veio para o Brasil na categoria de imigrantes e sim como autônomos que tinham a intenção de fazer investimentos aqui.

Então, eles vieram... como... a família da minha mãe não veio como imigrantes, veio como autônomo. Tanto que, dentro do próprio navio, eles ficaram separados dos imigrantes, eles tinham, eles não tinham água doce, os outros não tinham água doce, né... para fazer as coisas, mas eles tinham água doce, tudo era diferente. Então eles foram beneficiados.

Observa-se que Estela destaca a situação atípica de sua família materna, fazendo uma distinção, por meio da expressão de que eles não eram imigrantes e sim autônomos, já que vieram ao país como investidores e não como mão de obra para as lavouras de café. No entanto, sua família veio como imigrante não subvencionado, e provavelmente, Estela tenha usado a expressão 'autônomo' como uma estratégia de apresentar sua família em melhores condições que os demais para valorizar as identidades ancestrais.

Ao falar das condições que encontraram no Brasil, em 1918 no estado de São Paulo, Estela destaca as decepções que tiveram nesse momento. Moravam na zona rural e dessa maneira depararam-se com animais peçonhentos, doenças "tropicais", gripe espanhola. Além disso, foram enganados por nacionais e acabaram perdendo dinheiro.

Essas dificuldades de adaptação entre os imigrantes são apresentadas por autores como Zuleika Alvim e Boris Fausto. Nota-se nessa passagem também um país nem um pouco maravilhoso, a decepção com sua natureza e com sua gente. O nacional que tira proveito da fragilidade dos imigrantes pode ser interpretado aqui como o oposto do japonês, tido como o honesto, de acordo abordagem de Boris Fausto¹¹².

Ela conta que, mesmo assim, a família de sua mãe tinha a intenção de se estabelecer definitivamente no Brasil, e por isso incentivavam o aprendizado

¹¹² FAUSTO, op. cit.

da língua portuguesa e o estudo em escola regular, inclusive para as filhas, já que naquele período o estudo era incentivado somente entre os meninos. Segundo Estela, o fato de sua mãe falar fluentemente o português e conviver desde cedo com colegas nacionais na escola, influenciou as gerações posteriores de sua família.

Sobre o seu pai, Estela disse que ele veio para o Brasil sozinho, com mais ou menos 25 anos, proveniente da ilha de Honshu¹¹³ (ver Mapa 2), aparentemente com a intenção de enriquecer e retornar para o Japão. Porém, ela descobriu muitos anos depois, que seu pai estava fugindo de um casamento arranjado. Diferentemente da sua mãe, o pai de Estela pouco falava o português, somente o necessário, e ao chegar ao Brasil, acabou convivendo mais com os seus patrícios. Ela conta ainda que ele era formado na escola de Belas Artes quando veio para cá.

Os pais de Estela eram vizinhos na área rural no município paulista de Presidente Prudente, e lá se casaram.

Se for ver na linhagem familiar, como imigrante eu creio que saiu um pouco fora dos parâmetros de outros imigrantes, que geralmente tem mais ou menos a mesma história, né, com algumas diferenças. Mas, a da minha mãe por causa da... de não ser imigrante e ela ter estudado, né. O do meu pai ter fugido do casamento (risos). E por fim eles se encontraram, né. Então foram [se] conhecer aqui no Brasil, casaram, né. Resolveram... ouviram falar daí, de um lugar, que... das terras, que era Londrina. Terras férteis, e que era um lugar de futuro.

Então, seu pai veio ver as terras de Londrina e gostou do lugar. Observou que havia ali um vilarejo com poucas casas e resolveu montar um negócio, pensando na esposa que falava bem o português e que assim poderiam se comunicar melhor com os moradores daquele lugar. Assim, se estabeleceu em Londrina, comprando um terreno entre a rua Sergipe e a avenida Paraná, indo morar já desde o início, na década de 1930, na área urbana. Estela destaca também o fato dela ter sido a primeira *nikkei* nascida nesse município.

Segundo Estela, sua mãe era mais adaptada a cultura brasileira, por ter tido um convívio maior com os nacionais por meio dos estudos em escola convencional, aprendendo, assim, o português fluente, e com isso, ajudou os demais imigrantes e descendentes que tinham dificuldade de se comunicarem, como uma

¹¹³ Maior ilha do arquipélago japonês, que se encontra na região central deste país.

espécie de intérprete. Segundo Estela, ela também foi bastante atuante na sociedade londrinense, em geral, por meio de sua contribuição a órgãos de assistência social e à construção da Igreja Imaculada Conceição, já que ela havia sido convertida ao catolicismo. Já o seu pai, era um homem muito culto, e transmitiu para as filhas o gosto pela leitura e por viagens. Estela define os seus pais da seguinte maneira: pai mais intelectual e mãe mais social.

Já sobre o processo de sua educação, Estela relata a experiência vivida na escola convencional, afirmando que não enfrentou dificuldades de compreensão e aprendizado, por receber em casa uma educação bilingue. No entanto, suas colegas *nikkeis*, vindo de famílias mais conservadoras que viviam na área rural, por não terem essa educação, acabaram enfrentando maiores dificuldades na escola.

Então são situações que só mesmo imigrantes mesmo, sabe de é... porque quem fala a língua espanhola ou italiano, meio próximo, né?! É a mesma raiz latina, então não tem tanta dificuldade. Mas, o japonês que tem toda uma estrutura diferente, é... então sofreram dificuldade.

Outro entrevistado, o Sr. Atsushi Yoshii¹¹⁴, conta que é *nissei*, sendo que seus pais vieram ao Brasil na década de 1920. Seus avós maternos eram trabalhadores rurais, no Japão, e segundo ele foram os primeiros imigrantes vindos da província de Hokkaido (ver Mapa 2) para o Brasil. Eles vieram com dinheiro, e realizaram a compra de uma grande área de terra nas proximidades do município de Presidente Prudente, no então distrito de Álvares Machado.

Seu pai também veio da província de Hokkaido, da cidade de Sapporo (ver Mapa 3). No entanto, nunca havia trabalhado em lavoura, e sim em uma indústria de laticínios. Acabou vindo para o Brasil na década de 1920, onde passou a trabalhar em uma fazenda de café no interior do estado de São Paulo, como a maior parte dos imigrantes.

¹¹⁴ Sr. Atsushi Yoshii é filho de imigrantes japoneses, nasceu no Rio de Janeiro (RJ), é casado, tem um filho e uma neta. Formou-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná, também estudou Administração industrial no Japão. Criou-se no estado de São Paulo, mas após seus estudos, foi morar em Apucarana-PR, onde a família já residia desde o final da década de 1950. Primeiramente trabalhou na Prefeitura desse município, e um ano e meio depois montou seu próprio negócio no ramo da construção civil. Transferiu a sede de sua empresa para Londrina, onde vive desde a década 1980, tornou-se um empresário bem sucedido, presidente de uma das mais importantes construtoras da cidade a A. Yoshii.

Sr. Yoshii disse que nasceu no Rio de Janeiro, porque seus pais logo que entraram na lavoura de café viram que não tinham aptidão para aquele tipo de trabalho, ficando trabalhando nisso em apenas um ou dois anos. Depois foram para a capital, São Paulo e de lá foram para o Rio de Janeiro, onde abriram um comércio de chá. “Terra de café vendendo chá”. Ele também tinha lavoura e indústria, desenvolvendo-se nesse ramo tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro. No entanto, o Sr. Yoshii contou que passou sua infância e adolescência no estado de São Paulo, entre a capital e o interior, especificamente na cidade de Presidente Prudente.

Sua família mudou-se para Apucarana, na região Norte do estado do Paraná por volta dos anos de 1957 e 1958, quando seu pai passou a trabalhar com a comercialização da menta, para a fabricação de óleo de hortelã.

Sr. Yoshii aponta a importância do aspecto da educação entre o grupo étnico japonês. Ele conta que os imigrantes japoneses eram muito preocupados com a educação dos filhos. Sua mãe acompanhava de perto seus estudos.

Todos os imigrantes eram muito preocupados com a parte da educação, porque eles primam muito pela boa educação, tudo. Eu lembro que a minha mãe ia fazer... acompanhava todo o meu ciclo de estudo, ia falar com a professora, ia lá na escola fazer visita quase mensalmente para ver como eu estava indo no estudo, como estava o relacionamento, isso era uma coisa que era muito frequente.



Mapa 3 – Mapa político do Japão, com suas principais cidades

Fonte: NUNES, João Osvaldo Rodrigues; NUNES, Manira Mie Okimoto. **Japão**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 36.

O Sr. Yoshii frequentou tanto a escola pública convencional, quanto a escola japonesa, e isso, foi muito importante, segundo ele, para a compreensão da cultura do país de seus ancestrais.

E juntamente com a... nossa... estudo normal, escola pública a gente ia na escola japonesa também [...] e fiquei anos e anos fazendo curso de japonês, e aprendia a escrever *kanji* escrevo também algumas coisas até hoje. E falo em japonês também, agora isso foi muito importante para o desenvolvimento, e para você entender um pouco a cultura japonesa. E realmente era muito... os japoneses eram muito dedicado a essa parte de educação.

Sr. Yoshii confirma que os imigrantes vieram para o Brasil devido às necessidades que estavam enfrentando no Japão, assim a primeira intenção deles

era de ganhar dinheiro e depois retornar para o país de origem, como o exemplo dos *dekasseguis*, na atualidade. No entanto, as condições para se realizar esse retorno eram muito difíceis, muito mais do que hoje em dia.

Primeira intenção, eles vieram para o Brasil por necessidade, ganhar dinheiro e retornar para o país de origem, mas nem sempre as coisas aconteceram como o planejado, e isso acontece também com os *dekasseguis*, hoje. Só... o nosso pioneiro não tinha como retornar, porque as condições naquele tempo era pior ainda.

Além de Estela e de Yoshii, o Sr. Toshihiko Tan¹¹⁵ também fez parte da rede de entrevistados. Seus pais vieram da província japonesa de Ehimi¹¹⁶, (ver Mapa 2) no ano de 1925. Tanto eles quanto seus avós viviam no interior dessa província, e lá exerciam a agricultura. O Japão, naquela época, estava passando por uma crise. Então, seus pais que eram recém-casados vieram para o Brasil, entre os anos de 1925 e 1926.

Descerem no porto de Santos, depois foram conduzidos para a Casa do Imigrante, em São Paulo, no bairro do Brás. Todos os imigrantes de todos os países que chegavam tinham que passar por lá, onde os brasileiros que necessitavam de mão de obra iam lá buscar o tanto de imigrantes que precisavam, principalmente para trabalharem nas propriedades cafeeiras.

Não foi nada fácil a adaptação, pois no Japão não existia a cultura cafeeira. Seus pais após cumprirem um contrato de dois anos, mudaram para outros lugares do estado de São Paulo, até se estabelecerem na cidade de Santo Anastácio, próximo à Presidente Prudente, foi nesse município que o Sr. Tan nasceu.

Sua família veio definitivamente para Londrina em 1935, e com mais outros imigrantes japoneses e descendentes formaram a colônia Ikku¹¹⁷, na Gleba Cambé, região onde se localiza atualmente o aeroporto da cidade.

¹¹⁵ Filho de Toshio Tan e de Shimio Tan ambos nascidos no Japão, o Sr. Toshihiko Tan é casado, nasceu em 1930, na cidade de Santo Anastácio (SP). Formou-se em odontologia na turma de 1952, pela Universidade Federal do Paraná, em Curitiba. Ao se formar, retornou para Londrina, cidade onde vive desde os cinco anos de idade, e onde atua como cirurgião dentista desde 1953. Além disso, Sr. Tan lecionou no curso de Odontologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), por 38 anos, se aposentando em 2000. Atualmente é professor do curso de Odontologia da Universidade Norte do Paraná (Unopar), em Londrina, sendo docente há 15 anos nessa instituição.

¹¹⁶ Província localizada em Shikoku, um conjunto de ilhas um pouco mais ao sul da ilha de Honshu.

¹¹⁷ Ikku em japonês significa "primeiro", a "primeira".

Segundo ele, era comum que os japoneses ao se reunirem em três ou quatro famílias, formassem uma associação e uma escola. Aliás, de acordo com o depoimento do Sr. Tan, a escola era a primeira casa que eles construíam, pois todos se preocupavam com a educação de seus filhos. Ele comenta ainda que a escola servia de espaço de lazer para todos nos fins de semana. Nesse local realizavam-se práticas esportivas, teatros e apresentação de canto.

Sr. Tan também afirma que os japoneses vieram para o Brasil porque estavam enfrentando dificuldades no Japão, pretendiam ficar aqui apenas uns cinco ou dez anos, trabalhar, conseguir dinheiro e retornar. Tanto que o Sr. Tan tem dupla nacionalidade (japonesa e brasileira). Porém, após a Segunda Guerra, houve problemas internos entre o grupo étnico japonês: alguns acreditavam que o Japão tinha ganhado a guerra, enquanto que outros não acreditavam, com isso houve brigas e até assassinatos, gerando uma grave crise. Além disso, muitos já tinham seus filhos estudando e se integrando a sociedade brasileira, e assim se conformaram e decidiram ficar no Brasil.

Ele conta que no ano de 1937, sua família se mudou para a área urbana de Londrina, onde seu pai passou a exercer a atividade de taxista. Segundo o depoente, sua família tomou essa atitude com o intuito de os filhos estudarem em escola convencional. Sr. Tan passou, então, a frequentar a escola pública e relatou que no início sentiu bastante dificuldade de aprendizado, pois só havia até aquele momento frequentado escola japonesa.

Sobre o aspecto da educação para os japoneses, o Sr. Tan faz o seguinte relato sobre o que ouvia de seus pais.

A filosofia dele era assim: olha pessoa que não tem estudo tem muita dificuldade para vencer na vida. E até hoje é isso, é a mesma coisa. A pessoa melhor preparada, mais qualificada tem mais facilidade pra vencer na vida. [...] Então, naquele tempo meus pais já pregavam isso.

O Sr. Tan complementa essa ideia utilizando de exemplo a experiência vivenciada pelos seus pais, apontando elementos que indicam a importância da educação como uma estratégia de ascensão social.

Olha, principalmente a minha mãe quando a gente morava no sítio, meu pai era empregado em uma fazenda, lá no estado de São Paulo,

era um tipo de boia-fria, né?! Trabalhava junto com os empregados, boias-frias, lá era chamado de camaradas, e a mamãe preparava o almoço ia levar o almoço, a marmita, para eles almoçarem nas sombras dos pés de cafezais. [...] E a minha mãe, desde a mais tenra idade, nos colocou na cabeça, falou assim: “Olha filhos, se vocês não estudarem, vocês vão ser igual esses camaradas, esses boias-frias aí vão ter muita dificuldade, então, vocês terão que estudar. [...] Daí, mudaram para a cidade, para a gente aprender o português e frequentar a escola brasileira. Então, a maioria, pode observar, a maioria dos descendentes de japoneses tiveram essa meta, os pais tinham... os pais poderiam até estar, às vezes, passando necessidade, mas não deixava de dar a educação, frequentar a escola e tudo mais [...].

Além disso, Sr. Tan destaca que foi a partir do ingresso dos filhos de imigrantes na escola convencional que houve a maior integração do grupo étnico japonês a sociedade brasileira. Já que entre os japoneses (isseis) essa integração era muito mais difícil de ocorrer, sendo a língua a principal barreira.

[...] Mas, a integração foi muito difícil, principalmente por causa dos nossos pais, e dos tios e avós, tudo, que não falavam o português, então tinham dificuldade de conviver com a comunidade brasileira. Sabiam só assim na parte de compras, coisas, não tinha uma integração social, né?! Era mais assim de comprar e vender, essas coisas só.

Por último, Issao Yassuda Udihara fala de sua origem familiar, destacando, já de início, a trajetória diferenciada em relação aos demais imigrantes japoneses.

[...] É... meus... minha família ... Udihara família do meu pai, e a família Yassuda, família da minha mãe, tiveram uma trajetória um pouco diferenciada da maioria das... das famílias que imigraram para o Brasil, por “n” razões que vou tentar mais ou menos colocar aqui [...]

De acordo com o depoimento de Issao Yassuda Udihara, o seu avô paterno Hikoma Udihara diplomou-se na Escola de Comércio, na cidade de Osaka em abril de 1899, e frequentou ainda a Escola Koio de Línguas Ocidentais, na cidade de Kochi (ver Mapa 3), em 1890. E no Japão, no período de 1907 a 1909, trabalhou como agrimensor.

Então na verdade [...] ele se preparou de uma forma diferente da vinda para o Brasil. Ele entendia que o... que deveria, talvez, e provavelmente para ficar no Brasil, e procurou então já se introduzir na cultura de um negócio que ficava no outro lado do mundo. Diferente da maioria dos japoneses que vinham imaginando que vieram e ficariam ricos e voltariam para o Japão. [...] As famílias definiam, não sei de que forma a vinda de alguns pra cá, para ficar rico e voltar lá para ajudar as famílias. Essa é a história que eu sei, mas como eu estou te mostrando a visão do meu avô já era diferente. Ele achava... ele se preparou, ele achava que tinha que ser brasileiro... Ele estava certo, porque todos os japoneses que vieram ficaram, não voltaram. [...]

Mesmo o Sr. Ujihara destacando a trajetória diferenciada de seu avô, relata que de início a vida de Hikoma Ujihara, no Brasil, foi parecida como a de qualquer outro imigrante japonês:

A história da vida de Hikoma Ujihara no Brasil foi... a princípio, ela se confunde com a de muitos imigrantes japoneses que pra cá vieram em busca de um futuro mais promissor. No dia 4 de maio de 1910, ele embarcou no porto de Kobe, no navio japonês Riujin Maru, para as terras brasileiras, com 27 anos de idade e recém-casado com Mitsuyo Ujihara chegou no porto de Santos no dia 28 de junho do mesmo ano. A princípio, como todos os japoneses imigrantes trabalhou dois anos na agricultura, na fazenda Guataparã localizada na linha Mogiana no Estado de São Paulo. Lá nasceu sua primeira filha Sadiko, [...] depois foi para a capital São Paulo, onde foi carpinteiro, garçom, motorista, fotógrafo, copeiro e até mordomo. Seus outros dois filhos, Massaki (que foi o segundo) e Issao (que é meu pai, o terceiro), foram médicos e nasceram nessa época, já na cidade de São Paulo.

Nota-se nessa passagem, que os seus avôs ficaram apenas o período de dois anos no campo e logo depois foram morar na zona urbana, em São Paulo, onde nasceram o tio e depois o pai do Sr. Ujihara. Lá o seu avô exerceu diversas atividades, e conseguiu formar os seus dois filhos em Medicina. No entanto, durante o período de estudos dos filhos o Sr. Hikoma Ujihara passou a exercer outra atividade que era o ramo de corretagem de propriedades rurais. E como havia sido apresentado no capítulo anterior o Sr. Hikoma Ujihara ainda na década de 1920, já estava atuando como corretor de terras para a Companhia de Terras Norte do Paraná, na região de Londrina.

Por volta de 1920, entendo eu, com a coragem férrea e um espírito desbravador, ele dedicou-se então ao ramo de corretagem e colonização. Lembra que ele fez curso de agrimensor, lembra que

ele fez curso de comércio e falava o português melhor que os conterrâneos dele, tá?! E aí então dentro desse ramo de corretagem e colonização ele foi fundando colônias e núcleos coloniais de imigrantes japoneses nas zonas servidas pelas estradas de ferro Noroeste paulista, no estado de São Paulo e na zona de Cambará, no Norte velho do Paraná.

O pai de Issao Yassuda Udihara nasceu em São Paulo, em 1 de junho de 1918 e faleceu em Londrina, em 8 de abril de 1993. Ele passou parte da sua infância no interior do estado de São Paulo, onde seu avô também tinha uma casa, “porque ele... trabalhava com vendas de lotes de terra, lá e parte em São Paulo. Em São Paulo, obviamente [seu pai] só poderia ter vivido no bairro da Liberdade, e mais tarde na Vila Mariana”.

Tanto o pai quanto a mãe do Sr. Udihara, são nisseis e foram criados de forma mais aproximada à sociedade ocidental, pois nenhuma das famílias tinha a intenção de regressar ao Japão. Assim, ele também destaca a presença de seus pais em Londrina.

Meus pais foram realmente pessoas que contribuíram muito aqui para o desenvolvimento do município de Londrina. E meus pais fundaram aqui em Londrina, o ILECE¹¹⁸ que foi a primeira escola de atenção específica às crianças, chamadas antigamente de excepcionais, agora mudou o nome são crianças especiais, é... dando um passo muito grande para a integração social daquelas crianças que antigamente eram escondidas pelas famílias em casa, que não tinha espaço prá nada, dentro do conceito de cidadania e de qualidade de vida...

Ao falar da trajetória de vida do seu avô materno, Sr. Issao Udihara destaca que esse nasceu na província de Kagoshima (ver Mapa 3), no Sul do Japão, e que veio ao Brasil antes mesmo da primeira leva de imigrantes em 1908. Em 1906, antes do início da corrente migratória, com 21 anos de idade, ele recebeu a incumbência de um governo municipal japonês, para que viesse para o Brasil, para verificar se este país estava preparado para receber os imigrantes japoneses. Após três meses de viagem, desembarcou no Rio de Janeiro, em 18 de agosto 1906, e foi à procura do chefe da Legação Nipônica, em Petrópolis, mas esse chefe tinha acabado de falecer, e seu avô ficou sozinho no Brasil, sem falar o idioma, e sem dinheiro para retornar, pois não conseguia se comunicar com o governo japonês.

¹¹⁸ ILECE - Instituto Londrinense de Educação para Crianças Excepcionais – PR.

Mas, encontrou dois patrícios, e ele foi se “virando”. Era formado em Agronomia, e enviou um relatório dizendo que era sim possível enviar imigrantes ao Brasil para formar núcleos coloniais rurais, no entanto, não recebia nenhuma resposta. Por fim, foi morar em Pindamonhangaba (SP). Assim, como o seu avô paterno, o Sr. Yassuda também achava que os japoneses que viessem deveriam ficar definitivamente no Brasil.

Segundo o Sr. Issao a família Udihara se beneficiou da urbanização, o seu pai formou-se em Medicina pela Universidade de São Paulo, e depois, veio trabalhar em Londrina. Além disso, o seu tio Roberto Massaki foi o primeiro descendente de japoneses a formar-se em medicina pela USP.

Meu tio Roberto Massaki ele foi o primeiro descendente de japoneses a concluir o curso de medicina no Brasil. Ele se formou em medicina em 1936, na Universidade de São Paulo. Durante o período da faculdade ele frequentou o curso de preparação de oficiais de reserva, de São Paulo e concluiu o curso como Segundo Tenente de Infantaria.

Em seguida, fala da experiência que o seu pai juntamente com o tio tiveram em fazer uma revista voltada para os filhos de imigrantes japoneses, em São Paulo, sendo membros fundadores da revista *Transição*, publicada por um grupo de estudantes nisseis.

Essa revista *Transição* foi muito importante pra... pra aculturar o... os... os nisseis, os filhos, que vinham para São Paulo, e que obviamente... é... sentiam a diferença, por serem diferentes. Havia obviamente a discriminação: olhos puxados, japoneses, amarelos, não sei o quê... não é?! E, por isso que eles intitularam a revista de *Transição*, certo?! [...]

Voltando ao aspecto da escolarização dos filhos dos imigrantes, segundo Estela, nos espaços ocupados pelos imigrantes japoneses em que não havia escola regular, eles mesmos faziam mutirões em um terreno, geralmente doado por algum membro desse grupo, e construíam uma escola japonesa para seus filhos. Ela cita o exemplo de seu avô materno que doou um terreno para a construção de uma escola e também de um cemitério. Sobre Londrina, citou o exemplo de Hikoma Udihara, vendedor de lotes da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), e responsável por trazer compradores, principalmente imigrantes

japoneses vindos do estado de São Paulo. Udihara doou um terreno onde fizeram um mutirão para construir uma escola japonesa, que foi frequentada pela sua irmã mais velha. Estela salienta novamente que a educação era e é muito importante para o grupo étnico japonês.

Retomando a análise de Capelo, vamos destacar como se dava o aspecto da construção de escolas, nas colônias étnicas.

Em geral, os grupos de japoneses construíram as escolas suprindo as deficiências dos governos locais e, posteriormente, doavam-nas para que a manutenção e o pagamento de professores fossem atribuições do poder municipal ou estadual. Reafirmando as tradições japonesas, antes de tudo importava a escola, em último lugar, estava o conforto individual¹¹⁹.

Ainda segundo Capelo, em várias comunidades percebia-se que essa prática, entre os imigrantes japoneses, de fazerem doação de bens pessoais para a construção de escolas, seria uma estratégia dos japoneses para garantir maiores direitos, objetivando a integração na sociedade brasileira.

A doação de bens pessoais e de prédios escolares que pertenciam a colônias japonesas, fazia parte das estratégias utilizadas pelos japoneses para garantir direitos na sociedade envolvente. [...] Almejando um projeto de integração na sociedade brasileira produziam vínculos com o sistema público, a fim de estabelecer condições concretas para a educação de seus descendentes. Assim, negociavam também o ingresso na “identidade brasileira” como nipo-brasileiros. [...] ¹²⁰

Em todos os depoimentos destacam-se o aspecto da importância da educação para os imigrantes japoneses: a construção de escolas pelos próprios imigrantes, os sacrifícios feitos para que seus filhos completassem seus estudos, entre outros. De acordo com a análise de Maria Regina Clivati Capelo¹²¹, a escola era tida como um dos principais espaços de sociabilidade do grupo étnico japonês, e a importância da educação para esse grupo, significava garantir a integração “distintiva” dentro sociedade brasileira.

Outro momento marcante para esse grupo étnico foi o período da Segunda Guerra Mundial e também no pós-guerra. Estela lembra em seu

¹¹⁹ CAPELO, op. cit., p. 226.

¹²⁰ Ibid., p. 227.

¹²¹ Ibid.

depoimento que presenciou situações de repressão e de preconceito contra imigrantes e descendentes de japoneses. Como no caso em que viu seu pai ser repreendido ao falar japonês em público, como também do fechamento das escolas japonesas. Sobre esse fato, Estela relata que seu pai contratou um professor para dar aulas de japonês, secretamente, em sua casa. Ela ainda não estava em idade escolar, mas lembra que espiava as aulas pela fresta da porta. No entanto, a situação de repressão foi se agravando até que seu pai achou melhor encerrar as aulas. A partir disso, os seus pais passaram a ensinar o japonês em casa somente para ela e sua irmã.

Estela cita também os casos de que ouvia falar na época: dos grupos “terroristas”¹²² japoneses, da prisão de presidentes de associações de imigrantes japoneses, e de confiscos de livros em língua japonesa.

Mas, o momento vivido durante a Segunda Guerra Mundial, com as medidas restritivas impostas durante o governo estadonovista foi um duro golpe para a sociabilidade do grupo étnico japonês, como foi comentado pelo Sr. Yoshii.

A Segunda Guerra travou muito nossa vida, as escolas foram fechadas, os professores eram presos, não podia falar em japonês, teve que esconder livro, gravações, tudo se estragou. Foi uma época difícil que eles passaram... nós todos sofremos naquela época.

Esse aspecto da repressão e a questão do fechamento das escolas japonesas apontadas tanto por Estela quanto pelo Sr. Yoshii, é também comentado por Capelo que analisa, além disso, as estratégias utilizadas para continuar a transmissão da cultura japonesa aos descendentes. Ela trata, ainda, o período da Segunda Guerra Mundial como um marco que divide a história da escolarização desse grupo étnico.

Capelo reitera que após o término da Segunda Grande Guerra iniciou-se a formação de escolas de caráter nipo-brasileiro que conciliava o ensino da escola brasileira com o da língua japonesa. Por meio desse projeto pedagógico a escola se “abrasileirou” um pouco para continuar a ser essencialmente japonesa, ou seja, manter suas identidades ligadas ao país de origem dos imigrantes. Além disso,

¹²² Sobre os grupos terroristas formados entre os imigrantes e descendentes de japoneses logo após a Segunda Guerra Mundial, sugerimos a leitura da obra: HATANAKA, Maria Lúcia Eiko. **O processo judicial da Shindo-Remmei: um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil.** São Paulo: Fundação Japão; Annablume, 2002.

a partir da década de 1960, muitos filhos desses imigrantes saíram das seções da área rural a procura de melhores oportunidades de trabalho e de estudo na cidade, ao mesmo tempo houve a entrada de pessoas de outros grupos étnicos nessas seções. Esse processo fez com que, aos poucos, as escolas japonesas dessem lugar definitivamente às escolas convencionais, baseada na educação brasileira.

Esse processo da educação nipo-brasileira no pós-guerra e também a busca por melhores oportunidades de estudo e de trabalho no meio urbano, apontado por Capelo e que aparecem nas memórias dos entrevistados, também são apontadas em outros trabalhos, como o de Sidinalva Maria Wawzyniak, que aponta a desilusão pós-guerra como um fator crucial.

Finda a guerra, porém, os imigrantes começaram a abandonar gradativamente a ideia do retorno, não só em função das precaríssimas condições socioeconômicas do Japão, mas também porque eles não haviam amealhado a fortuna que pretendiam para o regresso. [...]

O investimento na educação de seus filhos tomaria, então, outros rumos, que considerariam agora a perspectiva de ascensão social. [...]

Com a decisão de ficar no Brasil, tomada depois da Segunda Guerra, a comunidade começou a se preocupar com a formação dos filhos. Era hora de plantar novas sementes. A formação universitária foi vista como o melhor caminho para a ascensão social da nova geração. [...] ¹²³

Na visão de Jhony Arai e de César Hirasaki, assim como a dos entrevistados, a educação era importante para os imigrantes japoneses desde os primeiros anos da vinda ao Brasil. Assim, já no início havia a preocupação dos pais em preparar os filhos para o melhor convívio e inserção na sociedade brasileira.

Assim, logo nos primórdios, surgia a fama dos nipônicos: “Os europeus constroem uma igreja; os japoneses, uma escola”, já que 90% dos imigrantes nipônicos com mais de 12 anos eram alfabetizados, seguidos pelas crianças italianas, com 71,3%. [...] A educação, tanto a japonesa quanto a brasileira, era primordial para

¹²³ WAWZYNIAK, op. cit., p. 166; 176.

que os descendentes deixassem as lavouras para ocupar cargos importantes em escritórios e hospitais. [...] ¹²⁴

2.2 A EDUCAÇÃO NO PÓS-GUERRA COMO SUPORTE PARA AS IDENTIDADES *NIKKEIS*

Nesse momento, Célia Sakurai aponta um perfil que parece ser comum também na memória de nossos entrevistados: a família muda-se para o meio urbano e, com isso se favorece, podendo encaminhar seus filhos para os estudos universitários.

Após terminada a guerra, os deslocamentos para as cidades se acentuam e é o momento em que os descendentes de primeira geração, os *nisseis*, podem viver o sonho de seus pais de uma vida estável, mas sem luxo. Entre as metas na cidade estão a aquisição de imóvel para residir levando consigo os pais e eventuais parentes [...]. Outro objetivo perseguido quase obsessivamente é a garantia de oferecer estudos para os filhos mesmo que em escolas particulares, pagas com horas de trabalho nas feiras, quitandas, tinturarias, salões de beleza, ou diante da máquina de costura. Formados, os descendentes abandonaram os negócios dos pais e partiram para a profissão que escolheram. A educação dos descendentes é um indicador de ascensão social e a explicação para o desaparecimento dos nichos do pequeno comércio, que durante a década de 1950 até o final do século estiveram nas mãos de famílias de japoneses imigrantes [...]. ¹²⁵

Ao falar de sua formação, Estela comenta que após o ginásio fez a escola normal (magistério) e acabou por querer dar prosseguimento dentro dessa área. No entanto, só havia faculdade em Curitiba. Assim, quando alguns membros do grupo étnico japonês ficaram sabendo que ela poderia estudar fora, se reuniram com seus pais na tentativa de convencê-los a não mandar Estela para Curitiba, alegando que ela por ser mulher, a escola normal já era suficiente, e que ela teria que se preparar para um futuro casamento tendo aulas de educação doméstica. Estela conta que seu pai, segundo ela, um homem bastante culto, dizia que o mundo

¹²⁴ ARAI, Jhony; HIRASAKI, César. **100 anos da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Bunkyo – Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, 2008, p. 96; 172.

¹²⁵ SAKURAI, Célia. Dos passageiros do Kasato Maru aos aviões da Varig: quem eram os imigrantes? In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Orgs.). **Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p. 134-135.

estava enfrentando mudanças, e que sua filha viveria em uma época diferente, que poderia precisar de um estudo mais aprofundado. Mas, eles achavam bastante incomum uma moça morar sozinha em outra cidade, longe dos pais. Mesmo assim, seus pais demonstraram confiança na filha e pediram para que ela tivesse responsabilidade. Estela disse que por fim tudo deu certo, comentando sobre esse episódio que marcou a sua vida, no ano de 1951, quando ela tinha 18 anos.

O exemplo de Estela nos remete ao trabalho de Mello e Novais que analisam sobre a questão da mulher no novo processo socioeconômico brasileiro, durante o pós-guerra.

[...] A mulher de classe média vai chegando com muito esforço à universidade, vencendo a oposição dos pais, às vezes até do noivo ou do “namorado firme”. O preconceito contra sua presença nas escolas mais importantes, de direito, medicina ou engenharia, ainda era muito grande. Natural, portanto, que se dirigisse predominantemente às faculdades de filosofia, com o objetivo de ingressar no professorado de ginásio, do curso clássico ou científico, uma ocupação, aliás, já transformada em feminina [...].¹²⁶

Assim, como foi analisado por Mello e Novais, Estela é uma mulher com nível superior, justamente, na área de pedagogia. E que segundo seu relato, teve de enfrentar o preconceito da sociedade — principalmente por parte dos imigrantes japoneses e descendentes —, para realizar seu objetivo de cursar a faculdade. Com isso, podemos observar que dentro desse grupo étnico o incentivo aos estudos se dava principalmente aos homens.

Sr. Yoshii também foi cursar a faculdade na capital paranaense, e logo depois que se formou ganhou uma bolsa de estudos para o Japão.

De Presidente Prudente... eu fui estudar em Curitiba, fiz o cursinho, a faculdade de Engenharia na Federal, e me formei em 63. Bom, a minha família continuou em... Apucarana, quando vieram para o Paraná, moramos muito tempo em Apucarana [onde] nós entramos em 58, mais ou menos, 57-58 mais ou menos. [...] Eu fui estudar em Curitiba, e me formei em Engenharia Civil, e de lá eu fui fazer... ganhei uma bolsa de estudos, pelo governo de Hokkaido também, é... na Universidade de Hokudai, na... em Sapporo. Então em 1964, eu passei lá no Japão, fiz Administração de Indústria e tive a oportunidade de conviver muito com os japoneses, com os descendentes, [...] vivi muito a cultura, as tradições, os costumes japoneses...

¹²⁶ MELLO; NOVAIS, op. cit., p. 596.

No caso da família Yoshii, a questão do empreendedorismo aparece tão marcante na memória quanto à importância dos estudos, como uma possível estratégia de sobrevivência e de ascensão social. Por meio disso, sua entrevista contribui para se refletir como a questão dos estudos aliado com o profissionalismo se deu como uma importante estratégia de formação das identidades *nikkeis*.

Assim como Estela e Yoshii, o Sr. Tan teve que se mudar para Curitiba, para estudar na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Uma das principais dificuldades, apontadas por ele era o deslocamento de trem até a capital paranaense. “E então, não era fácil, a gente ir lá, tanto é que não dava para voltar nas férias, né!? Porque levava 24 [horas] e também tinha o custo, de vim, voltar e tudo. Então, foi muito difícil! [...]”

Ao reiterar o aspecto da educação vista como prioridade para os imigrantes japoneses, Estela acredita que essa postura proporcionou a ascensão rápida dos descendentes, tanto ascensão profissional, quanto a ascensão econômica. Para Estela, esse traço, de priorizar a educação, vem desde o Japão.

Estela destaca ainda, o processo enfrentado pelos *isseis* em formar seus filhos, e o sacrifício que tiveram que fazer para que isso fosse concretizado.

O traço japonês é a educação em primeiro lugar, seja lá o que for, né?! Esses, esses imi...[grantes] e outras gerações também, né?! Que depois terminou o ginásio e talvez aos trancos e barrancos, assim, então prosseguia. E depois, se... mulher geralmente, não, né?! Era mais os rapazes, que o japonês continua machista. Agora que está saindo um pouco, mas é bem machista. Então, quando eles vinham para as capitais, ou lugar onde tem curso superior, os pais tinham que pagar a permanência, a manutenção dele, para poder frequentar. Então, se a família continua no Sol, tal, daí geada mata o café, não dá, está precisando, mas eles faziam um sacrifício. Algumas famílias comiam menos, restringia a comida dos outros irmãos para poder guardar um pouco do dinheiro, para poder mandar para o filhos... para poder pagar o filho que está estudando fora.

Ocorreu ainda a propensão dos filhos de imigrantes terem se especializado principalmente nas áreas de Ciências Exatas e Biológicas, e bem menos nas Ciências Humanas. Segundo Estela, a dificuldade em se integrar a cultura brasileira e o domínio pleno do idioma, limitou a comunicação desses *nisseis*, já que o requisito da comunicação seria mais exigido nas áreas humanas.

Já Yoshii destaca que dentro das comunidades étnicas realizavam-se bastantes atividades, como *taikō*¹²⁷, *karaokê*¹²⁸, havia escola, campo de beisebol, e que isso, de acordo com ele, de certa maneira prevalece até hoje. Sr. Yoshii acredita também que essas atividades aproximam os jovens da cultura japonesa, e por vez, eles se tornam mais pontuais e responsáveis.

Sobre o aspecto profissional, Sr. Yoshii comenta que o *nikkei* tem a característica de ser muito detalhista, muito caprichoso, e assim muitos se tornaram dentistas, médicos de destaque. Muitos também se destacaram na área exata, principalmente como engenheiros.

Ainda segundo ele, os japoneses eram muito preocupados com a educação e também com as práticas esportivas. No início, viviam em grupos, em comunidades, pois ainda estavam pouco integrados à sociedade brasileira, assim, a escola foi um elemento integrador com a cultura da terra natal, nessa ocasião.

Não só educação [...] mas a parte de esportes também, os japoneses eram muito unidos. Porque eles viviam quase... era uma comunidade de *nikkeis*, porque eles não tinham muita penetração em outro tipo de sociedade. Então, eles viviam mais em grupos, e a gente até falava muito que: é quando junta dois, três japoneses já começa virar cooperativa... mas é... mas é verdade, eles viviam muito em comunidades, e essas comunidades era prá quê, era para fortalecer... [...] E realizavam bastantes coisas, faziam escolas, faziam campos de beisebol e isso se prevalece até hoje. Mas isso foi muito bom, porque era uma maneira de você não perder distância com a cultura, com os costumes japoneses. [...] E isso foi muito bom, e continua ser muito bom!

De acordo com o Sr. Tan os japoneses da área rural mesmo passando necessidade não mandavam os filhos pequenos (9/10 anos) para trabalharem no sustento da família. E disse que os filhos para corresponder a todo esse sacrifício dos pais se esforçavam bastante nos estudos.

Eu respeito como uma herança, né, uma herança dos samurais, que tinham um espírito guerreiro, um espírito batalhador [...] nós trouxemos isso. Então, em todos os ramos de atividades que os filhos de japoneses entraram eles se esforçaram ao máximo pra

¹²⁷ Instrumento de percussão tradicional do Japão, semelhante a um grande tambor, sendo esse tocado por baquetas.

¹²⁸ Palavra de origem japonesa, “kara” = “vazio” e “oke” vêm da palavra “okesutora” = “orquestra”. Sendo esse um tipo de apresentação em que qualquer pessoa pode cantar acompanhada por músicos ou por fundos instrumentais já gravados.

corresponder os sacrifícios dos pais. Então, procuraram estudar bastante, viam os pais que trabalhavam de sol a sol, então ele não pode ficar na folga aí. Assim, pode observar, até hoje, a gente observa, agora essa nossa... a terceira e quarta geração nem tanto, mas até a segunda geração, nas universidades a gente observava, eles poderiam não ser os melhores alunos, mas, eram alunos todos dedicados, esforçados, que procuravam estudar, procuravam aprender, sabe?!

O depoimento de Toshihiko Tan apresenta características que aparecem com mais frequência na historiografia como a sua origem, de imigrantes pobres que já praticavam a agricultura no Japão, mas que enfrentaram problemas de adaptação e que pretendiam ganhar dinheiro e retornar ao país de origem. Fica claro em seu depoimento também o quanto a educação dos filhos teve importância dentro da questão da estratégia de sobrevivência de seus pais e da estratégia de ascensão social de sua família. Sr. Tan comenta que seus pais tiveram dez filhos, porém somente quatro sobreviveram, Toshihiko é o mais velho, ele e todos os seus irmãos se formaram em curso superior: uma irmã enfermeira, a outra advogada, e o seu irmão é médico.

O processo de integração e de formação da identidade ainda está acontecendo. A cultura japonesa tem muitas coisas boas, e muitas ruins também, por isso precisa separar o joio do trigo. Seria boa essa reciprocidade entre as culturas, e essas trocas estão acontecendo ao longo do tempo. Os japoneses são um povo heterogêneo, formado por meio da mistura de diferentes povos da Ásia, tentaram provar que eram puros, mas hoje sabe-se que não, assim como o povo brasileiro. Não existe uma entidade que diz quem é... qual é a cultura brasileira, né... brasileira mesmo. Porque o contingente de etnias que formaram o nosso... a nossa população, o nosso povo é muito grande, né?! [...] Então, eu acho ainda que nós temos muita coisa ainda, né?! A caminhar, até haver uma aculturação japonesa integrado à cultura brasileira.

Assim, Toshihiko Tan parece concordar que a questão da inserção dos filhos de japoneses nas profissões mais destacadas ajudou na negociação de brasilidade, mas Tan acredita que essa integração ainda não está totalmente estabelecida com sucesso, ou seja, que ela ainda está em negociação.

Mônica Raisa Schpun analisa sobre essa importância dada à educação dos filhos como estratégia de ascensão social para os imigrantes japoneses, e de que forma se deu essa estratégia.

Temos aqui, a meu ver, [uma] grande contribuição dos imigrantes japoneses à sociedade brasileira. O investimento escolar intenso e massivo, cujos resultados aparecem de forma eloquente [...]. Assim, depoimentos existem onde os descendentes da segunda geração contam como os bons resultados escolares dos filhos eram uma retribuição obrigatória aos sacrifícios feitos pelos pais para garantir-lhes a possibilidade de uma escolaridade longa e de diplomas de alto nível, que foram os primeiros — privilegiados — alcançar. O sucesso de tais expectativas dos mais velhos deve-se a uma combinação de fatores dentre os quais as próprias relações familiares, marcadas pelo autoritarismo, pelo respeito aos mais velhos e pela predominância dos interesses coletivos da família, em detrimento dos desejos individuais. O próprio sentido de retribuição dado aos resultados escolares parece indicar que os frutos do investimento não eram vistos como de cunho individual.¹²⁹

Já na entrevista de Issao Ujihara nota-se uma preocupação menor, em relação aos demais entrevistados, no aspecto de se aprender a língua japonesa, não somente pelo fato de ele ser um neto de imigrantes, portanto integrante de uma geração há mais tempo no país, mas ele próprio destaca que a aculturação bem sucedida de seu avô Hikoma Ujihara na sociedade brasileira colaborou para isso, e até mesmo para a compreensão de outros colegas *nikkeis*, em entender a sua etnicidade.

Como meu avô tinha um respeito e uma admiração por todos eu acho que até as minhas gafes, em não falar tão bem o japonês e entender como os outros amigos meus, eram perdoados porque eu era neto dele... [Hikoma Ujihara]. Então é interessante, a reverência que tinham para com ele, havia o perdão de eu não ser japonês tanto quanto eles...

Mas por outro lado [...], sempre falei sem sotaque então ficava mais fácil de você estar no meio social... brasileiro, vamos dizer assim. Frequentei sim, as chamadas *nihon-gakôs*, quer dizer, escola japonesa. Mas, confesso que ia lá mais para brincar de cabo-de-guerra, é... de fazer *origami*, aqueles bichinhos que você faz com o papel, eu ia mas para lazer, do que... pra coisa lúdica, do que efetivamente aprender a falar ou escrever japonês. [...] Eu não tinha uma total integração, não é?! Com os japoneses.

Outro aspecto interessante para verificarmos nesse trecho do depoimento de Issao Ujihara seria o que ele está dizendo sobre ser ou não brasileiro, de ser reconhecido ou rejeitado como japonês, quando ele considera gafes não dominar o idioma japonês tão bem quanto seus amigos *nikkeis*, e por ele

¹²⁹ SCHPUN, op. cit., p. 144-145.

ter sido perdoado por isso, ou seja, não ter sido rejeitado pelo grupo étnico japonês, devido à história de seu avô. Ou quando ele comenta que por outro lado isso foi vantajoso para seu convívio no meio social não-*nikkei* — entre os “brasileiros” — por falar sem sotaque de japonês, o que permitiu que fosse mais bem aceito como brasileiro em relação aos demais *nikkeis*, que porventura tivessem sotaque.

Analisando essas entrevistas e verificando a memória dos integrantes do grupo étnico japonês podemos afirmar que mesmo entre aqueles entrevistados que diziam que a família não tinha a intenção de retornar ao Japão, houve sim dois momentos em que as identidades estiveram ligadas a questão da educação por motivos diferentes.

Assim, é possível afirmar que, nos primeiros anos de permanência no Brasil, a escola seria, para os japoneses, a instância em que os traços culturais seriam difundidos e compartilhados. Esse espaço serviu para afirmar a representação do pertencimento à nação japonesa, pois era ali, por exemplo, que se celebrava o aniversário do imperador e, em especial, o filho do imigrante aprendia a falar e escrever em japonês. Posteriormente, a educação transforma-se em estratégia para facilitar a inserção na sociedade brasileira. Ao encaminhar seus filhos à universidade, os imigrantes estavam assegurando tanto a manutenção do grupo como sua ascensão social. Em paralelo, trataram de criar clubes e centros para onde se transferiu a garantia da propagação dos significados culturais que reforçam a identificação japonesa. [...] ¹³⁰

Como foi discutido por Lesser, houve a utilização de diversas estratégias dentro da negociação de identidades, e a questão da ascensão social teve um papel importante dentro desse processo. Contudo, esse trabalho se baseia na ideia de que a educação dada aos descendentes de japoneses, não vem só de um caráter cultural vindo do Japão, mas, principalmente, de uma estratégia de ascensão social. Pois, de acordo com Mello e Novais¹³¹, as carreiras de engenharia e de medicina eram e continuam sendo as mais valorizadas dentro de uma sociedade como a nossa, por ser tradicionalmente exercidas por indivíduos de camadas sociais mais privilegiadas. Assim, a escolha de profissões em áreas exatas e biológicas pode ter sido influenciada muito mais pela questão de *status* e de ascensão social, do que pelo problema da comunicação.

¹³⁰ WAWZYNIAK, op. cit., p. 178-9.

¹³¹ MELLO; NOVAIS, op. cit.

Podemos verificar, ainda, nesses depoimentos e também nas teses apresentadas pelos autores analisados até aqui, que os pais tinham muitas vezes dificuldades de se inserir na sociedade brasileira por não saber a língua portuguesa, dessa forma, garantir a educação de seus filhos poderia ser ao mesmo tempo uma estratégia de sobrevivência deles, pois assim poderiam ter seus descendentes como intérpretes e, também, como uma estratégia de valorização e de ascensão social de uma etnicidade *nikkei*.

Além disso, os *nisseis*, por meio de estudo em nível superior, se destacariam na sociedade por meio de profissões mais valorizadas, como medicina, engenharia e direito, alcançando melhor status social e econômico. Assim, a educação seria um suporte para a construção das identidades que representariam um grupo étnico modelo no Brasil.

Sobre essas identidades distintivas do grupo étnico japonês, Maria Lúcia Eiko Hatanaka faz um comentário, tratando do período pós-guerra.

Respondendo às transformações do seu tempo, os imigrantes reelaboraram um conjunto de princípios capazes de assegurar sua continuidade enquanto grupo: estão se recriando culturalmente. Reelaboram uma ordenação moral não certamente arbitrária mas revivida de um fundo comum, uma história mítica mas também real. Dilatando o tempo primordial, revelam que o mito somente se perpetua quando cultivado.

Tal como “As Troianas” evocam o “Espírito de Troia” — quando se preparam para partir para o exílio depois que a cidade está vencida — os imigrantes japoneses afirmam que o “Espírito Japonês” é o eixo de sua ligação e o fio condutor que não deve ser esquecido.¹³²

Dessa forma, o papel da educação foi crucial para o *nissei* no processo de inserção e integração à sociedade nacional, e ela foi constituída na tentativa de reelaborar uma nova estratégia no período pós-guerra: a estratégia de ascensão social. Como Maria Lúcia Eiko Hatanaka nos apontou: o “Espírito Japonês” (que entendemos aqui como elementos identitários e de mitificação que integram a memória étnica) jamais é esquecido, ele se reelabora para assegurar a coesão do grupo étnico. E de certa forma o aspecto da educação teve grande participação nesse processo.

¹³² HATANAKA, Maria Lúcia Eiko. **O processo judicial da Shindo-Remmei**: um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil. São Paulo: Fundação Japão; Annablume, 2002, p. 155.

3 ENTRE SER BRASILEIRO E JAPONÊS: CONFLITOS E NEOGOCIAÇÕES DAS IDENTIDADES

Além do aspecto da educação aparecer diversas vezes como um dos elementos formadores das identidades na memória do grupo étnico japonês, outros aspectos identitários como honestidade, responsabilidade e dedicação também são pertinentes, e poderão ser analisados como estratégias presentes na memória desse grupo para a negociação de um espaço melhor dentro da sociedade brasileira.

Para os imigrantes japoneses, “divulgar a cultura japonesa no Brasil é difundir e cultivar os pontos positivos do Japão e aqueles valores característicos do povo japonês, tais como: a honestidade, a dedicação ao trabalho e o alto interesse pela educação”¹³³. Tais qualidades eram importantes para os descendentes japoneses, mas era igualmente desejável que a sociedade local se familiarizasse com esses valores. Essa relação de mão dupla foi um elemento relevante no processo de interação dos nipônicos. [...] ¹³⁴

Não apenas esses elementos serão levados em consideração neste capítulo, como também a questão dos *nikkeis* e o aspecto da crise identitária vivenciada entre ser brasileiro e ser japonês, não apenas pelas características físicas, mas também pelo conflito e a constante negociação das identidades vivenciada por esse grupo. Vale então questionar em que situação afirma-se ou nega-se essa identidade.

3.1 OUTROS ASPECTOS DAS IDENTIDADES DO GRUPO ÉTNICO JAPONÊS

Primeiramente, analisaremos o depoimento do Sr. Yoshii, elencando principalmente a sua carreira profissional, tida como bem sucedida. Após se formar em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná, em 1963, foi no ano seguinte, estudar administração de indústria, em Hokkaido, no Japão, por meio de

¹³³ Apud SAKAI, 1979, p. 21.

¹³⁴ WAWZYNIAK. op.cit., p. 176.

uma bolsa de estudos. De acordo com seu depoimento, lá vivenciou a cultura e as tradições do país de seus ancestrais, pode também ver a reconstrução do Japão no pós-guerra. Naquele ano, estava sendo realizada as Olimpíadas em Tóquio. Ele relata que ficou admirado com a recuperação daquele país, e que essa admiração teve uma forte influência na sua vida profissional.

Ao retornar ao Brasil, um ano depois, Sr. Yoshii foi morar em Apucarana, onde primeiramente foi trabalhar na prefeitura e um ano e meio depois iniciou sua carreira como pequeno empresário no ramo da construção civil. Ele afirma que iniciou sozinho seu negócio, após se formar em Engenharia Civil, fazendo pequenos projetos e reformas, e que a influência da cultura japonesa foi fundamental para sua carreira profissional. Segundo ele, essa cultura é associada à responsabilidade, à honestidade e à pontualidade.

Isso foi muito importante para minha vida, porque isso veio só somar toda a credibilidade que o *nikkei* estava gozando é... aqui no Brasil. E o legado que foi deixado pelos nossos *ditians*, pelos nossos avós, mesmo país, tudo. Foi um legado muito bom, de respeito, de admiração por toda a comunidade brasileira e isso fez com que abrisse muitas portas para mim na vida profissional.

Observa-se nesse depoimento, uma memória ligada à questão do legado deixado pelos imigrantes aos descendentes nascidos no Brasil. Sr. Yoshii também não deixa de diferenciar a sua etnicidade, ressaltando as qualidades deixadas pelos seus antepassados e tratando os *nikkeis* como uma minoria modelo: como profissionais de destaque, e por meio, disso conseguiram se integrar na sociedade brasileira de maneira bem sucedida.

Em seguida, veremos um trecho do depoimento de Toshihiko Tan, em sua memória nota-se a visão que os nacionais poderiam ter em relação aos japoneses e descendentes, apresentando tanto o aspecto do preconceito quanto elementos identitários desse grupo étnico, afirmando identidades bastante ligadas ao país de origem de seus ancestrais. Podemos observar isso quando ele cita uma palestra que ouviu de um professor da faculdade de Filosofia da UFPR.

Aí ele falou, no decorrer da sua fala, disse que a raça amarela era uma raça nefasta, e que deveria ser banida do Brasil. Olha, eu estando lá, só faltou eu me afundar... [risos]. Era essa a conscientização de um professor universitário, viu?! Veja bem! Então, a integração não era fácil. E a sociedade brasileira como um todo

também era assim, né. Falava: olha os japoneses são muito trabalhadores, são esforçados, são honestos, mas eles nos seus cantos lá, no seu lugar. Não deixavam os japoneses [...] subirem, pegar uma ascensão social, assim, porque viviam lá meio isolados. Agora, graças a Segunda Guerra Mundial e graças ao progresso científico... técnico e científico e a colocação do Japão num país mais evoluído, aí os brasileiros viram que era uma raça diferente. Não era aquela coisa de só trabalhar, de sol a sol, uma vida miserável, assim né. Era enfim, mas tinha muito mais para oferecer, tanto é que eles conseguiram ser uma das potências maiores do Universo. E aí nós fomos valorizados, né?!

Além de sua memória apresentar a noção dos japoneses e descendentes serem tidos como sérios, honestos e trabalhadores, sendo os japoneses os melhores brasileiros, em resposta ao preconceito dos nacionais, essa noção se estendeu também aos japoneses que viviam no Japão, citando o exemplo do surpreendente desenvolvimento desse país no pós-guerra, relacionando a sua memória identitária aos valores da terra de seus pais, devido a bem sucedida recuperação, tida aqui como motivo de orgulho.

Conta ainda que foi ao Japão pela primeira vez em 1971, 26 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, e que ficou admirado com a reconstrução do país em tão pouco tempo. A resposta para esse desenvolvimento que transformou o Japão em uma potência mundial, foi encontrada por ele, na implementação de um rígido sistema de educação. Nesse momento, ele mais uma vez recorre à memória sobre a terra de seus ancestrais para remeter a elementos que serviram de suporte na formação identitária desse grupo étnico no Brasil: a disciplina e a educação.

Já Estela faz um breve comentário sobre os valores culturais herdados dos imigrantes japoneses que nos chama a atenção. Ela acredita que os jovens nipo-brasileiros deveriam ingressar na política, para levar os valores culturais do Japão para a política. Porém, ainda não há muitos *nikkeis* atuando na vida pública, e isso se deve, de acordo com ela, a falta de maior desenvolvimento da comunicação, já que para ela a cultura japonesa é mais fechada, e se expõe pouco.

O japonês [descendente] é mais fechado, pensa, mas não expõe. Acha que pela expressão facial já se entende. Mas, não entende.

Analisando essa fala podemos perceber o quanto é forte na memória de Estela a identificação dos *nikkeis* muito mais como japoneses do que como

brasileiros: primeiro ela fala que os jovens nipo-brasileiros deveriam levar para a política os valores culturais do Japão, depois ela os cita como japoneses e não como brasileiros descendentes, e comenta sobre a dificuldade de comunicação, também ligada ao comportamento tido como típico do imigrante japonês. Além disso, ela fala da importância de se levar valores culturais do Japão para a política brasileira, nesse momento, os valores ficam implícitos, mas provavelmente são os elementos que se destacam na fala dos demais depoentes: honestidade, responsabilidade, disciplina, entre outros, afirmando mais uma vez uma etnicidade diferenciada dos demais brasileiros, e tratando os *nikkeis* como uma minoria modelo em relação aos nacionais, como apontou Jeffrey Lesser.

No depoimento de Issao Ujihara destaca-se o aspecto da aculturação de seu avô paterno, e também da sua importância no processo de inserção dos imigrantes japoneses em Londrina.

É uma outra coisa dentro desse processo de aculturação dele, ele acabou se transformando num católico convicto e foi batizado no Brasil pelo padre jesuíta Guido Del Toro em São Paulo. E ele que doou os três primeiros sinos da Igreja Matriz de Londrina. [...]

Então era uma figura digna de nota. E era um prídigo... prídigo que eu digo, o seguinte, tudo que ele ganhava ele dava... quisera eu ter herdado... tudo que ele tinha... A casa dele, onde ele recebia todos os japoneses era na rua Ceará, [centro de] Londrina. Não sobrou nada disso aí, se eu tivesse... se eu fosse dono daquele quarteirão lá... herdeiro disso aí, estava tudo bem. E essa figura era tão importante, que mesmo em resgates que houveram, como por exemplo no filme *Gaijin* [2] da Tizuka Yamazaki, aparece mesmo a figura dele, aquela figura paternal pegando os japoneses que conseguiram atravessar o rio e chegar aqui, tudo sujo, enlameados... e acomodá-los na casa dele.

Issao Ujihara apresenta o seu avô como um imigrante disposto a ser brasileiro, destacando a sua conversão ao catolicismo e a doação dos sinos da Igreja Matriz em Londrina. Mas, ao mesmo tempo em que esse sujeito está se aculturando ele também se preocupa em levar seus patrícios para um espaço de fronteira, formando colônias que mantinham e reproduziam aos descendentes, certos aspectos do Japão. Com isso, a figura de Issao Ujihara também se apresenta como alguém que participou ativamente no processo de inserção dos

imigrantes japoneses, criando assim novas oportunidades de expansão da presença desse grupo étnico no Brasil.

[...] Durante os longos anos de labor [...] Udihara conquistou a simpatia e admiração de todos, dado ao seu trabalho honesto e irrepreensível, ele fundou 31 núcleos de japoneses nos quais surgiu sequer uma dúvida a respeito dos lotes vendidos por ele. A [CTNP], depois Companhia Melhoramentos Norte do Paraná é testemunha palpitante dessas realizações.

Ao comentar sobre o trabalho de seu avô em promover a colonização no Norte do Paraná, Issao Y. Udihara destaca aspectos identitários e de mitificação constituintes na memória do grupo étnico japonês, como 'longos anos de labor', trabalho honesto e irrepreensível'. Ressaltando não apenas suas realizações, como de promover a fundação de 31 núcleos japoneses, mas também de que seu trabalho foi feito com honestidade e idoneidade, destacando assim valores tidos como típicos da cultura japonesa.

No trecho a seguir, ressalta-se a preocupação de Hikoma Udihara em trazer seu filho e sua nora para Londrina, ambos com curso em nível superior: o filho médico e a nora pedagoga e sanitarista, portanto, médica. Além disso, Issao destaca que a sua mãe logo de início teve dificuldades em se adaptar, mas, seu avô sempre valorizava aquilo que sua nora tanto menosprezava: a terra vermelha, que era tida como um símbolo de uma terra fértil e promissora.

Quando a minha mãe veio pra cá junto com meu pai, quando meu pai se formou em Medicina, e ele convenceu o meu pai de vir pra cá. E o meu tio mais velho ficou em São Paulo, é... ela chegou e ficou horrorizada com isso aqui. Ela é pedagoga e sanitarista em São Paulo, minha mãe, e ela falou: - "Meu Deus, olha essa poeira! Olha esse pó! Eu limpo, limpo, limpo aqui e o tempo todo fica aquela camada grossa de poeira. E ele respondia para minha mãe: - "Cazuê, você não pode xingar isso aqui, você tem que respirar e aspirar [fazendo o gesto] tudo isso aí, porque isso é o ouro, é o ouro que faz dessa cidade a melhor cidade do Brasil... Então, realmente ele era muito... era uma figura...

Nota-se nos depoimentos de Issao Udihara, que seu avô ao promover a venda de propriedades para os imigrantes japoneses no Norte do Paraná, não estava apenas fazendo um negócio, mas também promovendo a

inserção do grupo étnico japonês em um espaço onde a frente de pioneira poderia oferecer certa oportunidade de ascensão, em um lugar tido como promissor.

Outro depoimento que analisaremos será o do Sr. Masasuke Mashima¹³⁵, o seu perfil se diferencia dos demais entrevistados até agora. O Sr. Mashima é o único imigrante entre a rede de entrevistados, porém, ele fez parte do grupo que veio após a Segunda Guerra Mundial para o Brasil, portanto, em um contexto bastante diferenciado. Assim, de acordo com Célia Sakurai:

A discussão que envolve a imigração no pós-guerra é de outro feitio, com outros elementos, que tornam o período entre o final da guerra até meados da década de 1980 um segundo momento dentro da periodização da história das migrações internacionais. Ocorrem nesse período as migrações entre continentes e as migrações entre fronteiras vizinhas, estas de maneira sistemática, especialmente a partir dos anos 1960. [...] ¹³⁶

Esta autora analisa ainda, o processo da imigração japonesa para o Brasil no período que vai de 1952 até o final da década de 1970.

A partir de 1952 (reatamento das relações diplomáticas) até o final da década de 1970, chegaram mais 50000 imigrantes japoneses para preencher a necessidade de mão de obra para os projetos de desenvolvimento do governo brasileiro do pós-guerra: ampliação das áreas para a agricultura e início do processo acelerado de industrialização. Desta vez, porém, as regras de recrutamento e seleção foram mais rígidas. Só seriam aceitos candidatos com formação técnica, e de acordo com a demanda. [...] ¹³⁷

O Sr. Mashima veio ao Brasil no ano de 1958, com 26 anos de idade, solteiro, logo após se formar na faculdade de Engenharia Agrônoma, em

¹³⁵ Masasuke Mashima nasceu em 16 de setembro de 1932, em Nigata, no Japão. Formou-se em Engenharia Agrônoma pela Faculdade de Agronomia de Nigata, no ano de 1958. Nesse mesmo ano, emigrou-se para o Brasil, indo trabalhar no ramo da fruticultura, especialmente no cultivo de uva, pêssego, caqui e nêspera, na propriedade do Sr. Kaoru Hiramatsu, na cidade de Mogi das Cruzes (SP). Em 1963, Sr. Mashima passou a trabalhar na Cooperativa Agrícola de Cotia – Cooperativa Central, como técnico em fruticultura. Dois anos depois, foi enviado à Regional do Norte do Paraná, onde prestava assistência técnica de fruticultura. A partir desse momento, Sr. Mashima e sua família mudaram-se para Londrina, onde residem até hoje. Aposentou-se por idade, em 1992, pela Cotia como técnico especializado em fruticultura. Sr. Mashima é casado, tem três filhos e uma filha.

¹³⁶ SAKURAI, Célia. A imigração dos japoneses para o Brasil no pós-guerra (1950-1980). In: HASHIMOTO, Francisco et al. (Orgs.). **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 190-191.

¹³⁷ SAKURAI, Célia. Dos passageiros do Kasato Maru aos aviões da Varig: quem eram os imigrantes? In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Orgs.). **Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p. 132.

Nigata (ver Mapa 3), no Japão. Ao chegar ao aqui o Sr. Mashima se dedicou às pesquisas sobre produção de fruticultura, participando diretamente no projeto de expansão e desenvolvimento da agricultura no pós-guerra. Assim, esse depoente apresenta o perfil do imigrante que se desejava naquele momento para o país:

[...] Os jovens do sexo masculino que mal haviam terminado os cursos de técnicas agrícolas ou de especialização industrial formaram a grande maioria deste novo fluxo. A idade média não ultrapassava os 25 anos e eram solteiros na quase totalidade. Estes também eram originários de todas as regiões do Japão [...].¹³⁸

Ao chegar aqui o Sr. Mashima primeiramente trabalhou na propriedade do Sr. Kaoru Hiramatsu, na cidade de Mogi das Cruzes (SP). Em 1963, Sr. Mashima passou a trabalhar na Cooperativa Agrícola de Cotia – Cooperativa Central, como técnico em fruticultura. Sendo depois de dois anos, enviado à Regional do Norte do Paraná, onde prestava assistência técnica de fruticultura. A partir desse momento, Sr. Mashima e sua família deslocaram-se para Londrina. Dessa maneira, chama-se atenção para uma característica presente no perfil do Sr. Mashima e daqueles que imigraram no pós-guerra representando um novo contexto que influenciou na redefinição identitária do grupo étnico japonês.

Pelo lado dos imigrantes propriamente ditos, os jovens do sexo masculino, na sua maioria solteiros, com alguma qualificação profissional, são também uma novidade. Os “Japão novo”, como ficaram conhecidos, têm experiência diferente dos jovens descendentes aqui nascidos. Para a sociedade, no entanto, todos são japoneses. O contraste entre os dois grupos cria a necessidade de uma redefinição da identidade dos nipo-brasileiros, tendo diante de si outro elemento: a imagem de detentores da tecnologia de ponta. [...].¹³⁹

Segundo Célia Sakurai a vinda desses imigrantes no período pós-guerra ocasionou ainda uma tensão com aqueles que já estavam no Brasil há mais tempo. Assim, nos primeiros anos da década de 1950, a convivência entre esses imigrantes envolveu as diferenças inerentes à vivência de ambos os grupos.

¹³⁸ Ibid., p. 133.

¹³⁹ SAKURAI, Célia. A imigração dos japoneses para o Brasil no pós-guerra (1950-1980). In: HASHIMOTO, Francisco et al. (Orgs.). **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 221-222.

[...] de um lado, os antigos imigrantes que tinham vindo trabalhar nas fazendas de café; de outro lado, os jovens nascidos num Japão mais urbanizado e industrializado que o do início do século. [Estes] chegaram orgulhosos, considerando-se superiores por serem mais estudados, mais cosmopolitas. Por sua vez, os velhos imigrantes os acusavam de ingratos, pois entendiam que não reconheciam as dificuldades passadas e apenas usufruíam do espaço social conquistado a duras penas pelos que tinham vindo antes. Os novos costumavam chamar os antigos de *burajiru* (Brasil) *bokê* (gagá, velho) numa alusão ao “atraso” destes, que ainda falavam e escreviam um japonês antigo, anterior à reforma efetuada depois da guerra, e tinham comportamentos e hábitos antiquados, distantes daqueles da geração pós-guerra japonesa. [...] Novamente, o tempo foi diminuindo as arestas e foram realizados muitos casamentos entre membros dos dois grupos.¹⁴⁰

Em um trecho do depoimento do Sr. Mashima ele se lembra do seu trabalho em orientar agricultores na região de Presidente Prudente, tendo que conviver com pessoas de diferentes etnias. Nesse momento, ele ressalta que os japoneses eram os que menos respeitavam suas orientações, mas aqueles que respeitavam sua palavra tiveram melhor adiantamento na produção.

Mas é, às vezes, algum lugar que nem Presidente Prudente e Álvares Machado aquela região, aquele: italiano, mas eles... obedece minha palavra [...]. Aquela região: italiano, é... português... esse adiantou mais... ele obedece... minha palavra. Então, cada lugar tem bastante... outro país... Mas, não é japonês, japonês às vezes, [risos] não respeita... brasileiro respeita minha palavra [...].

O Sr. Mashima fala também sobre sua família. Sua esposa é nipo-brasileira, nascida em São Paulo. Ao ser questionado se ele notava diferenças culturais entre ele, japonês, e sua esposa, *nikkei*, ele disse: “Acho que... criado com japoneses, né [sua esposa]?! Então, mesma coisa... não tem diferença.”

Seus filhos cresceram e estudaram em Londrina, de seus quatro filhos, um é engenheiro agrônomo, outro dentista, um médico, uma médica. Perguntado se frequentou escola japonesa quando criança César, que é engenheiro agrônomo como pai, disse que ele e seus irmãos foram incentivados a aprender apenas o português, pois não havia a necessidade de se falar japonês no Brasil, e que eles por iniciativa própria, durante a faculdade, é que passaram a estudar o

¹⁴⁰ SAKURAI, Célia. Dos passageiros do Kasato Maru aos aviões da Varig: quem eram os imigrantes? In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Orgs.). **Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p. 134.

japonês, e depois quando foram fazer estágio no Japão. Além disso, ele salienta que seu pai sempre se esforçou em falar o português.

No entanto, durante a entrevista, percebe-se que o Sr. Mashima apesar desse esforço, apresenta bastante dificuldade em se comunicar em português, mesmo depois de tantos anos no Brasil. Nesse caso, devemos considerar que por meio de seu trabalho, por muitos anos na Cooperativa Cotia, o Sr. Mashima pode ter tido uma vivência mais restrita com os imigrantes e descendentes de japoneses, já que a maior parte dos cooperados eram desse grupo étnico.

Ao falar sobre sua vida no período pós-guerra no Japão, o Sr. Mashima fala das dificuldades em garantir os estudos.

Depois da guerra era só estudo [...] Eu mesmo trabalho... estou trabalhando... e depois... dia trabalhando na lavoura, de noite... estudou pra científico... aí depois entrou na faculdade... faculdade direto pra estudo, né?! É assim mesmo, sempre trabalhou.

Minha família estudou faculdade eu e o segundo só... dois... sete, mas dois só que teve faculdade... O resto não entrou na Universidade.

Ao questioná-lo se tinha pretensão de retornar ou não ao Japão, o Sr. Mashima responde que não pensava em voltar, e destaca que o Japão estava sem espaço, enquanto que sua família, que vivia no campo, era bastante numerosa:

Ficar aqui... não tem jeito... Porque já brasileiro, naturalizou, naturalizado. Lá não tem lugar... espaço... família tem bastante e não tinha... não tem espaço.

O Sr. Mashima ainda comenta sobre a contribuição dos imigrantes japoneses para o desenvolvimento da produção e transformação do consumo de frutas e verduras, no Brasil:

Japonês que entrou então trouxe... que nem... agora também no Nordeste, né?! Não dá para saber como que berinjela comer, ele não sabe berinjela comer, tomate também, mesma coisa. Aí então, japonês entrou aqui e plantou verdura... fruta, essas coisas... como que comida, né?! Aumentou bastante para comida, então esse... incrível... bastante pra povo, população do Brasil, né?! Isso... graças a japonês mesmo... Almeirão, papaia, tudo japonês que começou

[...]. Como consumir, como comer, como produzir... tudo isso orientando...

Esse comentário apresenta a mitificação da memória que busca valorizar a participação do grupo étnico japonês na expansão da produção e no consumo de horti-fruti-grangeiros no Brasil, diferenciando seu papel dos demais grupos. Segundo a análise de Célia Sakurai.

Os jovens agricultores se reuniram aos imigrantes e descendentes do período de antes da guerra que ainda permaneciam na agricultura e, juntos, iniciaram a abertura de novos pólos agrícolas. Com o passar dos anos, os resultados podem ser observados através da introdução de mais produtos na mesa dos brasileiros, sobretudo as frutas, como o mamão do tipo papaia, os melões e maçãs, anteriormente importados. Locais que não tinham tradição de agricultura comercial entraram no circuito de negócios, como o interior de Santa Catarina e regiões do Nordeste — Rio Grande do Norte, sul do estado da Bahia, Chapada Diamantina (Bahia), partes do baixo e médio rio São Francisco (norte de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco) — além das extensas áreas do Cerrado.¹⁴¹

Ao comparar a vida no Japão, de sua época, com a do Brasil, Sr. Mashima ressalta as melhores oportunidades que esse país fornecia no aspecto da educação, ele ainda comenta sobre sua integração com a sociedade brasileira comparando com um outro elemento tido como identitário do povo japonês: a rigidez e a seriedade:

Brasileiro... agora ta bom, todo mundo... então que nem Japão não dá pra estudar todo filho pra faculdade, aqui Brasil dá pra estudar todo mundo... Que nem minha família, sete irmãos, né?! Mas, só dois que formados, aqui no Brasil dá pra quatro filhos, quatro estudou, então... graças ao Brasil, é melhor o Brasil.

Aqui mais alegre, lá é mais sério, mais rígido... No Japão, é sério mesmo... [aqui] mais liberdade...

Ao analisar as entrevistas juntamente com a bibliografia a respeito desse tema, percebemos que de início a memória dos entrevistados remete às estratégias de sobrevivência dos imigrantes diante de uma sociedade preconceituosa, e com isso os elementos identitários até agora apresentados

¹⁴¹ Ibid., p. 133.

parecem fazer parte do conflito de preservar as identidades e uma cultura que os diferenciam, de forma positiva, dos demais. Já no período pós-guerra, após a aceitação definitiva a disputa se transforma e passa se dar em nível de estratégias de ascensão social dos *nikkeis* e, esses elementos identitários passam a ser recorrentes como uma afirmação e diferenciação desses profissionais na sociedade brasileira.

Nos depoimentos do Sr. Yoshii e do Sr. Mashima percebe uma memória em que isso fica mais claro. O primeiro traz uma memória que justifica sua ascensão, baseada nos elementos identitários do grupo étnico japonês. Enquanto que o segundo, se trata de um imigrante que veio após a Segunda Guerra Mundial, década de 1950 participando do processo de expansão da agricultura brasileira no pós-guerra, de forma bastante positiva, afirmando que a colaboração dos japoneses foi fundamental para o sucesso desse projeto.

Do ponto de vista do planejamento, a vinda dos novos imigrantes pode ser considerada bem-sucedida. Sob a orientação de empresas como a Japan Migration and Colonization – JAMIC, fundada em 1954, ou pela Cooperativa Agrícola de Cotia, os jovens imigrantes se engajaram nos projetos de colonização ou no quadro de funcionários das indústrias privadas e de base. [...] ¹⁴²

3.2 ENTRE SER JAPONÊS E SER BRASILEIRO: NEGOCIAÇÕES E CONFLITOS DE IDENTIDADES

Podemos notar nos depoimentos, a presença de elementos identitários que aparecem na memória do grupo étnico japonês, como honestidade, disciplina, pontualidade, responsabilidade, e como esses elementos atuam na tentativa de diferenciar esse grupo étnico dos demais. Lembremos que, antes mesmo da entrada dos imigrantes japoneses ao Brasil havia um grande debate sobre a permissão ou não desses imigrantes, como foi apresentado por Jeffrey Lesser, e o enviado japonês para assuntos de imigração já salientava aspectos identitários dos japoneses, tratando-o como um povo quieto, trabalhador e com vontade de ser brasileiro, na tentativa de serem definitivamente aceitos pela sociedade brasileira. Mas, é certo que essa estratégia de inserção sofreu por

¹⁴² Ibid., p. 133.

inúmeras transformações ao longo dos anos de presença nipônica no Brasil, e os elementos identitários também passaram por mudanças. Porém, as afirmações de elementos identitários relacionados aos japoneses ainda é bastante marcante na memória dos descendentes, os diferenciando da sociedade num todo, criando uma fronteira entre o ser japonês e o ser brasileiro dentro do processo de negociação e conflitos das identidades. E é isso que pretendemos analisar nesse subcapítulo.

Um dos elementos recorrentes na memória das pessoas aqui entrevistadas é o preconceito sofrido na sociedade brasileira, principalmente até os primeiros anos pós Segunda Guerra Mundial. Segundo o relato de Estela, mesmo após a Grande Guerra havia certo preconceito contra os imigrantes japoneses e descendentes. Em um desfile de 7 de setembro, sua irmã carregou a bandeira do Brasil e ela foi a porta-bandeira, seus pais foram ver as filhas no desfile, porém, ouviram comentários do tipo: “Onde já se viu, né... uma japonesinha (que era a minha irmã) uma japonesinha carregando a bandeira do Brasil! Mas, não pode! Isso não pode acontecer! Não é?!” Estela contou que sua mãe ficou muito magoada com esses comentários.

Poucos anos depois, foi a vez de Estela carregar a bandeira brasileira no desfile de 7 de setembro, mas no dia do evento acabou não levando a bandeira. Ela contou que ficou muito chateada, sem saber o motivo de não terem a deixado levar a bandeira do Brasil. Só depois que ficou sabendo por uma amiga, o porquê: “Você tem cara de japonesa... Então não combina levar a bandeira brasileira”. “Daí, eu lembrei do caso da minha irmã... Então, não pode ter cara de japonês” (lembrava Estela).

Aí que eu comecei a me conscientizar que eu era, como os outros descendentes, um tipo diferente. Então, nós não éramos aceitos plenamente, assim, como brasileiros. Então, por quê? Por que não carreguei a bandeira brasileira?! A minha irmã ainda levou. Eu não! A professora não deixou levar, eu nunca fui questionar com ela, mas isso marcou muito, sabe. Marcou muito: por quê? Por quê? Sempre por quê?!

A crise de identidades relatada por Estela somada ao preconceito voltado contra os japoneses e descendentes no período de sua infância, também aparece ao longo de sua trajetória profissional. No entanto, nesse momento, o preconceito se ameniza, acredita-se que isso se deve boa parte à sua ascensão

como professora universitária, além de ser um novo momento na história dos imigrantes e descendentes japoneses, em que a aceitação dos mesmos por parte dos nacionais parece ser melhor. Estela foi professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Londrina, uma das fundadoras da Universidade Estadual de Londrina, e coordenadora de vários programas latino-americano e nacional, de melhoria do ensino. Então, viajou diversas vezes para o exterior representando o Brasil. Nessas viagens, Estela se deparou mais uma vez com o choque de identidades.

Então, as coisas vão passando e eu esqueço realmente que tenho... que sou descendente de japonês... Bom, eu sei que sou! [risos] Mas, que meu estereótipo é diferente. É o problema da identidade. Eu não, a minha identidade sempre foi brasileira, com raízes no Japão, mas eu sou brasileira em tudo, tudo. Eu sempre pensei assim!

Em viagens representando o Brasil, nesses programas em que participava, quando a chamava dizendo que era representante do Brasil, ela percebia que os demais a olhavam com estranhamento. Então, Estela pensava se havia algo errado com ela: “Você esquece que sua cara é de japonesa”, disse uma pessoa a ela. “Mas, será que é isso?!” Indagou Estela. “Claro que é! Você tem cara de japonesa, o nome... só tem Estela de brasileiro, o resto é todo japonês, claro que o pessoal de outros países [...] estranham!” Respondeu a pessoa.

Como é que uma cara de japonesa vem representar o Brasil, e não foi a única vez! [...] Então, essas experiências de identidade, algumas coisas foi bem marcantes para mim. Mas, você sabe que nem por isso me afetou.

Sobre suas viagens, Estela relatou também da experiência em visitar o Japão. Diferentemente dos *dekasseguis*, Estela foi a esse país a convite, para receber uma comenda do imperador. Salientou que recebeu a mesma homenagem que a sua mãe, algo difícil de acontecer: duas mulheres de uma mesma família receber essa comenda, dada na maioria das vezes a homens.

Estela percebeu que foi tratada pelos japoneses como estrangeira, apesar de seu fenótipo ser semelhante ao deles. Mesmo assim, não se sentiu discriminada em nenhum momento. Segundo ela, os *dekasseguis* não têm a mesma sorte, e acabam sofrendo muita discriminação no país de seus ancestrais.

Boris Fausto afirmou que o corte da imigração, através do deslocamento de espaço, podia ser motivado por vários aspectos predominando o de natureza econômica, e que o desejo de retorno surgia como uma possibilidade, mas que esse era o desejo de um retorno vitorioso, como, uma viagem de visita aos parentes para exibir o seu êxito, mas que esse desejo para a maioria acabou sendo frustrado. Nota-se que na memória de Estela essa frustração acabou sendo amenizada, já que uma brasileira descendente, pode ter seu valor reconhecido pelos brasileiros e também por japoneses, recebendo uma comenda, não apenas ela como também a sua mãe imigrante, além disso, uma comenda dada a maior parte das vezes aos homens. Ela ainda destaca a diferença de sua ida ao Japão (para receber uma homenagem) com a dos *dekasseguis*, dessa maneira Estela reafirma sua ascensão e a diferencia dos demais nipo-brasileiros que não atingiram o mesmo sucesso profissional e social e tiveram que buscar melhorias financeiras na terra de seus ancestrais, e que por isso, acabam sofrendo discriminações e preconceitos. Ou seja, nesse momento podemos dizer que tanto Estela quanto os *dekasseguis* se sentem brasileiros, porém sua condição permite que ela não sofra as mesmas discriminações que seus patrícios *dekasseguis*.

A questão das identidades e do processo de aculturação do grupo étnico japonês que já se encontra na sexta geração, foi apresentada por Estela a partir de duas linhas: uma linha que conforme as gerações foram se “abrasileirando”, no estereótipo (por meio da miscigenação com não descendentes) ou não (somente nos costumes). E outra linha, que conserva um pouco da cultura japonesa, e daí os não descendentes que entram nessa família, acabam se envolvendo mais com a cultura japonesa. Enquanto que a outra vertente já pretende se distanciar ainda mais dessa cultura, sendo cada vez mais brasileiros.

De acordo com Estela, o movimento *dekassegui* acabou por resgatar e fortalecer a cultura japonesa, devido ao retorno no país dos ancestrais. No entanto, o Japão também mudou, ele quase não apresenta mais alguns costumes e vocabulários que os descendentes mais velhos ainda preservam. Porém, a historiografia ao abordar sobre a experiência *dekassegui*, verifica que existem muitas dificuldades de adaptação dos brasileiros, e sobretudo de seus filhos e da vigilância, por parte dos japoneses, que recai sobre eles¹⁴³.

¹⁴³ Sobre a questão dos *dekasseguis* sugerimos as seguintes leituras: KAWAMURA, Lili. Brasileiros no Japão: direitos e cidadania; JUSTO, José Sterza. A chegada dos imigrantes japoneses e a

A entrevista foi encerrada com o relato de Estela falando sobre os casos de casamento interétnicos na sua família. Ela se casou com um *nissei*, mas sua irmã se casou com um nacional, originário do estado de Minas Gerais. O seu pai relutou um pouco para aceitar o casamento, pois se preocupava em não conseguir se comunicar muito com o genro não descendente. Ela apresentou uma fotografia de sua família, apontou que a partir de seus filhos começaram a ocorrer casamentos interétnicos, e com isso, suas netas são miscigenadas. Porém, elas ainda carregam, predominantemente, os traços físicos herdados de seus bisavós japoneses.

Ao falar sobre o choque de identidades vivido por ela, Estela recorda de momentos em que sofreu discriminações ou estranhamentos por parte dos nacionais, por apresentar traços físicos japoneses, e da crise entre se sentir brasileira e, em determinados momentos ser tida como japonesa. Além do fato de se sentir estrangeira no Japão, mesmo apresentando caracteres físicos semelhante aos deles. No entanto, ela afirma que isso não a afetou, nem em sua vida pessoal nem na profissional. Mas, devemos pensar que essa crise identitária vivida pelo grupo étnico *nikkei*, acaba por influenciar tanto na vida pessoal, quer dizer, na vida familiar, com quem irá se casar, por exemplo, quanto na vida profissional, ou seja, na escolha da carreira, se deve fazer faculdade ou não, entre outros. Esses elementos fazem parte das estratégias de sobrevivência e da ascensão social do grupo dentro do processo de negociação da identidade, aspecto bastante trabalhado na análise de Jeffrey Lesser¹⁴⁴.

Sobre o aspecto das identidades, Jeffrey Lesser apontou para uma negociação, que muitas vezes se apresentam múltipla, e a conquista de uma brasilidade (ser reconhecido como brasileiro) que ainda não foi alcançada por esses descendentes de japoneses.

Os personagens deste livro construíram e usaram etnicidades múltiplas, que operavam tanto em planos paralelos quanto em planos cruzados. A assimilação (na qual a cultura pré-migratória da pessoa desaparece por completo) foi um fenômeno raro, enquanto a aculturação (a modificação de uma cultura em resultado do contato com uma outra) foi comum, mesmo entre aqueles que, de forma ostensiva, rejeitavam a sociedade majoritária, permanecendo em comunidades fechadas. [...] os brasileiros hifenizados incorporaram

partida dos *dekasseguis*: dois lados da mesma viagem. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (Orgs.). **Cem anos da imigração japonesa**: história, memória e arte. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.

¹⁴⁴ LESSER, 2001, op.cit.

muitos dos elementos da cultura majoritária, mesmo permanecendo distintos. A aculturação, o que não é de surpreender, muitas vezes não foi reconhecida, nem pelos de fora nem pelos de dentro.¹⁴⁵

Assim, a entrevista de Estela nos aponta alguns elementos que podem indicar determinadas estratégias de sobrevivência e de ascensão social utilizadas por ela e pela sua família, entre elas a questão da importância da educação, e da negociação das identidades, por meio de sua colocação na sociedade, como professora universitária e dos casamentos internéticos ocorridos em sua família. Destaca-se, além disso, a memória de uma *nikkei* que muitas vezes não reconhece os elementos identitários incorporados por ela da cultura majoritária e que também não se sente reconhecida como brasileira pelos “de fora”, como afirmou J. Lesser no trecho citado acima.

Já no depoimento do Sr. Yoshii destaca-se a questão do legado deixado pelos seus antepassados, apontando como isso foi fundamental para a formação das identidades *nikkeis* no Brasil.

Nós somos todos brasileiros, é... mas a gente tem cara de japonês. E o legado que os nossos pais nos deixaram, e o legado que nós *nikkeis*, nós temos que deixar, porque isso foi muito bom para nossa vida, para nossa vida doméstica, nossa vida de família, e nossa vida profissional. Esse legado que os nossos... pioneiros deixaram aqui foi muito importante para todos nós.

O Sr. Yoshii também faz um balanço dos mais de cem anos da imigração japonesa para o Brasil, relacionando elementos identitários que, para ele, foram fundamentais para a integração desse grupo étnico na sociedade brasileira, com o sucesso profissional dos *nikkeis*.

Esses cem anos da imigração mostrou muito a integração do *nikkei* dentro da sociedade brasileira, e mostrou muito o quanto o *nikkei* desenvolveu dentro da sociedade. Então, na área profissional, como disse, na odontologia, na medicina, tudo, área humana e na área exata também, quantos profissionais *nikkeis* têm por aí. Na área de pesquisa, por exemplo, nossa... não tem área de pesquisa que não tenha um *nikkei*, por quê? Porque eles são muitos determinados, né! É... características importantes para todas essas áreas.

¹⁴⁵ Ibid., p. 22.

Ainda segundo o Sr. Yoshii essa geração de *nikkeis* tem uma responsabilidade muito grande, agradecer o legado deixado pelos isseis, que tanto sofreram para abrir as portas de seus descendentes dentro da sociedade brasileira, dessa maneira os mais jovens deve seguir e honrar o que foi aprendido da cultura japonesa, servindo de exemplo para outras etnias.

Com isso, fica bastante evidente a memória mitificada ligada à uma etnicidade vinculada aos elementos identitários que se acreditam vir da terra de seus ancestrais, e que, seguindo e honrando esses elementos, os *nikkeis* passam a servir de um modelo positivo para a sociedade majoritária. Esse aspecto, de tentar reafirmar para os mais jovens os aspectos identitários diferenciados do grupo étnico japonês, também foi observado por J. Lesser. Segundo esse autor a questão da dualidade de ser nipo-brasileiro consiste na pressão vivida pelos descendentes de japoneses: de um lado a sociedade majoritária, visando ao abrasileiramento, e do outro a geração dos imigrantes que dizem que os mais jovens estão se distanciando da cultura japonesa tornando-se “brasileiros demais”. Essa pressão é sentida principalmente nas publicações de jornais e revistas¹⁴⁶ da comunidade que publicam receitas da culinária japonesa, história da imigração japonesa, e até artigos sobre lugares onde os jovens descendentes podem se encontrar.

Para Lesser, isso revelou uma comunidade que quer preservar suas características dentro de um país no qual, de certa forma, se sentem rejeitados. Em contrapartida existe também a ideia de se apresentarem como bons brasileiros, na tentativa de melhorar a interação com a sociedade brasileira. O discurso de que os “japoneses” (honestos e trabalhadores) eram melhores “brasileiros” que os “brasileiros” não-descendentes (corruptos e preguiçosos), sugerindo que a etnicidade japonesa melhora a identidade nacional brasileira, pode ser observado não apenas na fala do Sr. Yoshii e dos demais entrevistados nesse trabalho, como também em propagandas institucionais e também entre os políticos descendentes que usam esses argumentos para angariar votos, de acordo com o levantamento de J. Lesser.

Destaca-se ainda o depoimento do Sr. Tan que comentou sobre o casamento interétnico e da resistência que os pais (*isseis*) tinham em relação a esse

¹⁴⁶ Entre as publicação voltadas para a comunidade *nikkei* destacamos o jornal *Paraná Shimbun*, com redação em Londrina, e a revista *Made in Japan* com redações em São Paulo e em Tóquio.

tipo de casamento, entre os filhos descendentes com os nacionais, e das consequências que isso poderia gerar.

E por outro lado, a miscigenação étnica, né?! Vem ocorrendo. No princípio os pais da gente eram contra, primeiro porque eles falavam só o japonês, e veja bem, você brasileira casando com um *nikkei*, e eu, por exemplo, *nikkei*, descendente de japonês, eu levasse você no convívio da minha família, dos meus parentes e tudo mais, você seria uma estranha no ninho. Por que? Porque quando faziam essas comemorações, festas, é tudo em japonês, você não iria entender “patavina”, né?! Você iria ficar marginalizada, sabe?! Não haveria sua integração lá, porque não sabia o que eles estavam falando, estavam rindo e tudo, você podia... e poderia acontecer perfeitamente de você falar para gente, se você tivesse casado comigo: - Olha, eu não me sinto bem, eu não vou, vai só você, e assim havia separação.

Lesser vê a questão do casamento interétnico também como uma estratégia da comunidade nipo-brasileira de se inserir nas classes média e alta. Além disso, para os não descendentes, ter os nipo-brasileiros como cônjuges, seria especialmente bom, já que esse grupo étnico é visto como uma minoria modelo. Nos últimos anos podemos dizer que essa argumentação de Lesser tenha realmente sentido. Entretanto, no depoimento de Toshihiko Tan, verifica-se que entre a primeira geração nascida no Brasil o casamento interétnico poderia causar mal-estar tanto entre a família pertencente ao grupo étnico japonês, quanto aos nacionais devido aos choques culturais e identitários. Ainda sobre os *nisseis*, o Sr. Tan fala do momento crucial que essa geração teve que enfrentar, dentro do processo de negociação das identidades.

Então, a gente foi uma verdadeira ponte de integração dos imigrantes japoneses com a sociedade brasileira. Então, nós fomos a ponte dos [*isseis*] com os *sanseis*, que seriam os filhos da gente. Então foi uma situação bastante difícil porque a gente precisa respeitar os hábitos, costumes dos japoneses, dos imigrantes japoneses, por outro lado, eu teria que formar os meus filhos pra se integrarem na sociedade brasileira.

Na sua família, depois dele e seus irmãos se formarem, ele questionou seus pais se eles queriam retornar à terra de origem, e eles disseram que não. Seu pai dizia que lá a vida era muito difícil, tudo muito certinho e rigoroso. Diziam também que não tinha lugar no mundo como o Brasil, onde tem fruta, verdura, comida, e também devido aos filhos que estavam aqui. Já não tinham mais

vontade de retornar. Seus pais até visitaram o Japão duas vezes, mas não queriam mais viver lá. Isso demonstrou que seus pais estavam bem adaptados a cultura brasileira que não aceitavam mais a vida de dificuldades e da disciplina rígida dos japoneses.

Por fim, comenta sobre uma cultura brasileira e *nikkei* que ainda está em negociação, e portanto não está formada.

Não existe uma entidade que diz quem é... qual é a cultura brasileira, né?!... Brasileira mesmo. Porque o contingente de etnias que formaram o nosso... a nossa ... a nossa população, o nosso povo é muito grande [...]. Você veja bem, quantas e quantas raças, não se juntaram e se formaram. Então, eu acho ainda que nós temos muita coisa ainda a caminhar, até haver uma aculturação japonesa integrado à cultura brasileira.

Enquanto que para o Sr. Yoshii a integração dos *nikkeis* à sociedade brasileira se deu de forma bem sucedida, para o Sr. Tan essa integração aparece ainda não constituída de fato. Assim, também concluí J. Lesser que afirma em seu trabalho que as negociações de identidades ainda persistem, e as memórias dos entrevistados, aqui analisadas, mesmo que não sejam afirmativas, nos aponta para isso. Lesser discute também que os nacionais continuariam contestando as identidades dos nipo-brasileiros usando ainda o termo “japonês” para se referir a eles observando ainda, que no caso da comunidade *nikkei* isso foi mais agravante do que em outras etnias não-europeias.

Podemos perceber que essa contestação às identidades dos nipo-brasileiros ocorre tanto internamente quanto externamente ao grupo étnico, pois as análises nos indicam que por se tratarem de conflitos de identidades, essa contestação parte de ambos os lados.

Por último, no depoimento de Issao Ujihara destaca-se a memória sobre o seu pai, que durante o período em que fazia faculdade de Medicina em São Paulo, escreveu para uma revista que abordava, entre outros, a crise de identidades vivenciada pelos *nisseis*.

Quando ele era estudante então, ele foi colaborador do *Jornal Paulista*, que é um jornal japonês, até hoje acho que ainda existe, da colônia japonesa, e foi então um dos fundadores/diretores dessa revista *Transição*. Como jornalista, escritor e poeta, já em português. É, aí nessa revista ele pode expressar o que sentia e pensavam os

filhos de japoneses, como ele escreveu. E eu peguei um artigo dele, e ele falava assim: “Somos uma transição, e por mais paradoxal que pareça unimos os antípodas”. Ou seja, ele reconhecia que ele tinha a cara de japonês, que ele era japonês, a própria sociedade brasileira dizia: você é japonês! De olho puxado, mas ao mesmo tempo eles se sentiam brasileiros, então eles por mais paradoxal que fosse, e queriam ser brasileiros, então eles uniam os antípodas, tá certo?! É porque era um sentimento difícil de ser assimilado. Porque eu acho que havia essa discriminação tanto dos chamados brasileiros com os japoneses, quanto dos próprios japoneses para brasileiros, porque japonês também tinha as suas... discriminações.

O aspecto de contestação das identidades do grupo étnico japonês é analisado por J. Lesser.

[...] A aceitação da etnicidade hifenizada por parte do grande público, no Brasil, permanece contestada, e os termos “árabe”, “turco” e “japonês” continuam ser aplicados a pessoas de ascendência não-europeia, quer sejam eles ministros importantes ou proprietários da livraria do bairro. Esse fato é mais visível no caso dos [descendentes de japoneses] que dos árabes-brasileiros, pela razão de que a fisionomia muitas vezes permite uma categorização instantânea. Muitos árabes-brasileiros simplesmente mudam seus nomes (ou dão nome “brasileiros” a seus filhos), mas, entre os [descendentes de japoneses], a sensação de que eles só poderão se tornar brasileiros mudando sua aparência fez que muitas mulheres apelassem para a cirurgia plástica nos olhos. Um alto índice de casamentos interétnicos (quase 46%, em geral, chegando a 60% em algumas regiões do país) é também um fato na comunidade *nikkei*.¹⁴⁷

Issao ainda cita o exemplo de seu tio que exerceu a profissão de médico em São Paulo e participou como tenente da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial, recebendo a Cruz de Combate, ele comenta ainda que apesar das dificuldades e crises vividas, os imigrantes e descendentes de japoneses tiveram uma integração bem sucedida no Brasil.

Então houve a integração total. Porque nessa época, na época em que os nisseis os filhos desses imigrantes, se transformaram em adolescentes e em adultos jovens, é... desencadeou-se a Segunda Grande Guerra em 1945. E que o Japão, Itália e Alemanha se uniram contra o mundo. E o sentimento de dificuldades, que aí é outra história, que você deve ter levantado aí... é de Shindo-Remmei¹⁴⁸, de

¹⁴⁷ Ibid., p. 296.

¹⁴⁸ As tensões étnicas e sociais ocorridas no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, levaram ao surgimento de uma série de sociedades secretas, cujo nacionalismo ultrajaponês mesclava-se ao desejo de reforçar o espaço da identidade nipo-brasileira. Uma dessas sociedades secretas surgidas no Brasil foi a Shindo-Remmei (Caminho dos Súditos da Liga do Imperador), seus

todas essas... os japoneses que não aceitavam a derrota do Japão. Os brasileiros que perseguiram os japoneses, ocorreu... Mas, mesmo assim, graças a Deus é... a colônia japonesa eu acho que não só teve uma contribuição fantástica para o desenvolvimento do Brasil, como efetivamente se integrou socialmente e culturalmente, e ainda guardando as raízes culturais, né?... mas é isso. E formando esse caldeirão de cultura que é o Brasil.

Comenta ainda sobre a forma em que se deu a colonização do Norte do Paraná: “A colonização do Norte do Paraná era em pequenos lotes promovendo um sentimento muito mais equitativo, do que as disparidades do latifúndio”. Em seguida, Issao faz um balanço sobre a presença dos nipo-brasileiros em Londrina.

Se você observar é a pura verdade... é ... exatamente isso... a colônia está totalmente integrada nos mais variados graus de atividades, de relacionamento é... e de convivência... Não existe o bairro japonês, é isso né?!

Outro aspecto importante no depoimento de Issao Udihara seria o comentário sobre o seu avô materno, que teria sido perseguido duplamente no período da Segunda Guerra Mundial. Ele teve sua residência invadida por policiais, durante o governo Vargas. Sr. Yassuda teve sua história publicada na revista *Cruzeiro*. Tinha um sabre que ganhou do barão de Itapeva, mas que foi confiscado

líderes eram oficiais aposentados do exército japonês, e a sua aparição surgiu em público em agosto de 1945. Tinha como objetivo principal à manutenção, no Brasil, de um espaço que preservasse, em meio aos *nikkeis*, a língua, a cultura e a religião, bem como o estabelecimento das escolas japonesas, além disso, a Shindo-Remmei não promovia o retorno ao Japão. Em 1946, a comunidade estava dividida em dois campos: os *kachigumi* (vitoristas – acreditavam na vitória do Japão na guerra) e os *makegumi* (derrotistas – acreditavam na derrota do Japão na guerra). Os integrantes da Shindo-Remmei usavam as afirmações da vitória japonesa para reivindicar, de forma tortuosa, às autoridades brasileiras, um tratamento preferencial como o grupo de mais alto escalão dentre os imigrantes. Entre março e setembro de 1946, dezesseis “esclarecidos” foram mortos, trinta *makegumis* foram gravemente feridos, e centenas receberam ameaças de morte trazendo a marca da Shindo-Remmei, uma caveira de ossos em cruz. Muitos cultivadores de seda, de algodão e de hortelã tiveram suas casas e campos destruídos. O inquérito policial contra a Shindo-Remmei foi instaurado em 2 de abril de 1946 e o processo começou em 11 de abril de 1950, tendo sido arquivado em agosto de 1958. Segundo o advogado da organização, ‘foi o maior processo conhecido na República pela quantidade de indiciados em uma única acusação’. Pelo menos seiscentas pessoas foram acusadas de terrorismo. Fonte: CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem Guerra: A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Geração Editorial; Editora da Universidade de São Paulo, 2000; LESSER, Jeffrey. **A negociação da Identidade Nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp, 2001. Sobre a Shindo-Remmei ver também: HATANAKA, Maria Lúcia Eiko. **O processo judicial da Shindo-Remmei: um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil**. São Paulo: Fundação Japão; Annablume, 2002; LESSER, Jeffrey; CYTRYNOWICZ, Roney. *Shindô Remei – A História merece mais respeito*. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/ol18072000.htm> >. Acesso em: 19 set. 2010.

porque acharam que era arma de guerra de samurais. Após o término da guerra, Sr. Yassuda tentou esclarecer aos japoneses que o Japão foi derrotado, e por isso foi ameaçado pelo grupo terrorista Shindo-Remmei, constituídos por fanáticos japoneses que não admitiam essa derrota. No entanto, aquele grupo foi preso a tempo pela polícia paulista evitando que seu avô entre outros fossem assassinados.

Como também haviam colocado o seu nome da lista negra porque achavam o Yassuda Sam brasileiro demais, por ter educado os seus filhos de acordo com normas típicas brasileiras, sem qualquer segregação ou enquistamento racial e... social.

Encerrando, Issao Udihara fala também da contribuição deixada pela colônia japonesa ao Brasil.

O que eu sei é a história que eu acho muito bonita... é de efetivamente fazer com que a colônia japonesa fosse realmente muito grata ao Brasil, e ter contribuído efetivamente para o crescimento do país. E se você considerar que vieram do outro lado do mundo com uma cultura e uma cara totalmente diferente, né?! Então...

Nos trechos acima, nota-se em seu depoimento que houve um constante conflito na constituição das identidades *nikkei*, primeiro com a questão da aceitação, depois em momentos específicos como durante e logo após a Segunda Guerra Mundial, com a perseguição sofrida durante o governo Vargas e, com o surgimento dos grupos terroristas, surgidos com o fim da guerra. Porém, Issao Udihara faz um balanço positivo dessa integração. Especialmente em Londrina, ele destaca que não há nessa cidade nenhum bairro japonês, significando uma integração bem sucedida à sociedade majoritária, e que de modo geral, mesmo apesar de todas as diferenças, tanto culturais quanto fisionômicas, o processo de integração no Brasil foi positivo, reafirmando o papel efetivo do grupo étnico japonês para o crescimento do país.

Podemos avaliar, por meio dos depoimentos e também baseando na bibliografia que trata sobre o tema, que a memória do grupo étnico japonês, representada aqui pelos cinco entrevistados, nos aponta para uma construção das identidades que remete às tentativas dos imigrantes e descendentes não-europeus em definir seu lugar dentro da identidade nacional brasileira. Percebe-se também, que o uso de identidades múltiplas é comum entre o grupo de ascendência

japonesa, ou seja, em determinadas situações ora é vantagem rejeitar suas origens japonesas —, no caso, quando se trata do convívio social com os não descendentes e também de seus traços fisionômicos, devido ao preconceito da sociedade majoritária — ora é vantagem afirmá-las, como, por exemplo, no aspecto profissional, associando sua etnicidade à ascensão social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram apresentadas na Introdução desta dissertação matérias de jornais e propagandas impressas que evidenciam uma memória autorreferente do grupo étnico japonês, procurando destacar que houve uma inserção socioeconômica bem sucedida alcançada por este grupo étnico. Ainda por meio da análise das entrevistas, podemos verificar que os *nikkeis* completam esta autorreferência de forma que os de fora a reforça. Temos que levar em consideração que a construção destas identidades autorreferentes se apresenta dentro de um contexto específico: o processo sócio-histórico brasileiro no pós-guerra. Além disso, também neste período, houve o fim do processo de fronteira em Londrina.

Observamos que, como afirmou Boris Fausto, o processo de imigração em massa ao Brasil para esses grupos étnicos foi uma aventura imigratória bem sucedida, tanto no plano de ascensão social quanto no da integração à sociedade nacional, mas, enquanto narrativa hegemônica. De fato, esta dissertação aponta para os conflitos dessa inserção: se ela fosse realmente bem sucedida, porque aparecem tantas referências a origem étnica; a passados não ‘brasileiros’, etc? Se tivesse havido a ‘integração bem sucedida’ este passado não deveria ter sido esquecido? Por isso, não poderíamos deixar de esquecer o roteiro de dificuldades no processo de inserção e mais, como essas dificuldades, crises e conflitos vividos influenciaram nas opções de estratégias de sobrevivência e de ascensão social, aspectos constituintes da luta dentro do “capitalismo de vencedores”.

Constatamos também que os descendentes trazem em sua memória elementos identitários que recriam um passado para se religar as origens de seus ancestrais integrando passado e presente, contudo, o passado que eles rememoram é, como todas as reconstruções, uma idealização, seja na vida individual, familiar ou relacionado ao grupo étnico. Tanto que em alguns trechos de depoimentos, como por exemplo, o do Sr. Tan, apesar de mencionar que seus pais eram agricultores no Japão, comenta também sobre a tradição samurai como algo que os *nikkeis* teriam herdado. Essa incorporação de um elemento — o espírito guerreiro dos samurais — seria um indicativo do uso de aspectos identitários tidos como japoneses na construção das identidades posteriores.

Através da análise das fontes orais notou-se que os membros deste grupo étnico fecharam-se dentro de um padrão de identidades presentes em um discurso construído pelos *nikkeis* que não permitiu que houvesse espaço para uma negociação da identidade de fato, ao contrário da ideia apresentada por Jeffrey Lesser. As identidades e memórias autorreferentes refletem os conflitos, preconceitos e embates vividos nestes mais de cem anos da presença dos japoneses e descendentes na sociedade brasileira. Portanto, as identidades se apresentam como híbridas e conflituosas.

Temos entre os entrevistados alguns perfis em comum que devem ser levados em conta nessa análise, como formação em nível superior e uma inserção positiva profissional: um empresário (engenheiro civil), um médico, uma professora universitária aposentada, um dentista e também professor universitário, e por fim, um engenheiro agrônomo aposentado. Fazendo parte de uma camada que atingiu certa ascensão social eles procuram justificar, através de suas memórias e experiências, como atualmente se apresenta esse grupo étnico em uma conjuntura favorável. Assim, aparece na memória elementos identitários que tentam definir e reforçar sentimentos de pertencimento e de fronteiras sociais, por meio da referência a um passado ancestral, que busca promover uma aparente coesão desse grupo étnico definindo seu lugar na sociedade.

A presença da valoração da educação na fala dos depoentes aqui levantados acaba por reforçar um discurso para com o outro, não descendente, apresentando a adesão deles ao processo hegemônico capitalista brasileiro. Assim, o investimento feito pelo grupo étnico *nikkei* para a manutenção de seus valores e tradições, além da utilização de alguns mecanismos para a sua inserção na sociedade brasileira, entre eles a opção por seguir carreiras profissionais altamente valorizadas indicam que não houve apenas um projeto de ascensão social, mas também um alinhamento específico pelo alto.

O ingresso dos descendentes de japoneses às escolas e faculdades convencionais proporcionou a ampliação da inserção desse grupo étnico na sociedade abrangente, além de ter sido eleita por eles, a melhor estratégia para que os descendentes participassem das transformações socioeconômicas que estavam ocorrendo no Brasil, no período pós-guerra. As opções pelos cursos das áreas de Exatas e de Biológicas garantiram o projeto de ascensão social, e, sobretudo, foi um dos elementos mais importantes que constituíram a imagem autorreferente deste

grupo étnico, servindo como suporte para a formação das identidades e memórias *nikkeis*. Verificou-se ainda, que a educação tratada como compromisso familiar e disciplina embasou as identidades e aparece como um valor distintivo deste grupo étnico perante a sociedade brasileira.

Com isso, este trabalho avançou ao verificar por meio das memórias a importância da educação como suporte para formação das identidades *nikkeis*, além de analisar outros elementos identitários e os conflitos vivenciados, e como estes aspectos se apresentaram tanto como uma estratégia de sobrevivência, mas, principalmente como um projeto de ascensão social. Além disso, a contribuição desta dissertação está em abrir pistas para que outros trabalhos possam ampliar a discussão em torno da questão da imigração japonesa e de sua etnicidade.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, Zuleika. A Vida Privada dos Pobres do Campo. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: Amado, Janaína; Ferreira, Marieta de Moraes (Coords.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- ARAI, Jhony; HIRASAKI, Cesar. **100 anos da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Bunkyo – Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, 2008.
- ARRUDA, Gilmar. **História, historiadores, regiões e fronteiras**. Londrina, 2002. Mimeografado.
- ASARI, Alice Yatiyo; TSUKAMOTO, Ruth Youko. Da terra do sol nascente às terras férteis do Paraná: territorialização e organização social de *nikkeis*; SAKURAI, Célia. Dos passageiros do Kasato Maru aos aviões da Varig: quem eram os imigrantes?; SCHPUN, Mônica Raisa. Imigração japonesa no Brasil: riquezas de uma presença secular. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Orgs.). **Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- CAPELO, Maria Regina Clivati. **Educação, escola e diversidade cultural no meio de Londrina**: quando o presente reconta o passado. 2000. 288p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CERVO, Luiz Amado. **O parlamento brasileiro e as relações exteriores: 1826-1889**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem Guerra**: A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial; Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral** – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FAUSTO, Boris. Imigração: Cortes e Continuidades; MELLO, João Manuel Cardoso; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). SHWARCZ, Lília Moritz (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 1998.

Gazeta do Povo; Jornal de Londrina, Curitiba; Londrina, 16-20 jun. 2008. Suplemento especial: 100 anos de imigração japonesa, 5 v.

HATANAKA, Maria Lúcia Eiko. **O processo judicial da Shindo-Remmei**: um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil. São Paulo: Fundação Japão; Annablume, 2002.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da Identidade Nacional**: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.

_____. De *nikkei* para brasileiro e vice-versa: o papel da etnicidade na luta armada de São Paulo; SAKURAI, Célia. A imigração dos japoneses para o Brasil no pós-guerra (1950-1980); WAWZYNIAK, Sidinalva Maria. A “Colônia” como representação: Imigração japonesa no Brasil. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (Orgs.). **Cem anos da imigração japonesa**: história, memória e arte. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MOTA, Lúcio Tadeu. A construção do vazio demográfico. In: **As guerras dos índios kaingang**. A história épica dos índios kaingang no Paraná. (1769-1924). Maringá: Eduem, 1994.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Restrições ao braço asiático (chinês e japonês) como força de trabalho. Diferenças regionais. In: _____. **Imigração japonesa na História Contemporânea do Brasil**. São Paulo: Massao Ohno Editor; Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1984.

OGUIDO, Homero. **A saga dos japoneses no Paraná**. 2. ed. Curitiba: Ipê, 1988.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART. Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. In: _____. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

SATO, Lílian H. **Imigração japonesa para o Norte do Paraná**: Assaí – 1930-1980. 1999. 122p. Monografia (Especialização em História). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SUZUKI, Teiiti. A imigração japonesa no Brasil. In: **Vida e arte dos japoneses no Brasil**. São Paulo: MASP; Banco América do Sul, 1988. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/revista/revista039/rev039teiirisuzuki.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2009.

YAMAKI, Humberto. **Mini atlas da colônia internacional**: as terras da CTNP. Londrina: Edições Humanidades, 2008.

_____ (Coord.). ATLAS DA “COLÔNIA INTERNACIONAL”. CTNP. Londrina. *Folder da Exposição*. Londrina, 2008.

FONTES ORAIS

Entrevista realizada com *Estela Okabayaski Fuzii*. Londrina, 28 jul. 2009.

Entrevista realizada com *Atsushi Yoshii*. Londrina, 10 ago. 2009.

Entrevista realizada com *Toshihiko Tan*. Londrina, 18 ago. 2009.

Entrevista realizada com *Masasuke Mashima*. Londrina, 5 maio 2010.

Entrevista realizada com *Issao Yassuda Udihara*. Londrina, 15 maio 2010.